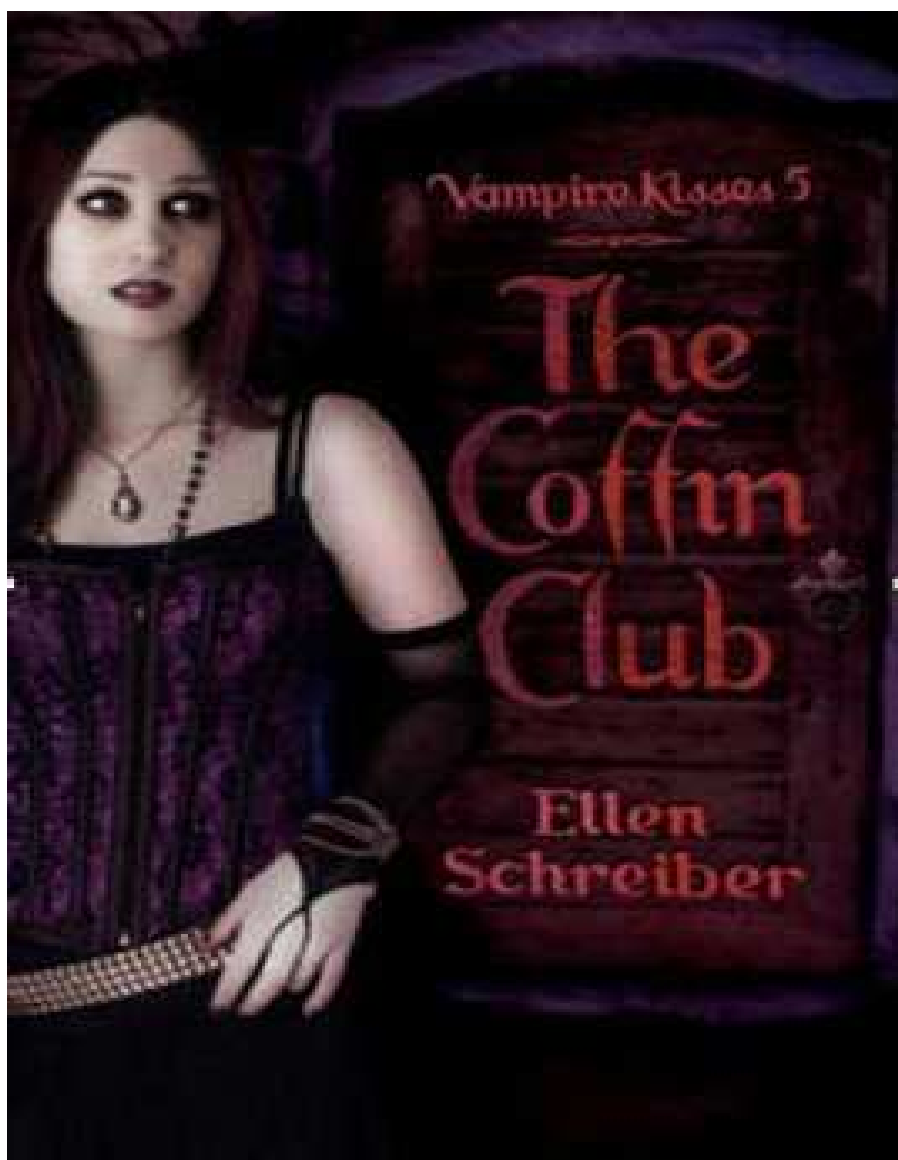




VK - The Coffin Club

Vampire Kisses - The Coffin Club

Os membros do nosso clube vem a ter um preço muito alto.
—Phoenix Slater



1 — Morcego fora do inferno

Eu voei da classe como um morcego fora do inferno. O sino de Dullsville High tocou seu sinal final e eu era a primeira estudante a chegar no meu armário.

Normalmente o som do sino chegava aos meus nervos como o de um pica-pau que martelava em uma sicômora (tipo de árvore), mas desta vez o zumbido era tão melodioso quanto o som de um cravo (instrumento musical). Significava uma coisa: férias de verão.

As duas palavras rolaram fora de minha língua como o néctar doce da madressilva de florescência. Todas as férias não são maravilhosas? Certo.

As férias de verão ultrapassam todos com suas vantagens incomparáveis e metade dos meses de liberdade dos livros de texto, dos professores, e do tormento. Nenhuma detenção, leituras, ou questionários de PNF. Não mais passar oito horas nos confins da Dullsville High, sendo a única gótica na escola cheia de formais, ou tentando deixar uma caneca de café superforte na minha mesa de cadeira. E o mais importante, eu poderia dormir muito tarde. Apenas como um vampiro.

Minhas algemas escolares coloridas vermelhas e brancas tinham sido deslizadas para fora de meus pulsos. Eu estava tão eufórica que quase esbarrei em uma estudante modelo, era minha melhor amiga, Becky, em seu armário. Era a última vez que eu teria para lembrar, ou para esquecer, como eu fazia freqüentemente, as coordenadas aleatórias do fechamento. Livros não devolvidos, os cadernos, as embalagens de doces, e os Cds, enchiam o armário minúsculo de metal. Sempre preguiçosa, eu esperei até o momento final para limpá-lo. Ao contrário de outros armários que tinham fotos atuais de casais, me olhando de volta, no meu estavam os retratos a óleo de mim e de Alexander que ele tinha pintado e tinha me surpreendido pendurando-os em meu armário. Eu olhei para eles veneravelmente e toquei os com cuidado, quando eu me vi confundida pela confusão enorme na minha frente. Eu pensei que precisaria de um carrinho de mão pra poder pegar tudo e colocar na caminhonete de Becky, puxei uma lata de lixo que estava por perto e joguei fora qualquer coisa que eu tinha destruído.

- O verão chegou! Dá para acreditar? - Becky disse, me alcançando. Nós batemos as mãos entusiasmadas como se nós tivéssemos ganhado bilhetes de um concerto esgotado.

- Está finalmente aqui! - Eu exclamei. - Sem mais provas ou recados pros meus pais sobre meus vestidos.

Becky abriu seu armário, que já tinha sido limpo. As fotos suas e de Matt tinham sido colocadas presumivelmente em um porta-retratos com subtítulos coloridos, bordas bonitas, e etiquetas de coração. Examinou o armário vazio para qualquer outra coisa que pudesse ter esquecido.

- Olha como você o esvaziou mesmo. - eu brinquei.

- Este vai ser o melhor verão, Raven. Este é o primeiro verão que nós duas teremos namorados. Pensando bem, nós estaremos na beira de uma piscina namorando os caras mais gostosos de Dullsville.

Eu peguei uma pintura de Alexander e de mim na frente do restaurante Hatsy que ainda estava pendurada no interior da minha porta do armário. As estrelas cintilavam acima de nós e nós fomos iluminados pelos raios da lua.

- Bem, uma de nós terá - eu disse.

E eu não estava me referindo o fato de que meu namorado não poderia adorar o sol.

Eu tinha mais um grande problema, porque ele não estava mesmo em Dullsville. Becky deve ter lido minha expressão tristonha.

- Eu aposto que Alexander voltará a qualquer momento para fazer piqueniques no cemitério com você. - Becky ofereceu com um sorriso brilhante.

Alexander e seu mordomo assustador-mas-amável, Jameson, tinham levado o vampiro enfermo, Valentim Maxwell, a Hipsterville na esperança de reuni-lo com seus abomináveis irmãos, Jagger e Luna de Draculine. Depois que Valentim tentou afundar seus dentes minúsculos em meu irmão pequeno, Billy Boy, seu melhor amigo, Henry, começou a questionar sua possível identidade. Quando Alexander estava em seu quarto do sótão que estava o menino doentio com os remédios romenos de Jameson, eu fugi da sala liguei para o Clube do Caixão para confirmar a localização de Jagger e de Luna. E com isso, Alexander foi forçado a me deixar aqui em Dullsville enquanto juntava Valentim com seus irmãos mais velhos. Alexander tinha me prometido que retornaria a Dullsville logo.

Entretanto, o que nós pensávamos ser uma apenas uma visita noturna a Hipsterville transformou-se em dois, então três dias. Depois, por muito tempo. O vampiro romeno e sensual Alexander tinha trazido vida na minha já escurecida vida. Enquanto a mansão velha permaneceu vazia de seus habitantes impossíveis, eu comecei a sentir falta de coisas específicas sobre ele, da maneira que escovava maciamente meu cabelo para longe de meu rosto ou seguir o laço de minha saia com seus dedos brancos de fantasma. Eu senti falta de seus olhos castanhos de chocolate sonhadores, seu sorriso brilhante sexy, seus lábios macios pressionados nos meus.

Eu me ajeitei para ir na terceira roda do carro do amor de Matt e Becky. Nas noites iluminadas pela lua, em vez relutantemente de assistir a equipe de futebol da escola, eu visitava freqüentemente a mansão vazia, me sentava debaixo de suas árvores esqueléticas, por suas portas de ferro, ou em suas rachaduras desiguais da parte dianteira do cimento. Outras vezes, eu ficava pelo gazebo, onde Alexander e eu tínhamos compartilhado de sobremesas românticas e de beijos roubados.

Eu me assegurava que a todo instante eu veria os faróis da Mercedes de Jameson se irradiar acima da entrada de automóveis, mas cada noite toda vez que eu ia para casa sozinha, a entrada de automóveis continuava desprovida de algum carro como veículo.

Eu risquei cada dia livre que se passava em meu calendário de Emily - a Estranha com um gigante e preto X. Estava começando olhar um jornal revirando as páginas com a ponta dos dedos do meu pé. Ocasionalmente a campainha soou, e quando fez, eu corria para à porta da rua na expectativa selvagem de Alexander envolver seus braços pálidos em torno de mim, puxando me para cima, e plantando me com um beijo apaixonado. Em vez do cumprimento do meu namorado, eu fui encontrar uma mulher da entrega de poder da flor que prendia um ramalhete das rosas. Meu quarto já escurecido estava começando a assemelhar-se ao repouso fúnebre de Dullsville. Com cada dia que se passava, eu queria saber o que poderia o tomar por muito tempo. Protegia-me mais uma vez de algo perigoso e sombrio? Meu namorado, sempre envolvido em um bocado de mistérios, isso somente me fazia amá-lo mais.

Eu tinha colocado a pintura de nós em minha mochila e colocado então um artigo especial ao lado do meu bracelete do arame farpado do clube do caixão. O clube do caixão. A

boate mais gótica em Hipsterville. Eu tinha tropeçado em cima do lugar quando eu visitei a cidade estranha há alguns meses atrás. Ao contrário de todo o outro clube que eu fosse, o clube do caixão era a antítese de Dullsville. Era o primeiro lugar onde eu realmente me encaixava, onde realmente me cabia, cercado pelo gosto, pelo estilo, e pelas atitudes similares. Eu sonhei do retornar de lá com o Alexander em meu braço. Mas agora eu estava a milhas de distância do meu clube noturno favorito e de meu indivíduo favorito.

Eu toquei a pintura de Alexander e de mim dançando no campo de golfe de Dullsville. Eu daria qualquer coisa para estar com Alexander outra vez. Eu imaginei uma pintura que eu poderia adicionar a minha coleção: uma de Alexander e de mim dançando debaixo dos manequins pálidos e cadavéricos suspensos no clube do caixão. Apenas então Matt interrompeu meu 'sonho' e deu a Becky um beijo inesperado em seu pescoço, algo que eu sentia falta desesperadamente de Alexander. Becky estava certa. Eu sabia que eu veria Alexander outra vez, era apenas uma questão de quando. Mas eu estava esperando agitada.

- Eu pensei que você tinha limpado seu armário há dias. - Matt disse. - Você precisa de ajuda?

- Obrigada, mas eu quero salvar este momento. Eu o encontrarei onde os outros caras estão.

Com meus pares favoritos de roupas, um grupo de meninas que usam bolsas e sapatos de estilistas passou por mim como se estivessem em uma passarela, falando sobre viagens e acampamentos europeus, do estilo que somente pessoas nesse estilo estariam entendendo.

Eu apenas olhei para a frente para um lugar que eu não teria que ver Dullsville altamente. O ar morno do verão bateu através das portas e das janelas abertas das salas de aula. Eu senti algumas polegadas mais alto. Eu lancei minha mochila sobre meu ombro e andei vivamente passando pelas salas de aula abertas. Eu estava apenas alguns pés da liberdade. Eu alcancei para fora para empurrar a porta principal aberta quando alguém saltou na minha frente. Nada podia estragar meu dia favorito do ano. Bem, quase nada. Trevor Mitchell, meu nêmesis por toda a vida e vestindo khaki desgastado ao meu lado, estava olhando fixamente para mim.

- Você não pensou que eu a deixaria sair sem dizer adeus?

- Saia da frente antes que minhas botas façam contato com suas canelas - eu o adverti.

- Eu não tenho visto o menino monstro por semanas. Você o está mantendo enterrado em algum lugar?

- Saia da minha frente antes que eu o mande para o necrotério. Eu acho que eles estão de férias.

- Eu realmente vou sentir falta de não te ver diariamente.

Trevor manteve seu olhar um tanto demasiadamente longo, como se ele tivesse 'estudando' apenas o que iria falar. Eu poderia dizer que estava sério e surpreende-lo tanto quanto me ele me surpreendeu.

- Eu tenho certeza que você sabe sobre ele. Você irá conseguir uma beleza bronzeada de *Baywatch* e estará ocupado.

- Mas o que *você* irá fazer? Eu ouvi na cidade sobre a saída do menino monstro. Para sempre. Isso a deixará na cidade todo o verão sozinha.

Eu odiei que um boato tinha começado sobre Alexander ter ido embora.

- Ele não foi embora... para sempre - eu defendi. - Está voltando. Mas realmente não

importa porque eu estou indo ver ele. Nós passaremos o verão juntos fora da cidade e longe de você.

Eu sabia que eu estava inventando, mas o pensamento de Trevor saindo com uma salva-vidas em cada braço e rindo de mim enquanto eu esperava sozinha na mansão fez meu sangue mortal ferver. Trevor não resistiria o meu desafio. Isso só o deixava mais excitado.

- Então, que tal um beijo? - disse com um sorriso forçadamente 'sexy'. - Algo para nos recordarmos?

Embora eu tivesse tido sugestões do Valentim do desejo interno de Trevor por mim, eu ainda achava suspeito. Eu nunca sabia o que estava se passando na cabeça de Trevor, muito menos em seu coração. E não era mesmo certo que ele tenha um. Trevor era lindo, e não dá para ter nenhuma dúvida sobre isso. Seus olhos verdes dignos de derretimento e sua cara cinzelada podiam facilmente fazer-lhe o menino da capa de qualquer revista. Mas não estava certa se Trevor gostava realmente de mim ou apenas gostava de me infernizar. De um jeito ou de outro, não se mexeu e inclinou-se perifericamente para mim. Havia somente um indivíduo que eu estava indo beijar e aquele era Alexander. Eu empurrei minha mão para seu rosto.

Trevor olhou para mim com um sorriso forçadamente 'sexy'. Quanto mais eu lutava, mais ele gostava. Eu era a oponente final do futebol de Trevor e estava sempre desesperado para mais um jogo. Eu pausei por um momento e olhei para cima, para o indivíduo que me atormentava desde o jardim de infância. Trevor era realmente a única pessoa que prestava atenção em mim na escola, além de Becky. Eu não tinha certeza se eu também sentiria falta de ver ele todo dia.

- Eu lhe darei algo para se lembrar de mim - eu disse. - A parte de trás da minha cabeça.

Eu empurrei ele e escapei através da porta à liberdade. Eu pisei para fora de Dullsville High e no brilho brilhante do sol. O ano estava atrás de mim. Completamente, tinha sido o melhor ano de minha vida, porque eu tinha encontrado, namorado, dançado, e tinha caído de amor por Alexander Sterling.

Os estudantes estavam andando para casa ou estavam entrando nos carros luxuosos e caríssimos dos seus pais, dirigindo para começar seus meses de divertimento ao sol com pessoas exatamente como eles. Eu tinha passado um ano escolar inteiro cercado por pessoas como Trevor. Meu nêmesis forçou-me realmente em considerar a luz. Era hora para eu estar com o povo do meu próprio tipo. Eu não estava indo passar meu verão sem Alexander, muito menos outro dia. Havia somente uma coisa que me mantinha longe de Alexander. Eu. E isso podia facilmente ser reparado com apenas uma ligação.

2 - Cabeça de morto / Penetra

Há mais do que alguns meses atrás eu acenei um adeus para minha mãe na rodoviária Greyhound de Dullsville e embarquei no ônibus com destino a Hipsterville para visitar minha não conservadora irmã hippie do meu pai, tia Libby.

Hoje eu estava entorpecida num Prozac, sem o Prozac, pasma por voltar a rústica cidade de Hipsterville - casa das exclusivas lojas de café, com canecas de café feitas à mão e bolinhos frescos (sem os tipos de desenho recortados que faziam parte dos grupos com música enlatada), boutiques góticas e modernas, e o perfeitamente mórbido Clube do Caixão. Eu estava animada por ver tia Libby novamente, mas ainda mais importante, eu estava a apenas poucas horas de distância para me reunir, ou como eu esperava, ao meu par vampiro número um.

Passei a viagem no ônibus rabiscando no meu diário da Olivia Outcast, imaginando o meu reencontro com Alexander. Nós nos encontraríamos dentro do Clube do Caixão, onde manequins pálidos com asas de morcego estariam pendurados no teto e fantasmas como névoa, permeariam o ar. Alexander estaria esperando por mim no meio da abarrotada pista de dança, com uma única rosa negra. Eu ia correr para dentro de seus braços e ele iria me envolver entre eles como uma Julieta gótica. Ele iria se inclinar sobre mim e me cumprimentar com um longo e sedutor beijo, enviando arrepios da minha cabeça para minhas botas de combate. Nós dançaríamos noite afora ao som dos Esqueletos até que as minhas pernas não pudessem mais me segurar. Alexander e eu nos aventuraríamos lá fora no cemitério da pequena igreja, e desceríamos para uma cripta vaga, onde um caixão vazio estaria esperando por nós. Ele fecharia a tampa sobre a nossa noite quando o amanhecer se aproximasse, e nos aconchegaríamos juntos na escuridão.

Eu estava no meio de um episódio de Os Monstros no emprestado (ou melhor subornado) Ipod de Billy Boy quando eu notei a placa de saída de duas milhas de Hipsterville. Na última vez que cheguei em Hipsterville, um céu ensolarado e fofas nuvens azuis pairavam sobre a cidade.

Dessa vez eu a encontrei com nuvens sinistras e com um feroz aguaceiro.

Eu me cobri com meu capuz de caveira e ossos cruzados enquanto o motorista, não amedrontado pela torrencial chuva, descarregava as malas da carga do ônibus. Finalmente eu vi minha mala, agarrei ela, e me precipitei para debaixo do abrigo da parada de ônibus, juntamente com uma multidão de outros passageiros. Uma coisa não tinha mudado - Tia Libby estava longe de ser encontrada.

Eu vi como cada viajante era apanhado por uma pessoa até que eu era a única viajante deixada à espera na parada. Quando eu estava batendo minhas botas nas crescentes poças, ficando entediada, olhei para a loja de conveniência a poucos metros de distância. Eu chequei os corredores por alguma mulher hippie com perfume de potpourri (misturado) ou mulheres usando sandálias Nairobi e saias tingidas. Infelizmente, tudo que eu vi foram alguns caminhoneiros e famintos motoristas de ônibus.

Eu estava ficando mais ansiosa por ver minha descolada tia Libby novamente. Ela e eu éramos as estranhas entre o clã Madison. Minha tia vivia um não convencional estilo de vida, trabalhando como garçoneiro em um restaurante vegetariano para bancar sua carreira de atriz. Ela era um espírito livre, e Hipsterville era uma cidade rústica onde ela podia ter

alimento orgânico, energia positiva e independência. Embora tivéssemos gostos diferentes, eu sempre me senti unida a ela naquilo que compartilhávamos como a paixão por sermos diferentes.

Dez minutos depois, tia Libby ainda estava em nenhum lugar. Talvez ela estivesse presa em um ensaio ou preenchendo vidros de sal no restaurante. Eu podia sentir a encarada do caixa tatuado. Eu não quis parecer estar perdendo tempo, o que eu estava, ou desligada, o que eu não era. Meu estômago começou a rosnar.

Eu fui indecisa para um corredor de doces, debatendo qual açúcarado doce formador de cáries eu ia comprar, quando eu senti um toque no meu ombro. Eu me virei. Uma linda moça vestindo uma calça bem passada, um blazer de corretor Casa Feliz, e o sorriso de meu pai parado na minha frente.

- Tia Libby? - eu perguntei, confusa.

- Raven! É ótimo ver você! - Ela me deu um abraço apertado e eu pude sentir seu rosto ensopado de chuva contra o meu próprio, úmido. - Espero não ter chegado tão atrasada.

- Acabei de chegar - Eu menti.

- Aposto que você está faminta. Podemos parar e comer alguma coisa. Eu tirei o resto do dia de folga. - Ela levantou a minha mala e nos apressamos para o seu clássico fusca.

Não ajudava, mas encarei minha tia, que tinha trocado sua roupa de garçonne por uma de corretora, como se tivéssemos desmoronado.

- Surpresa em me ver em um terno? - Ela perguntou, obviamente, lendo meus pensamentos.

- Eu acho que eu nunca te vi sem sandálias e uma flor em seu cabelo - eu provoqueei.

- Achei que era hora de ter um trabalho de verdade - ela confessou. - Eu não me preocupei em dizer a seu pai. Eu não tenho estado trabalhando muito e eu já tirei a metade do dia de folga. - Ela riu. - Então, quem sabe quanto tempo isso irá durar.

Ela ligou o carro e o motor deu uma leve guinada quando ela dirigiu através da área histórica do centro da cidade.

Tia Libby tinha um espírito tão independente, me senti decepcionada e triste por ela estar desistindo de seu sonho. Eu não a quis mudar, nem eu nunca quis mudar. Eu me perguntei, se Tia Libby teve que desistir de suas paixões, será que eu teria também?

- Você desistiu de atuar? - Eu perguntei.

- Não, está no meu sangue - disse ela. - Na verdade, eu estou fazendo um show de uma mulher só. (**N/T: show que uma pessoa interpreta vários personagens) Você pode tirar a garota da atuação, mas não pode tirar a atuação de dentro da garota.

Eu me senti aliviada. - Uma mulher-show... Isso é ótimo. Em breve você terá seu próprio Oscar.

Tia Libby gargalhou, e então ficou séria. Gotas de chuva golpeavam o pára-brisas e os limpadores rústicos lutavam para limpá-las enquanto íamos em direção ao seu apartamento.

Alguma coisa estava estranha enquanto eu olhava para fora pela janela. Uma sinistra sombra encobria a cidade enquanto nos dirigíamos através dela. Pensei ter visto alguns morcegos pairando sobre uma igreja.

- Uau... Aquilo parece com...

- Morcegos?

- Sim.

- Havia um ninho deles em uma das casas que temos no mercado. Você teria adorado isso!

- Fantástico.

- E você teria adorado esta casa que nós alugamos.

- Sério? Era assustadora?

- Completamente. Era uma mansão meio abandonada.

- Uma mansão? - Perguntei. Não poderia ter sido a que Alexander e Jameson tinham ocupado da última vez que estiveram aqui.

- Sim - minha tia respondeu.

- Bem, devem haver bastantes nesta cidade - Eu insinuei.

- Não tantas assim. E não uma como esta.

- O que você quer dizer?

- Esta tem estado abandonada há anos. O gramado dos fundos estava completamente alto, e eu acho que o piso precisava ser restaurado, mas o novo inquilino parecia não se importar.

- É uma em Lennox Hill Road?

- Sim. Como é que você sabe?

- Uh... me lembro de ter visto fotos dela no jornal da última vez que estive aqui - eu menti.

- Ela parecia uma casa onde você gostaria de morar. Eu não ficaria surpresa se ela fosse assombrada.

Se alguém tinha alugado a mansão, então onde Alexander e Jameson estavam ficando? E como eu iria encontrá-los?

- Você ainda tem a chave? Talvez eles possam me dar um tour.

- Não, o homem que está alugando tem a chave.

- Como ele se parece?

Minha tia pareceu intrigada.

- Eu só estou me perguntando que tipo de homem iria alugar uma mansão. Talvez um príncipe ou um grande executivo - eu a estimulei.

- Este homem não era príncipe, mas estava mais para um cavalheiro. Ele parecia esquisito - no sentido macabro da palavra. Eu acho que é por isso que ele gostou da casa.

- Jameson! - Eu deixei escapar, ao mesmo tempo que minha tia Libby buzinou e pisou nos freios.

Um pardal voou rapidamente na nossa frente.

- Eu freio para as aves - ela disse com um sorriso.

Eu me perguntei o porquê de Jameson alugar uma mansão. Eles planejavam ficar indefinidamente? Meu coração afundou. Então me lembrei das palavras tranquilizadoras de Alexander: "Eu voltarei em breve." Mas o que estava mantendo o meu namorado aqui?

Nós viramos para a rua alinhada por árvores de tia Libby e ela confiantemente, ou estupidamente, espremeu seu fusca em um espaço anorexamente pequeno entre um caminhão e uma scooter laranja. Tia Libby passou um cadeado na tranca do seu volante. Ela abriu a porta para a entrada do prédio enfileirado por casas de 1940, abrindo seu correio, e em seguida a porta de seu apartamento. Tia Libby tinha tantas chaves quanto o porteiro da escola de Dullsville.

O cheiro de incenso de lavanda passou através das fissuras da porta do apartamento de Tia Libby antes que entrássemos. Uma vez lá dentro, um sopro de aromas florais bateu-me como se eu tivesse entrado dentro de uma estufa de flores.

Embora o vestuário de Tia Libby tivesse mudado, a decoração de seu apartamento não. Além de algumas pilhas de manuais de imóveis imobiliários que estavam assentados em sua mesa de centro, os anos sessenta e setenta ainda governavam o apartamento de um quarto. Cortinas frisadas penduradas na armação da porta do seu quarto e as velas meio derretidas alinhadas em cada centímetro de espaço disponível, da cornija da lareira ao chão.

Quando eu estendi minha roupa ensopada de chuva para secar no pequeno banheiro de tia Libby, eu imaginei como minha vida seria diferente se eu nunca tivesse encontrado Alexander. Quando eu crescesse o que iria me tornar? Dullsville era muito maçante para uma garota como eu. Eu provavelmente terminaria em Hipsterville em um apartamento parecido com o da minha tia, só que eu teria candelabros gotejando cera, cortinas de renda preta, e uma gárgula na cabeceira da minha cama.

Mas o que isso significaria se eu não pudesse compartilhá-lo com Alexander? Vivendo para mim mesma e talvez trabalhando como garçonne no Clube do Caixão, noite após noite. Eu senti uma pontada da solidão por minha tia, ela tinha comido, dormido, morado sozinha por tantos anos desde que eu podia me lembrar. Em vez de ser arrastada para baixo pelo seu estilo de vida independente, Tia Libby parecia bem sucedida nele. Ela era uma serial encontros e tinha um vasto círculo de amigos da sua comunidade do teatro. Tia Libby era linda. Alguém tão descolada e legal quanto ela poderia ter qualquer homem que quisesse.

Eu reapliquei minha sombra de olhos chocolate, meu delineador e sequei meu cabelo úmido. Eu senti o cheiro do molho teriyaki e encontrei tia Libby - do jeito que eu sempre a conheci, vestindo jeans bordados e chinelos com pedras, um top amarrado por baixo do blazer de linho, mexendo a fritura em sua panela.

Eu suspirei, aliviada por minha tia ter regressado ao seu interior normal.

Tia Libby serviu nossas saudáveis entradas. Nós nos sentamos em sua mesa de café, sobre fofas almofadas extra-grandes e não combinadas, cercadas por velas, incenso, e uma refeição asiática picante.

- Eu estou pensando em me casar! - Ela anunciou repentinamente. - Eu estava morrendo de vontade de te dizer.

- Você está? - Perguntei, surpresa. - Parabéns! Papai não mencionou...

- Bem, ok, não é oficial ou algo assim. De fato, nós não estamos saindo oficialmente ainda. Eu só conheci ele na noite passada.

O rosto de Tia Libby corou em um vermelho brilhante. Ela pegou uma usada bolsa marrom que estava sobre o sofá e retirou uma carteira cor de arco-íris colorida por contas. Ela abriu e me apresentou um guardanapo de papel dos Renegados. Tinha o nome de um homem e um número de telefone escritos nele.

- Ele tem uma linda caligrafia, não acha?

- Devon. Este é um nome legal.

- Eu mal podia esperar para te contar tudo sobre ele.

- Me fala tudo!

- Ele tem olhos cor de piscina e os cabelos cor de sal e pimenta.

- Ele parece um sonho.

- Eu notei ele na platéia quando eu estava no palco. Eu quase não podia vê-lo porque ele estava fora das luzes dos holofotes. Ele tem os olhos azuis mais penetrantes que eu já vi. Nossos olhos se encontraram, e eu esqueci minhas falas. Eu estava lá, congelada, pelo que pareceram horas. Ele tinha um olhar hipnótico.

Eu ri. Tia Libby era como uma garota de dezesseis anos de idade que estava apaixonada.

- Quando o show acabou, ele estava esperando por mim. Nós tivemos essa ligação tão intensa que eu nunca havia sentido antes.

- Eu sei exatamente o que quer dizer. É assim que eu me sinto por Alexander. É por isso que eu tinha que vir aqui...

- Vir aqui? - Ela perguntou.

- Uh... sim, para um tempo de garotas.

- Sei o que quer dizer. Eu estou me estourando por dentro para falar sobre ele, mas não há muito que eu saiba- só que ele é bonito!

- Tenho certeza que vou estar chamando ele de tio Devon em questão de dias. Posso vestir preto em seu casamento?

- Eu não gostaria que fosse de outra maneira. Nós temos um encontro nos próximos dias e você tem que vir.

- Você vai sair para o seu primeiro encontro com ele e você vai aparecer comigo? Sua sobrinha obcecada por vampiros? Eu não acho que isso seja uma boa idéia.

- Você tem que vir. Eu mal posso esperar que você o veja... e eu não posso te deixar aqui sozinha.

- Claro que pode. Mas podemos falar sobre isso amanhã.

Nós apenas colocamos os pratos na pia quando Tia Libby percebeu as horas.

- Tenho aula de percussão hoje à noite. Eu estava esperando que você me acompanhe.

- Bem... eu...

- Eu não tenho que ir.

- Não, eu não quero que você perca isso por minha causa.

- É uma classe avançada hoje à noite. Por outro lado eu não pensaria em ir.

- Por favor, vá. Eu vou ficar bem. - Eu não seria capaz de atravessar toda a cidade e tentar entrar em contato com Alexander, se eu estivesse presa em uma aula de percussão a noite toda.

- Pense nisso enquanto eu me arrumo.

Enquanto Tia Libby se trocava para a aula, eu estiquei minhas pernas em seu sofá e liguei a tv de 19 polegadas com um cacto descansando sobre ela. Sua TV recebia apenas canais locais e as cores desbotavam de dentro para fora da tela.

- Como você vive sem cabo? - eu perguntei, frustrada.

Eu troquei para o canal de notícias locais. Normalmente eu teria desligado e me mantido ocupada mandando mensagens de texto para Becky sobre a minha chegada. Mas uma coisa me chamou a atenção.

- Oi, eu sou Anne Ramirez, ao vivo. Estou aqui com Fred Sears, proprietário de uma fazenda que descobriu um círculo marcado em sua plantação de trigo. Este é o segundo relatado nesta comarca em menos de um mês, sendo este um pouco mais complexo do que o último.

A câmera deu uma panorama do campo de trigo, onde caules estavam esmagados contra o chão no formato de um círculo de cinquenta pés, com diversos pequenos círculos no centro.

Uma mulher baixa estava parada ao lado fazendeiro de cabelo preto, que era três vezes o tamanho dela.

- Quando você notou isso? - Ela perguntou.

- Quando eu acordei. É só "reparei" - ele brincou.

Eu rolei meus olhos quando eu assisti dois pré-adolescentes correndo em volta dele.

- Eu vi morcegos pairando sobre a área na noite passada - disse um menino, quase sem fôlego, para a repórter.

- Aquilo eram corvos, estúpido - repreendeu o outro. - Voando para longe da nave alienígena que aterrissou aqui.

- Eles eram morcegos! - O menino insistiu.

- Alguma coisa interessante? - Minha tia falou vindo de seu quarto.

- Apenas um círculo recortado com morcegos pairando.

- As meninas na agência estavam falando sobre isso na hora do almoço. Elas estão convencidas de que é tudo por publicidade.

O vídeo mudou para um tomada aérea filmada pelo helicóptero da WBEZ. O círculo era impressionante.

Depois, a câmera estava de volta na repórter.

- Nave espacial ou apenas espaços entre elas? Você decide. De volta a você, Jay.

- Isso é tão falso... - eu falei para minha tia. - Eu vi na TV uma vez uma reportagem onde garotos confessaram tê-los feito. Eles demonstraram para o repórter como no meio da noite eles usaram uma estaca, uma corda e tábuas de madeira para pressionar as hastes das plantas e formar um círculo gigante.

Minha tia voltou para a sala de estar vestindo um top de algodão com ombros de fora e uma calça de yoga verde-ervilha. - Eu não acho que nós somos os únicos no sistema solar. Eles poderiam ser alienígenas. Ninguém conseguiu contestar sua existência.

- Você está brincando? Você realmente acredita em extraterrestres?

- Você realmente acredita em vampiros?

Ela tinha um ponto. - Sim, mas eles são reais - Eu deixei escapar sem pensar. - Uh... Quero dizer, ninguém contestou a sua existência.

- Eu estou apenas dizendo: - Tia Libby afirmou enquanto ela acrescentava alguns toques finais sem seu cabelo - isso poderiam ser marcas de uma espaçonave alienígena ou um sinal para outros extraterrestres. Círculos em uma plantação não são feitos para serem vistos de cima?

- O menino no noticiário jurou que viu morcegos na noite passada. Talvez ele pudessem ser vampiros sinalizando para outros vampiros - eu sugeri.

- Hmmm. Gosto mais da sua teoria. Os extraterrestres parecem ser um tipo de espécie estranha e têm cabeças verdes. Vampiros são mais sexy. Eu prefiro vê-los invadir a nossa cidade.

Eu dei ao meu pensamento uma pausa enquanto o âncora virava o foco para o tempo.

- Nossa previsão para cinco dias é de chuva e neblina.

Curiosidade tomava o melhor de mim, eu não podia afastar o que menino da fazenda

disse. Afinal, quem melhor para ir não detectados na noite do que vampiros? Eles poderiam facilmente ver os círculos enquanto voavam em forma de morcego sobre o horizonte. Não havia maneira de confirmar a minha teoria sentada no apartamento da minha tia, e isso não é como eu vasculharia por algumas pistas.

- Você se importa se eu verificar meu e-mail? - Perguntei.

- Claro. O computador já está ligado.

Eu pesquisei na Internet no iMac da minha tia por vampiros e círculos em plantações. Me movi por vários filmes e sites de livros até que eu vi um pequeno site especializado em sinais paranormais na América do Norte. Todas as entradas detalhavam sobrenaturais luzes brilhantes, abduções alienígenas, e farsas. Da mesma forma que eu comecei a clicar em cada um desses sites, eu localizei uma coisa interessante. Em vez de monstros de cabeça verde, um blogueiro afirmava que a noite antes dele ter avistado o círculo no campo, ele tinha visto um punhado de morcegos pairando.

Eu pensei que iria tropeçar em algo grande. A entrada poderia ter sido postada por um estudante de Harvard, um cientista, ou um prêmio Nobel da Paz. Em vez disso, estava assinado Bob de Utah.

Bob poderia ter sido um maluco como qualquer outro, um garoto entediado numa sala de aula postando falsos cadastros em sites ou, como eu, um mortal obcecado por vampiros - com uma imaginação hiperativa. Mas eu peguei esta única entrada, como uma prova.

Havia uma maneira de investigar mais a minha teoria. Eu tinha uma vantagem que aquele Bob em Utah não tinha - Eu estava namorando um vampiro.

- Você tem certeza que não quer vir comigo? - Minha tia perguntou enquanto ela pegava um tambor africano deitado ao lado da lareira.

- Estou batida- sem trocadilhos - Eu brinquei, desligando o computador. - Você se importa se eu não for?

Mesmo que eu não estivesse preocupada quanto a me reunir com Alexander, o pensamento de percussionistas amadores aprendendo a bater nos instrumentos por duas horas era o suficiente para me deixar louca.

- Há muita tortinhas de tofu na geladeira e pudim de soja no armário. Vou te ligar no seu celular no intervalo para saber como você está.

- Obrigada, Tia Libby - eu disse, dando na irmã de meu pai um abraço. - Eu realmente adorei você ter me deixado te visitar novamente.

- Você está brincando? Adoro ter uma colega de quarto. Apenas feche a porta atrás de mim e não deixe ninguém entrar. E por favor, não seja abduzida por alienígenas. Seu pai iria me matar.

3 - A Mansão

Mais uma vez eu me peguei esperando na parada do ônibus. Dessa vez eu tinha saído do apartamento da tia Libby numa chuva congelante antecipando a chegada do numero sete.

Eu dei um passo pra trás, depois outro pra frente, depois outro pra trás, o que parecia uma eternidade esperar na calçada da rua da minha tia. Eu tenho que admitir que eu não estava muito feliz de ter que pegar outro ônibus, tendo estado dentro de um por umas boas horas, mas era melhor do que pegar a bicicleta da tia Libby e ir até a cidade nessa chuva. Eu quase tinha certeza de que eu alcançaria a mansão antes do pôr-do-sol, além de que Alexander poderia estar fora pela noite e minha reunião surpresa seria adiantada.

Finalmente eu vi o ônibus chacoalhando pela rua e quase dei um grito quando vi que estava gravado um numero sete na placa do ônibus. Eu tirei meu dinheiro da minha carteira e passei na catraca do ônibus. Apesar de o ônibus estar meio vazio e terem alguns acentos vazios, eu decidi seguir a viagem em pé. Tendo perdido a parada Lennox Hill da última vez, eu rejeitei a possibilidade de ter alguém ou alguma coisa bloqueando minha visão e facilitar meu reencontro com Alexander. Meu coração batia cada vez mais rápido a cada parada e aceleração. Eu pensei que eu teria um tempo desde que não tivessem muitos passageiros o ônibus, mas a cada parada subia mais gente. Mas depois de alguns minutos eu avistei a rua Lennox Hill. Eu me lembrei que tinha que notificar ao motorista o meu ponto de desembarque, eu precisava puxar o fio branco que corria acima das janelas. Eu fiquei puxando a cordinha repetidamente, como se eu estivesse sinalizando um SOS.

- Eu já escutei você! - o motorista gritou em resposta.

A chuva tinha cessado. Eu corri pela Lennox Hill, fugindo precipitadamente dos puddles e pulando por viscosas, mas legais sem-tetos. Molhados de chuva estátuas alinhadas pela rua. A primitiva grama estava ensopada e muitos galhos e folhas estavam no asfalto da rua.

Então, no fim do cul-de-sac, simples como um dia de tempestades, estava a Mansão. A apavorante estatura aparentava ser mais super-desenvolvida e abrangente desde a ultima vez que eu a tinha visitado.

Uma névoa rodeava o lugar, criando uma fumaça fantasmagórica ao redor da casa palacial. Musgos e selvagens vinhas rodeavam a casa como gigantes teias-de-aranhas. Gárgulas de pedra estavam sentadas sob os escabrosos portões de ferro parecendo sorrir pra mim cada vez que eu me aproximava. Pendurado em um quase caído, coberto por cizânias estava uma placa de Casa Feliz. Eu me apressei em passar pelo quebrado banheiro de passarinho e subir em uma pedra vereda. Meu coração dava cada batida forte enquanto eu alcançava o familiar arco de madeira da porta da frente.

A maçaneta com forma de dragão que tinha caído nas minhas mãos desde a primeira visita que eu fiz ainda não tinha sido concertada. Talvez ela ainda esteja escondida no arbusto onde eu a joguei.

Eu bati na porta.

Eu esperei. E esperei.

Jameson não respondeu. Eu bati meus punhos na porta novamente. Continuava sem resposta. Nem ao menos uma mexida na cortina ou um sussurro.

Eu voltei à enferrujada maçaneta da porta e empurrei para a porta, mas o ferrolho estava fechado.

Eu corri pelos encharcados gramados, passei pela porta dos empregados lá atrás da casa. Eu passei por algumas pedras de cimento e olhei por detrás do arco de madeira. Não tinha uma sineta pra tocar ou batedor pra bater. Eu empurrei minha mão na porta. Quando ninguém respondeu, eu olhei ao redor por outra porta.

Eu estava tornando-me inquieta de que não foi Alexander e Jameson quem tinham alugado o lugar afinal de contas. Não tinha nenhum sinal de meu namorado ou de seu mordomo. Eu espiei por uma janela de porão e isso me pareceu estar no mesmo estado vago.

Eu marquei a árvore que eu tinha escalado uma vez para ver o quarto de Alexander. Eu até poderia ser capaz de confirmar mais uma vez que ele estava lá dentro, mas escalar uma lisa e escorregadia árvore molhada da chuva não era uma opção viável.

Eu olhei pelo jardim de trás para ver a Mercedes do Jameson. O asfalto rachado estava vazio de carros. Eu vi um banco de concreto e um arco de ferro coberto por mais vinhas encharcadas. Uma circular cama de pedra onde uma vez houve um brejo estava agora alagado. Meu coração corria enquanto eu corria em direção a garagem. Eu notei uma tranca na porta. Parecia recente.

Eu pensei que era uma expert em esgueirar-me me infiltrações não desejadas, mas eu não era muito boa assim em arrombamento de portas. Eu precisaria do aparelho dispositivo do colega nerd de Billy Boy, Henry, mas ele está obviamente a milhas de distancia. A dilapidada garagem estava mais estranha do que a fechadura. Com toda a minha força, Eu não movi nem meio milímetro da porta de madeira branca.

Eu examinei por fora da garagem. Não tinha nem uma janela em nem um lado. Eu notei uma estreita fenda entre dois quadros do outro lado de fora. Uma fraca luz do sol iluminava a pequena brecha. Com minha melhor visão, Eu quase pude ver um lençol branco cobrindo o que poderia ser uma bicicleta antiga. E próximo a isso, alguma coisa brilhava na luz. Com uma inspeção mais demorada eu notei um ornamento de capuz da Mercedes.

Eu corri de volta para a mansão. Eu fui para perto da janela da cozinha. Eu fiquei na ponta dos pés, dando o meu melhor para poder ver lá dentro. A janela estava suja, então era quase impossível enxergar lá dentro. Eu bati no vidro da janela implacavelmente e tentei olhar pelo vidro.

De repente outros olhos negros me olhavam.

Espantada, eu gritei e caí de costas, de bunda na grama molhada.

Eu escutei o som do destrancar das portas e da porta sendo aberta.

Eu congelei. E se eu estivesse errada sobre o ornamento do capuz da Mercedes de que eu estava tão certa de que pertencia a Jameson? Eu estava tão excitada para vê-lo, eu não tinha nem considerado minha descoberta. O carro poderia ter sido de outro modelo ou de outra pessoa, por tudo o que eu sabia. Naquele momento eu poderia ser pega invadindo, jogada na cadeia juvenil de Hipsterville, ou forçada a voltar para Dullsville.

Eu mordi meu lábio preto e segurei minha respiração.

Então, pela porta aberta, Jameson apareceu.

O mordomo de Alexander esforçou-se para me ver pela malha da porta aberta.

- Jameson, sou eu, Raven.

- Senhorita Raven? - ele perguntou, confuso. Ele abriu a porta. - Não pode ser você. O que você está fazendo aqui? No jardim dos fundos?

Eu pulei nos meus pés, limpei minha mini-saia e corri os poucos passos até o Homem Arrepiante. Jameson ele franziu sua pálida testa.

- Senhorita Raven, estou surpreso de vê-la aqui. Mas feliz, devo acrescentar. - Ele disse com um sorriso branco cheio de dentes.

- Eu estou visitando minha tia Libby na cidade - eu disse, aliviada em ver o esquelético mordomo. - Eu queria dizer a Alexander, mas não tinha jeito dele saber. Eu seriamente acho que já é hora de você e Alexander terem celulares.

- Por favor, entre, ficará escuro logo.

O cheiro de batatas doces chegavam até o teto da cozinha rústica. Jameson estava preparando o jantar, ou, no caso de Alexander, o café da manhã.

- Está servida? - ele perguntou com um pequeno sotaque romeno.

- Adoraria, se não for problema.

- Sempre tem um lugar para você na nossa mesa de jantar.

Meu coração derreteu com a gentileza de Jameson. Eu estava morrendo para pressionar o homem esquelético por informações: o que eles estiveram fazendo em Hipsterville e porque eles alugaram essa mansão. Mas isso teria que esperar porque tinha algo mais importante dormindo pelos aposentos da casa.

- Poderia ver Alexander? - eu perguntei ansiosamente.

Jameson abriu a porta e saiu com uma bandeja de alumínio cheia de batatas doces. Atrás dele, a janela manchada me encarava como uma pintura a óleo de hotel - empurrando-me pelas intermitentes nuvens do pôr-do-sol.

- Você sabe que Alexander prefere dormir durante o dia - ele me lembrou.

- É claro... eu só pensei...

- Bem, é uma surpresa você ter chegado aqui - ele disse, gentilmente brincando comigo. - Eu tenho certeza que Alexander ficará lisonjeado de ter você aqui.

- Assim espero! Quanto tempo você e Alexander ainda pretendem ficar aqui? - eu perguntei.

Jameson pausou, depois pareceu distraído. - Eu pus a mesa? - ele se perguntou.

- Me desculpe cair em cima de você assim desse jeito - eu me desculpei. - Posso te ajudar a colocar a mesa?

- Não será necessário, senhorita Raven. Porque você não se senta a relaxa. Alexander irá descer logo.

- Eu poderia dá uma olhadinha por aí?

- É claro, mas fique no primeiro piso. Eu não tive tempo para limpar os outros andares hoje. - Ele disse.

Se o primeiro piso era a idéia de limpeza de Jameson, eu nem queria imaginar como o Segundo piso estava. Bolas de poeira estavam em cada canto da casa, e teias de aranha estavam caindo do antigo candelabro de cristal. A mansão era grande de longe grande demais para um homem arrepiante limpar sozinho. A mansão era no mínimo dez graus mais fria e muito mais vazia. Eu vaguei pelo saguão; as paredes estavam vazias de porta-retratos e o papel de parede estava desbotado e remendado com manchas. Todos os quartos e paredes estavam vazios, incluindo o que tinha sido uma sala de visitas e uma biblioteca. A única exceção era a sala de jantar, onde uma grande e retangular mesa de pedra estava no meio da sala, antigas cadeiras pretas estavam no fim da mesa. Jameson tinha me avisado

para ficar o primeiro piso como se ele fosse Glinda, a bruxa boa, dizendo para Dorothy para ficar na trilha de tijolos amarelos. Sabendo que eu só tinha alguns minutos antes de Jameson colocar a mesa, eu subi a escadaria. Como Dorothy, eu não segui o conselho. Calafrios subiam a minha espinha enquanto eu ia pelo apertado e solitário corredor. Eu abria porta por porta, revelando quartos vazios e closets, meus passos ecoavam pelos cavernosos e espaçosos espaços. Enquanto os quartos da Mansão eram preenchidos com mobílias, livros, os quartos dessa estavam despidos de quais querem memórias. O único quarto que mostrava sinal de vida estava no fim do corredor. Nele tinha: uma única cama de cedro. Eu presumi que este era o quarto de Jameson.

Quando eu suavemente fechei a porta do quarto do Homem Arrepiante, eu notei alguma coisa pendendo no teto sobre mim. Um pequeno pedaço de corda branca estava pendurada acima da minha cabeça. Estava fora de alcance de braços, mas com um bom pulo eu poderia ser capaz de pegá-lo. Eu sabia que eu deveria voltar e descer as escadas, mas isso iria contra minha verdadeira natureza.

Da primeira vez que eu pulei, eu não consegui alcançar a corda. Da segunda vez, meus dedos conseguiram tocá-la. Finalmente, na terceira vez, eu peguei a corda por entre meus dedos. Com todo o meu peso, eu rapidamente puxei a corda e ele se partiu na minha mão. A porta de vagar chiava e descia na minha direção e uma escada desceu como uma saída de emergência como num beco de Nova York. Para a minha surpresa os degraus da escada pareciam estar relativamente em boas condições. Talvez o antigo inquilino não tivesse visto e nem precisado de um sótão obscuro.

Eu rapidamente subi as escadas, curiosa em saber o que se escondia no topo. Uma luz do segundo piso brilhava como um pequeno abajur, iluminando uma divisão do sótão. Um rançoso cheiro preenchia o quarto. O sótão, como os quartos abaixo, aparentava vazio. O cavalete de pintor de Alexander, alguns porta-retratos, e colchões estavam espalhados pelo quarto. Um único raio da luz do sol passava por uma janela circular no fim das paredes oblíquas do sótão. Eu andei nas pontas dos pés e notei um criado-mudo pintado a verniz mais abaixo da janela. Eu tentei abri-lo, só para saber o que ele trancava. Talvez a chave esquelética estivesse escondendo em algum lugar do sótão realmente esqueletos. Eu olhei em volta, tentando ajustar minha visão a escuridão. Quando eu vi uma divisão no quarto - uma divisória preta de quarto. Eu fui até o canto do sótão e olhei pela divisória.

Eu quase podia ver na escuridão uma mesa e um castiçal de peltre com metade de uma vela derretida. Próximo a isso estava o cavalete de Alexander coberto com um lençol, e alguns outros porta-retratos perto disto. Então eu notei alguma coisa familiar me encarando de volta. Era a pintura que Alexander tinha pintado de mim e tinha deixado na sua estadia na mansão. Lá perto na pequena estava um único caixão preto.

Eu estava tão perto do meu belo vampiro adormecido. Eu pressionei minha orelha a tampa do velho caixão. Eu quase podia escutar o que eu pensava ser a sua respiração. Meu coração corria a cada respiração que ele dava.

Eu sabia que o sol estava se pondo por causa que a luz da pequena janela do sótão ia diminuindo de intensidade cada vez mais. Só levou alguns minutos para isso minguar na minha estadia noturna. Finalmente estava tão fina como um risco de caneta, então tinha ido.

Uma pequena quantia de luz aparentava vir da porta de entrada do sótão. Isso teve que dar aos meus olhos um pequeno momento para se ajustarem a nova iluminação.

Então eu ouvi alguma coisa remexendo dentro do caixão.

Eu me afastei um pouco, e o salto da minha bota bateu em uma pequena rachadura da madeira que partia da divisória. O que causou um barulho meio que alto. Eu tentei restabelecer minha estabilidade e me escondi detrás da divisória. Eu espiei pela pequena brecha que tinha entre a divisória e o outro lado dela, meu coração batia muito mais rápido agora.

O topo da tampa do caixão começou a abrir vagarosamente, deixando-me incapaz de ver lá dentro até que estivesse em um ângulo de noventa graus. Eu não via dedos, ou mãos, ou qualquer coisa abrindo, nem podia ver qualquer coisa - ou ninguém - dentro dele. Eu olhei em volta de todo o sótão. Quando eu vi um sonolento Alexander me encarando de volta.

Espantada, eu gritei.

Ele parou. Seus olhos cor de chocolate transformaram-se em vermelho sangue.

- Raven!

Eu tentei segurar minha respiração e recompor a postura. - Eu não queria assustar você - ou a mim mesma - eu me desculpei.

- O que você está fazendo aqui? - ele perguntou, chocado.

- Eu vim pra ver você...

Alexander desceu do caixão descalço, vestindo uma camiseta preta e boxers preto. Ele parou perto do caixão. Ele não correu para mim e pegou-me em seus braços. Essa não era a reação que eu esperava.

- Eu pensei que você ficaria feliz em me ver - eu disse. Eu precisei de toda minha força para não correr e abraçá-lo.

- Eu estou, eu só... - Alexander parou estranhamente. Ele ajeitou o cabelo com uma mão e endireitou suas roupas com a outra.

- Você está chateado de eu estar aqui? - eu perguntei. - Eu não podia esperar mais nem um outro dia.

- Eu acabei de acordar - ele disse auto-conscientizando-se, limpando um olho com as costas de sua mão. - Eu teria preferido ter tido um aviso antes.

Ele estava sexy, seus longos cabelos desgrehados e suas roupas ainda retorcidas. Nem mesmo na escuridão Alexander deixava de ser lindo. Um sorriso caloroso brotou na sua cara de sono.

- Eu sentia tanto a sua falta que mal podia respirar. - Eu disse, e ousadamente corri para os braços dele.

- Eu também - ele disse, agora olhando para mim. Ele escovou meu cabelo para fora dos meus ombros, puxou-me para ele, e me apertou e seus braços. Eu abracei ele pelo seu pescoço, e minhas mãos percorreram soltas pelo cabelo negro e sedoso dele. Ele se inclinou e me beijou, apaixonadamente, como eu tinha sonhado noite após noite desde que ele tinha deixado a Mansão. Alexander pegou meu pescoço em sua boca, como um lobo faria a um cisne. Os seus afiados dentes escorregaram pela minha pele, então de repente ele afastou-se.

- Senhorita Raven? Senhorita Raven? - Jameson chamava lá de baixo.

Alexander abaixou-me. Seus olhos voltaram ao seu marrom natural. Ele parecia agitado, mas eu peguei sua mão firmemente. Eu sabia que estava segura nos braços dele.

- Ela está aqui em cima comigo, Jameson - Alexander respondeu.

- Eu pensei que ela tinha se perdido. O jantar está pronto.
- Eu já estava com o meu aperitivo - ele sussurrou para mim com uma piscadela.
- Sobremesas são ainda melhores. - Eu disse, e dei um beijo rápido na sua bochecha.

Eu me sentia uma bonequinha Polly Pocked na casa dos sonhos da Barbie enquanto eu me sentava na mesa tamanho-limusine na sala tamanho-quadra-de-futebol sozinha. Um laço preto de pano estava amarrado no centro do topo da mesa, e um candelabro brilhava no centro da mesa. A macabra mesa estava posta com prataria chinesa Wedgwood, genuínos talheres de prata, e globos de cristal - todo dia a disposição do meu namorado vampiro. A família Madison comeu assim uma vez, quando minha vó desenterrou a prataria dela e usou-a no jantar de Natal; aliás, isso foi extremamente Pfaltzgraff.

Minhas botas de combate batiam contra o chão ansiosamente, impacientemente esperando Alexander descer. Eu esperava que um fantasma voasse sobre minha cabeça, só para não ficar sozinha, mas nenhum espectro baixou. Logo eu senti uma presença familiar atrás de mim, seguida de mãos acariciando meus ombros.

Eu senti lábios pressionando no meu pescoço. Eu fiquei tão excitada que eu pensei que derreteria com os cubos de gelo na minha taça de cristal. As pontas do cabelo cor-de-meia-noite de Alexander ainda estavam molhadas do banho rápido e escorrendo pelos meus ombros descobertos. Eu cheirava divinamente a doce essência de Drakkar e Irish Spring.

- Eu não deveria ter chegado desse jeito em você - eu me desculpei enquanto ele ficava do meu lado. - Você é mais esportivo do que eu - eu acrescentei. - Eu não tenho certeza de como eu reagiria se eu acordasse e encontrasse você me olhando.

- Eu sei exatamente como você reagiria. - Alexander fez uma cara tipo Godzilla e nós dois rimos sabendo que ele tinha razão.

Alexander puxou sua cadeira e a colocou próximo a minha. Jameson entrou na sala empurrando um carrinho de metal com dois pratos cobertos por bandejas de prata pura. Ele removeu a tampa e revelou dois chamuscados e gotejantes bifes vermelhos.

- Eu tomei a liberdade de fazer o seu meio passado - Jameson disse, servindo-me. - Eu acho que você não gostaria do seu meio cru como o de Alexander.

E olhei o prato de Alexander. O bife mal passado quase estava boiando em uma piscina de sangue.

- O meu está perfeito - eu disse com um sorrisinho.

- Não é uma surpresa a senhorita Raven ter vindo para a cidade? - Jameson a perguntou, servindo umas peras fumaçantes.

- O jeito perfeito de acordar. - Alexander disse com um brilho nos olhos.

- Desejam mais alguma coisa?

- Acho que estamos bem, obrigada. - Alexander disse.

Eu arrastei minha cadeira para mais perto de Alexander. Eu não conseguia acreditar que meu namorado, que esteve fora por muitos dias, estava agora do meu lado. Toda dor que eu tinha sentido pelo mês inteiro ou mais tinha desaparecido.

Alexander parecia faminto enquanto devorava seu bife ensangüentado. Eu me lembrava toda vez que eu estava com Alexander que eu namorava um vampiro de verdade. Ele tinha acabado de acordar, enquanto eu, pelo outro lado, tenho estado acordada por mais de doze horas. Tinha tanta coisa que eu tinha que perguntar para Alexander que eu não sabia por

onde começar. Enquanto continuávamos comendo nossos bifes, eu procurava um melhor de jeito de fazer minhas perguntas.

- Valentine está aqui? O que você esteve fazendo? Quando você planeja voltar pra casa? - Eu disparei.

- Devagar - ele disse, pegando na minha mão.

- Me fale sobre Valentine. Ele está bem?

- Sim, Valentine está bem. Ele voltou pra família dele.

Eu parei, esperando escutar mais. Mas Alexander deu uma piscadinha e deu uma mordida na sua batata doce.

- Então é só isso? - eu perguntei.

Quando Becky e eu começamos a narrar o nosso evento chamado 'faça sua cena' seguido por uma descrição de vestuário e diálogo, finalizado com 'gabando-se da fofoca' e nosso pretensioso comentário, Alexander simplesmente me respondia com respostas monossilábicas. Como eu supostamente poderia pegar uma história legendaria fresquinha desse jeito?

- Valentine está aqui ou em Romênia? - continuei a perguntar.

- Romênia, eu acho.

- Você viu Jagger?

- Sim. - Alexander voltou a mexer no seu prato.

- Você viu? O que ele disse? Ele estava assustado? Onde vocês se encontraram? No cemitério de Hipsterville?

- Eu apareci no apartamento dele no Clube do Caixão. Eu tenho que admitir, ele estava surpreso - Alexander começou. - Quando eu abri a porta, ele viu só a mim do lado de fora do corredor- Valentine estava no elevador. Jagger não estava esperando por esse encontro, os punhos dele estavam fechados, suas presas brilhavam. Mas quando ele viu Valentine do meu lado, uma onda de passou por ele. Eu nunca tinha o visto desse jeito. Jagger estava tão feliz de ter Valentine a salvo que eu achei que todo sangue dele iria explodir.

- Wow, você é realmente um herói. - eu disse.

- Era óbvio que tinha mexido com Jagger que eu fosso quem trouxesse Valentine para ele. Ele desperdiçou tanto tempo tramando vingança contra mim por não ter feito o pacto de cerimônia com Luna que ele não sabia o que responder. Foi a primeira vez que eu pude me lembrar, Jagger e eu não éramos rivais.

- Eu queria ter estado lá para ver isso - eu disse.

Ele apertou minha mão.

- Depois que ele abraçou o irmão dele - Alexander continuou, - Jagger estendeu a sua mão para mim. Foi quando eu soube que uma trégua havia se formado - entre eu e ele e nossas famílias. Devolver Valentine a salvo era mais importante do que terminar algum pacto de cerimônia.

- Você acha que vocês podem ser amigos agora?

Alexander meneou a cabeça. - Infelizmente não. Nós somos de pólos diferentes e não temos muito em comum. Mas agora que as coisas estão em paz entre nós dois, é provavelmente melhor pra ele e para mim não nos vermos por um tempo para que nós possamos deixar as coisas assim.

Alexander tomou um gole da sua taça.

- Eu estou realmente feliz que você esteja aqui. - Ele disse rapidamente.

- Eu também!

Nós fechamos os olhos. Por um momento foi como se nós fossemos as únicas duas pessoas no mundo. Bilhões de pessoas estavam comprando, dirigindo, vivendo, mas a única pessoa que eu estava me preocupando era o lindo cara que estava olhando pra mim.

Alexander inclinou-se e gentilmente me deu um beijo. Eu estava tão perdida no beijo dele que eu não percebi que a manga da minha blusa estava se molhando no meu prato.

- Aqui, permita-me - ele disse, molhando o guardanapo dele na sua taça de água e esfregando na minha manga.

- Estabanada como sempre. - Eu brinquei. - Então, quando você vai voltar pra Dullsville?

- eu insinuei. - Amanhã? Próxima semana?

- Eu tenho só mais uma coisa pra fazer aqui. Não deverá levar muito tempo. Eu prometo. Acredite, é solitário não estar por perto das pessoas de quem você mais se preocupa. - Alexander gentilmente sorriu pra mim. Eu senti uma pontada de tristeza por ele. Na Romênia ele tinha a família dele. Em Dullsville ele tinha a mim e a Jameson. Mas aqui em Hipsterville, ele e Jameson estavam sozinhos. - Como está sua família? - ele educadamente perguntou.

- Billy Boy sente sua falta como louco. Você é como um herói pra ele.

- Quando eu voltar a Dullsville, teremos que levar ele para uma feira de ciências ou a um lugar onde passe o *Star Wars* original.

Eu ri. - Tá vendo? É por isso que você é tão especial. Você pensa em fazer o que *ele* gosta de fazer e não no que *eu* gostaria de fazer - tipo, me levar para uma rave.

Alexander sorriu.

- E Becky? - ele continuou. - Ainda está namorando o Matt?

- Acho que ela está escolhendo seu vestido de casamento enquanto nós falamos. Eu tenho certeza que ela está contando os dias até o dia da graduação pra ela poder se livrar.

Alexander riu. - E você? Esta de algum modo como a Becky? - Ele me olhou de forma tão deliberada que quase ultrapassou minha alma.

Pela primeira vez eu fiquei sem palavras. Eu estava tão tonta e desconcertada como Becky nunca ficou na vida. Mas eu não podia confessar que eu estava tão debilmente apaixonada de um jeito 'Eu tatuaria seu nome no meu coração se meus pais deixassem'. Eu tinha que aparentar pelo menos remotamente sofisticada.

Alexander, de qualquer forma, estava esperando pela minha resposta.

- Você ouviu falar que tem círculos nas colheitas da cidade? - eu perguntei

Alexander abaixou seu garfo. - Onde você ouviu isso?

- Está em todos os noticiários. Você acha que são alienígenas?

Ele parou. - Eu acho que podem ser sim...

- Bem, minha tia Libby e eu discutimos sobre isso. Adivinhe minha teoria.

- Moleques desordeiros?

- Eu acho que são vampiros, sinalizando onde estão para outros vampiros.

Os olhos de Alexander dilataram-se e ele se engasgou com sua água.

- Você está bem?

Ele sinalizou com a cabeça e enxugou a boca com seu guardanapo.

- Faz perfeito sentido - eu continuei. - Quem mais estaria no céu à noite enquanto os mortais dormem? E quem poderia ver os círculos melhor do que morcegos voando pelo horizonte? - Eu disse.

Alexander me deu um olhar vazio.

Mas eu estava indetível. - A única coisa que eu não tinha entendido é o que os círculos nas colheitas querem dizer. - Eu me inclinei intencionalmente para Alexander. - Eles estão alertando a outros vampiros para ficarem bem longe ou chamando eles?

Alexander rapidamente desviou os nossos olhares.

Jameson explodiu na sala carregando uma bandeja de sobremesas, interrompendo minha investigação.

- Bem na hora - Alexander disse. - Estamos terminados.

Jameson nos presenteou dois perfeitamente irresistíveis crêmes brûlés.

- É como comer em um restaurante cinco-estrelas! - eu cumprimentei ele.

A pele pálida de Jameson ficou de um rosa corado enquanto ele voltava para a cozinha com os nossos pratos do jantar.

- Tem tanta coisa pra fazer enquanto ainda estamos aqui - eu disse, excitada, escavando minha sobremesa. - Você vai ter que conhecer a tia Libby. Depois tem os Hot Gothics. E é claro o Clube do Caixão!

Alexander me deu um olhar severo. - O Clube do Caixão não.

- Não se preocupe, eu posso entrar. Tenho uma identidade falsa.

- Não foi isso o que eu quis dizer. Um clube como esse não é lugar que uma garota como você deveria frequentar.

- Uma garota como eu? - eu ri em descrença. - É um clube gótico. Foi feito pra mim! Desde que eu estive lá da última vez, eu tenho sonhado que nós poderíamos voltar lá juntos. O que poderia acontecer?

- Uma garota num bar? - ele perguntou como se eu tivesse duas cabeças. - Você não assiste aos noticiários?

- Eu sei - eu disse, rolando meus olhos como se eu estivesse falando com os meus pais.

- Não é o lugar mais seguro... mas...

- Dá última vez você conheceu Jagger. Lembra?

Alexander tinha razão. Eu não tinha um bom arquivo com minhas decisões. Minha curiosidade tinha trago o nêmeses do meu namorado diretamente para ele, colocando em grande perigo ele e minha família.

- Tá bom - eu finalmente admiti. Desapontada, eu me encolhi e tentei disfarçar minha decepção brincando com a colherzinha do bule de açúcar em cima da mesa.

Alexander colocou sua mão gótica e branca em cima da minha mão pálida. - Nós iremos, mas *juntos*.

- Podemos ir hoje a noite? - eu perguntei, ansiosa.

- Que tal amanhã. Eu não estava esperando por companhia, lembra?

- Oh, sim, claro. - Então eu arqueei cinicamente minha sobrancelha e desafiei ele. - Você não tem um encontro, não né?

- Sim. Eu tenho, de fato.

- Você tem?

- Sim, e tá quase acabando. - Alexander olhou para um relógio de mármore que estava pendurado em cima da lareira. O relógio fracamente rodava, e o ponteiro dos minutos estava quebrado. Eu não queria que minha noite terminasse, mas eu sabia com certeza que ela ia. Ele limpou a boca dele com seu guardanapo de linho e pegou minha mão.

- Eu estou tão feliz que você tenha vindo - ele disse amavelmente. - Você nunca falha em me surpreender.

- Você me surpreende, também... - eu respirei fundo e então perguntei - Porque você dois ainda estão aqui?

Justamente quando Jameson voltou para recolher os pratos das sobremesas.

Por enquanto, Alexander tinha escapado. - Siga-me, Senhoritas Raven - Jameson disse.

Alexander e seu mordomo colocaram os pratinhos no mesmo carinho de alumínio que Jameson os trouxe.

- Jameson lhe deixará no apartamento da sua tia.

Eu olhei para o relógio quebrado, ainda me esforçando para ver a hora correta.

- Jameson pode me deixar na aula de tambores da minha tia. É bem mais perto. Eu acho que você já conheceu minha tia Libby. Ela trabalha na Happy Homes.

- Aquela linda mulher é sua tia? Eu deveria saber. Ela tem um certo charme... igual a sobrinha - disse Jameson.

- Estou ansioso para conhecê-la - Alexander disse. Então disse com um suspiro: - Mas você terá que dar algumas desculpas para mim por não ser visto na luz do dia.

- Desculpas? Eu escrevi um livro! Eu tenho uma para cada ocasião.

Como um cavalheiro vitoriano, só que sem a cartola, luvas brancas e sotaque britânico, Alexander me acompanhou pelo caminho até a porta do carro enquanto Jameson o manobrava para mais perto de nós.

- Eu vou te ver amanhã? - eu perguntei pro meu namorado enquanto me aninhava nos seus braços.

- Mas é claro.

- Eu já sinto sua falta.

- Eu também.

Alexander inclinou-se para mim e me deu um longo e luxuoso beijo de boa noite. Ele graciosamente abriu a porta de trás do Mercedes e me ajudou a entrar. À medida que o carro se afastava, Alexander ficava na entrada da garagem da mansão tamanho-mamute como um monstro medieval.

Jameson teve a gentileza de me levar para a Folk Music Center, mas as poucas milhas da Mansão para a escola de música hippie parecia estar demorando mais do que a viagem de Dullsville para Hipsterville. Se eu estivesse no controle do carro, já teríamos feito isso mais rápido.

Agora que Jameson e eu tínhamos alguns bons momentos, achei que eu ia tirar o máximo proveito da ocasião. Tentei tirar do Homem Arrepiante informações sobre Valentine e Jagger, mas ele foi tão evasivo quanto Alexander.

- Isso foi muito gentil de sua parte e Alexander de reunir Valentine com sua família - eu disse enquanto passávamos pelo posto de gasolina do Gerald.

- Foi a coisa certa a fazer - ele disse docemente.

- Você viu Jagger?

Esperei em alfinetes, agulhas, e piercings, esperando pela sua resposta.

- Não, eu não vi. Eu deixei isso com Alexander.

- Eu aposto que Ruby sente saudades suas - eu disse.

Os olhos de Jameson se esbugalharam e brilharão pelo espelho do retrovisor e sua pele pálida ficou de um vermelho brilhante quando mencionei o nome dela.

- Ela vem para uma visita? - eu quis saber.

- Oh, não. Estamos esperando retornar para a Mansão o mais rápido possível.

- Sério, quando vocês vão desalugar a casa? Vocês poderiam ter ficado em um hotel.

- Eu não fico em um lugar onde já tenha um mordomo - Jameson brincou.

Eu me senti como se eu tivesse jogando tênis com o meu pai. Com todo o meu poder, eu jogava a bola sobre a rede só para ele ter retornado tão difícil que eu não tinha uma chance para balançar. Frustrada, eu tinha de ter um momento para coletar a mim mesma.

Servir outra vez.

- Você sente saudades de Romênia? - eu perguntei.

- Oh sim, é tão lindo lá. Mas eu estou quase tão feliz aqui, na America. Eu conheci pessoas que eu aprecio muito, senhorita Raven.

Eu sabia que ele estava se referindo gentilmente a Ruby e a mim.

Mas eu queria mais. Quais eram os planos de Alexander e Jameson?

- Você acha que irá se casar com Ruby?

- Uh...

- Se casar, vocês vão morar na mansão de Hipsterville? Ou na de Dullsville?

- Eu não planejo...

- Bem, se você planejasse.

- Eu suponho... que seria... Porque todas essas perguntas, senhoria Raven?

Agora estávamos 'voleiando' agora, e era hora de eu terminar a partida. Eu parei, então perguntei - Eu estou só querendo saber, o que você e Alexander estão fazendo aqui?

Jameson estacionou o carro em frente aos portões de entrada da Folk Music Center. Eu não tinha molejo com a bola, arremessando-a para longe da rede. A partida terminou, Jameson obviamente o vencedor.

A chuva tinha abrandado e as luzes da rua e os postes estavam ensopados. Jameson saiu da Mercedes e gentilmente abriu a porta para mim, como se eu fosse uma estrela chegando a uma premiere. A única coisa que falta era os paparazzi. Eu acenei um tchauzinho e me dirigi para o Centro de Música, quando eu notei algo piscando no fim do quarteirão - o letreiro de neon vermelho do Clube do Caixão. Conforme Jameson descia a rua, eu parava. Os sons dos tambores batendo da música pulsante de lá de dentro.

Era como se o letreiro pulsante estivesse me puxando para ir até ele, como um corpo apodrecido faz com o urubu. Ninguém saberia se eu só tomasse um não alcoólico Bubbly Execution... ou dois.

4 - Retorno ao Clube do Caixão

Eu segurei minha respiração na expectativa selvagem de ver o Clube do Caixão de perto mais uma vez, mas quando eu me aproximei do clube, eu fiquei chocada. Mais de uma centenas de jovens aguardavam ansiosamente a entrada para o Clube - o dobro de uma longa fila que me lembrei do que era da última vez. A procissão de clubsters, vestidos semelhantemente a mim (exceto mostrando diferentes mechas coloridas, tatuagens, piercings, e sapatos), embolados no bloco como uma fila na Disneylandia. Eu teria sorte se eu ganhasse a entrada antes que as férias de verão terminassem.

Frustrada, eu comecei a caminhar rumo ao fim da linha. Eu estava no meio do quarteirão quando eu notei um cara com uma capa e calças de vinil folgada, ajustando suas botas monstro. Eu escapei no espaço antes dele e tentei parecer despercebida. Eu evitei por qualquer problema ficando de costas para ele, olhando para as estrelas e depois para alguns pássaros voando acima do teto do clube. Quando as aves começaram a pairar, em vez de voarem para longe, eu percebi que eu tinha avistado um bando de morcegos. Como morcegos sinistros no Clube do Caixão!

Eu chequei meu relógio. A aula de tia Libby ia acabar em menos de uma hora, e parecia que eu tinha que passar o tempo na espera nessa sem nunca ter fim fila.

Eu ansiosamente me desloquei para frente e para trás. Eu olhei em direção à entrada do clube para ver se havia uma óbvia demora, mas não havia nada mais do que um porteiro verificando identidades. Foi então que eu notei um casal familiar em pé no início da fila.

Eu me inclinei para fora, segurando o meu lugar com um pé como jogador em um jogo de damas quando mantém o seu lugar com o seu dedo antes de fazer sua próxima jogada.

Eram Primus e Poison, os dois clubsters que eu tinha escapado da frente da última vez que eu havia visitado o clube.

(n/t: clubbster: o mesmo que clubber, frequentador de casa noturna, raves, bares, etc, deixei no original para não ficar repetindo..frequentador, e é mais bonitinho.)

Primus e Poison. Como poderia esquecer os seus nomes quando tudo o que eu sempre conheci eram nomes como Billy, Matt, ou Becky?

Aproveitei a oportunidade e sai da fila, correndo até o macabro par.

- Primus! Poison! Sou eu, Raven!

O par me estudou. Ficou claro que eles precisavam me reconhecer afinal, eu conhecia os seus nomes. Mas, eu podia dizer pelos seus olhares que eles não conseguiam reconhecer o meu rosto.

- Eu conheci vocês há uns meses atrás, aqui na fila, - eu disse, encontrando meu espaço na fila lotada ao lado deles.

- Oh sim, - Primus, um tipo parecido com Marilyn Manson disse, lembrando finalmente.

- Como vai indo?

Poison me olhou com veneno em seus olhos dela.

- Estou ótima! - Eu disse a Primus. - É tão bom ver vocês de novo. - Então me virei para Poison. - Eu adoro o seu espartilho! É lindo!

A disposição de Poison mudou. - Eu só joguei isso junto.

- De jeito nenhum! Você poderia ser um modelo para o *Beleza Gótica*.

Pode-se ouvir o súbito som do motor de uma motocicleta aumentando acima dos outros ruídos da rua e da latejante música que escapava vinda do Clube do Caixão. Uma Harley-Davidson Night Rod surgiu na rua e parou guinchando em um vaga num espaço VIP em frente ao clube. A atraente moto tinha um design elegante e sexy, carrenagem e pneus negros e desenhos riscados em laranja. O motociclista tirou seu capacete, com o brasão de uma caveira branca e ossos cruzados, libertando os cabelos violeta com tons de preto com o comprimento no ombro. Usando óculos escuros Ray-Bans e vestido com uma calça de couro com correntes e jaqueta, o motoqueiro saltou com confiança da Night Rod, acenando com a cabeça para o porteiro, e caminhou direto para o clube como se ele fosse o dono.

- Quem é ele? - Eu me perguntei em voz alta. - Um celebridade? Eu não reconheci ele.

- Todos eles acham que são estrelas do cinema aqui agora, - disse Primus.

- Sim, este clube triplicou de tamanho nos últimos meses. E então é só ter atitude, - Poison acrescentou.

Poison andou para atrás e falou direto na cara do segurança. - Ela vem aqui o tempo todo, - ela disse. - Eu não acredito que você não se lembra dela.

O segurança ergueu o seu olhar de volta para mim, numa expressão de desdém, em seguida mudando para a fila de espera, que exibia mechas em várias cores do arco-íris gótico.

- Eu tinha cabelo azul da última vez, - eu disse.

- Ah, essa era você?, - Ele se perguntou a sério.

Ele me carimbou a mão com o morcego do Clube do Caixão e enrolou a pulseira em torno de meu pulso. Eu tinha ganhado a passagem para Clube do Caixão. Nós escorregamos atrás do porteiro, indo a frente pelo carpete vermelho sangue, pelas cordas e por dois esqueletos introdutórios, antes que eu percebesse eu estava passando através de um caixão de madeira negro em formato de portas.

- Obrigada, - eu disse a Poison. - Todo mundo diz que eu pareço mais nova do que eu sou. Aposto que acontece muito você, já que você tem essa tão pele perfeita.

O rosto branco fantasma de Poison se iluminou. Ela colocou o braço em volta de mim. - Vou comprar a primeira rodada, - ela disse.

O Clube do Caixão era ainda morbidamente mágico. Lápides de neon piscavam contra as paredes de cimento pintadas com spray preto. Pálidos manequins, vestidos com roupas antigas ou vestimentas vitorianas ou enrolados em couro, pendurados nas vigas. A música pulsava forte através de todo o clube como se o DJ estivesse tentando acordar os mortos. A sacada, o primeiro lugar onde eu encontrei com o nemêsis de Alexander, Jagger, surgia como vampiro - enquanto na lotada pista de dança, amuletos cheios de sangue balançavam nos pescoços como medalhas olímpicas.

Mas Primus estava certo. O Clube do Caixão havia mudado nos últimos meses. O clube estava lotado, parede negra a parede negra, com clubsters. O intenso gelo seco permeava o ar como o nevoeiro da Londres de um Jack o Estripador, o que tornava difícil de enxergar.

E onde, na última vez, eu recebi olhares quando me aventurava através do clube, desta vez, os freqüentadores estavam festejando intensamente e aparentemente desinteressados em uma novata.

Eu segui Primus e Poison até o bar, mas outros ávidos clientes empurraram em sua direção diante de mim, me deixando ficar para trás. Eu pude ver suas cabeças acima da

multidão enquanto eu era espremida entre os clubsters. Quando eu pensei que finalmente tinha alcançado eles, percebi que tinha seguido um outro casal o tempo todo. Eu sai fora do mini-mercado de pulgas, onde por um baixo preço um clubster podia comprar qualquer coisa como um amuleto para se sentar com um numerologista. A pista de dança estava lotada ao lado da fila de vendedores, mas o bar não estava à vista em nenhum lugar.

Me espremi no meu caminho entre os clubsters dançando e bebendo, passando por gigantes portas em forma de lápide escrito MONSTROS e DEMÔNIOS. Finalmente eu vi uma parede cheia de garrafas, teias de aranhas agarradas a elas. Eu sabia que tinha encontrado o Santo Graal. Mas o bar estava tão lotado de clientes sedentos que era impossível ver quem era o bartender nem onde Primus e Poison estavam localizados. Eu chapinhei pelo caminho. Bastou uma garota deslizar fora da cadeira do bar em forma de lápide, eu pulei nela.

Um cara sentado ao meu lado girou em minha direção. Ele estava usando mais lápis de olhos do que Alice Cooper, e aquilo não ficava bem nele mesmo se ele fosse o velho roqueiro.

- Eu vou pagar o que você quiser, - ele disse, tropeçando no caminho em direção ao meu rosto e no espaço.

Eu localizei o barman, Romeo, mas nem eu nem o meu parceiro de bar atraímos sua atenção.

Romeu respondia a cada aceno de dez dólares, mas continuava a nos ignorar. Quando ele passou pela centésima vez, eu me inclinei sobre o bar e agarrei seu braço tatuado.

Já que Alexander e Jameson tinham ficado em segredo sobre todas as coisas dos Maxwell, eu pensei que esta era a minha chance de obter algumas informações importantes.

- Jagger voltou para a Romênia?, - eu perguntei.

Romeo, segurando uma cerveja em cada mão, me encarou. A menção do nome de Jagger lhe deu pausa. Tal como Primus e Poison, ele não me reconheceu.

- Quem quer saber? - ele perguntou suspeito.

- Raven. Ele está na cidade? Ou ele voltou para a Romênia?

- Raven... Seu nome soa familiar.

Eu percebi que eu não deveria ter deixado Romeo saber eu estava procurando por Jagger. Eu não era uma clubster regular, eu era a namorada do nêmesis de Jagger. Alexander já devia ter reunido Valentine a ele. Agora, isso parecia como se eu estivesse entrando em apuros. Como eu pude ter sido tão estúpida?

- Eu vou querer um Massacre Medieval, e a moça vai querer -, meu parceiro de bar começou.

- Eu volto já, - disse, sabendo que não iria retornar.

Era hora do chamado da noite. Eu tinha me perdido de Primus e Poison. Eu estive perguntando sobre a localização de nefastos vampiros. E eu era uma garota menor de idade sozinha em um bar. Era melhor eu chegar Velha Cidade antes que esta Cinderela com unhas pintadas de preto virasse uma abóbora.

O cansaço me bateu enquanto eu estava indo para as portas de entrada. Estava começando a me chutar para que quando eu acordasse pela manhã, eu estivesse em Dullsville. Eu comecei a me sentir tonta enquanto eu empurrava e me espremia em meu caminho por meio do clube cheio de névoa, meus pinos de segurança começaram a se enroscar nas correntes dos outros clubsters. Quando eu olhei para cima, eu tinha chegado a

uma parede que não me era familiar, mas tinha um caixão na forma de porta. Tentei abri-la, mas ela estava emperrada. Virei a maçaneta e empurrei meu corpo contra ela.

A porta abriu violentamente e eu tropecei para dentro da área pouco iluminada. Eu dei vários passos antes eu percebesse que, em vez de sair para a rua, eu tinha entrado em um corredor vagamente iluminado.

Eu ia ter de voltar, mas eu ouvi uma música (diferente da música sendo tocada no Clube do Caixão) pulsando vindo da outra extremidade. Talvez ela estivesse vindo do apartamento de Jagger - aquele que ele havia me mostrado quando eu visitei o clube em minha última viagem. Isso levaria só um instante para eu descobrir. Uma única lâmpada acesa acima no corredor secreto, e grafite desenhados nas paredes de cimento como um viaduto urbano. Quando cheguei ao fim do corredor, descobri outro pequeno túnel como rota, com paredes de pedra arqueadas e uma muito estreita escadaria que íngreme dava para escuridão. Eu deixei o corrimão enferrujado intocado e me arrastei escadas abaixo. Eles levavam a uma única porta de masmorra em madeira. Escrito em spray vermelho sangue estavam pintadas as palavras: FIM DA LINHA.

Isso seria o escritório de alguém? Ou talvez uma outra entrada para o apartamento em que Jagger morava?

Eu pressionei minha orelha na porta com tampa de caixão. Eu podia ouvir uma mistura de música e vozes.

Eu lentamente girei a maçaneta e empurrei a porta, mas ela não se moveu. Eu ouvi algumas vozes atrás de mim e o som de passadas descendo as escadas. Era um beco sem saída, e eu tinha para onde ir. Eu sabia que a qualquer momento eu poderia ser expulsa do clube e, talvez completamente de Hipsterville. Se eu vivesse para contar.

Dois caras com a aparência de cadáveres, um loiro e um ruivo, me encararam.

- Não consegue entrar? - O loiro me perguntou.

- Esqueci a minha chave, - eu disse fazendo gracinha.

- Não faz mal, eu tenho a minha.

Ele sacou uma chave antiga que oscilava em uma corrente que estava presa ao seu cinto.

- Entrar é fácil, - disse o loiro.

- Isso, se você conseguir passar pelo Dragão, - seu amigo retrucou.

- Mas sair é mais difícil, - advertiu o loiro.

Eu não sabia o que protegia do outro lado ou por que era necessária uma chave para destrancar a porta. Eu também nunca ouvi falar de um guarda protegendo o interior de uma porta.

A tampa do caixão rangeu se abrindo. Nós entramos em um salão escuro e sombrio onde fomos recebidos por um porteiro com aparência monstruosa do tamanho de um pequeno dinossauro. Tecido preto pendurado por trás dele como em um lava-jato, bloqueando qualquer visão do que ele estava guardando.

A cabeça do porteiro era raspada, e pintada sobre ela a cabeça de um dragão, suas asas reptilianas saíam do seu topo branco e envolviam seu bíceps de exterminador. Eu não me atrevi a ver a metade de baixo do dragão flamejante.

Os dois caras cadavéricos lhe mostraram suas chaves, e caminharam através do tecido, e depois desapareceram.

- Onde está a sua? - Ele rosnou.

- Ele está com ela, - eu disse, apontando para o cara que eu tinha seguido - Por favor, eles estão esperando por mim.

Ele parou, e me inspecionou para ver se eu era digna da passagem. Eu olhei para ele com a minha melhor "Não-me-faça-pedir-para-ver-o-gerente" cara, quando a porta abriu de novo e um grupo de clubsters, vestidos de preto e exibindo presas brancas, entraram.

- Da próxima vez, mantenha-a com você, - ele disse. - Caso contrário, você será banida.

Eu me empurrei através do tecido antes que o Dragão mudasse de idéia. O que se escondia do outro lado golpeou a minha mente - era um gigantesco túmulo subterrâneo. Um parecendo antigo cemitério subterrâneo, com tortuosas catacumbas e sepulturas escavadas nas paredes de pedra e chão de terra, como uma terra desconhecida no Canal de História.

Era assustador, escuro e perigoso. No centro, uma escavada pista de dança com uma banda de rock pesado tocando em um palco com iluminação fluorescente. Pintado em spray vermelho na parede atrás do integrantes da banda estavam as palavras O CALABOUÇO com um par de algemas verdadeiras e correntes penduradas abaixo. Suspenso acima havia um candelabro onde deveria ter uma bola de danceteria.

Em torno da pista de dança haviam santificados túmulos esculpidos dentro das paredes, como um esquelético necrotério, e arcos de pedra com quinze pés de altura levando a cavernas como quartos. Onde as múmias deviam ter sido enterradas agora haviam corpos vivos, bebendo, fumando, e se agarrando. Cada caverna era forrada com veludo preto ou vermelho e tinha enormes sofás de couro com casais se acariciando. Mais do que um pequeno número de túneis com vias de acesso escuras, os seus destinos eram desconhecidos ao meu ver. Alguns sinais de aviso - O SALÃO DO EXECUTOR, SALA DE TORTURA, ANTRO DO DRÁCULA - enquanto que outros permaneciam como sepulturas anônimas.

Tão mórbido quanto o clube sepultado era, o próprios clubsters eram elegantemente vampíricos. Os dançarinos eram uniformemente pálidos, lábios azuis cobertos por gloss vermelhos. Os clubsters variavam em roupas do gótico para punk para o Lolita gótico. Cada um parecia ser mais sedutor do que o outro. As paredes de pedra do Clube pingavam com o perigo, enquanto seus habitantes gotejavam sensualidade. Apesar de sua existência e localização serem secreta e isolada, eu tinha tropeçado em um ocultamente mágico cenário de festa. Esse clube era muito mais íntimo e sinistro do que a sua irmã clube lá em cima.

E ao contrário dos clientes em cima, estes fantasmas brancos clubsters pareciam convidativos. Rapazes e garotas me checavam tanto enquanto eu andava pelo caminho.

Alguns me encaravam como se adivinhassem que eu não tinha uma chave para entrar, enquanto outros me olhavam como não parecessem importar.

Os garotos estavam beijando os pescoços das meninas, pulsos, e em cada lugar com uma veia proeminente e as garotas sorriam de volta deliciadas.

Esse grupo era definitivamente muito mais amigável.

- Oi. Quer dançar? - Um cara se aproximou de mim enquanto eu estava evitando pisotear um túmulo, enquanto outra garota com seu nariz tão longo quanto de uma bruxa, apenas me seguia.

- Eu nunca te vi por aqui antes. Você está sozinha? Eu conheço um cara perfeito para você.

Mas em vez de responder a eles, eu escapei até o bar e saltei sobre uma cadeira.

Um garçom, o cabelo dele fluindo para baixo até o piso de terra, colocou um guardanapo preto do Calabouço na minha frente. - Nós temos importados e nacionais.

- Uh... e sobre os locais?

O barman riu. - É a noite das senhoras. Bebida grátis para garotas.

Eu estava tão sedenta quanto um vampiro sem sangue.

- Nesse caso, alguma coisa sem álcool...

- Claro... por que diluí-lo.

Ele agarrou uma linda garrafa verde, derramou o seu conteúdo dentro de um cálice de vidro decorado, e em seguida, empurrou a bebida para mim.

A bebida tinha um cheiro peculiar. Eu estava esperando que ela tivesse um gosto como o super doce Kool-Aid, mas ela parecia ter a consistência de suco de tomate.

Eu toquei ela com o meu dedo e examinei de perto.

Então eu percebi que não era nem Kool-Aid, nem suco de tomate - aquilo era sangue.

Tinha sido um engano, ou talvez uma pegadinha?

- Posso pegar um pouco de água, também? - Perguntei, derrubando ele no chão.

- Você não gostou?

- É delicioso, - eu disse, não querendo chamar a atenção para mim. - Eu gostaria de terminar isso com um copo de água.

Ele colocou uma outra taça ao lado da minha cheia de sangue- enquanto eu esfregava a minha mão em uma limpeza bacteriana por baixo do balcão do bar.

Eu cheirei o novo copo. Quem sabe, ele poderia ter sido cheio com uísque. Não havia qualquer cheiro perceptível, por isso, tomei um pequeno gole. Eu estava com sorte. Era a costureira água da torneira de Hipsterville. Eu engoli, então o coloquei na extremidade do bar. Eu estava me preparando para sair da cadeira quando alguém colocou a mão no meu ombro.

Um cara magro com uma olheira de cinco horas sentou no bar próximo a mim. - De onde você é?

Eu rolei meus olhos e recuei meu ombro de sua mão.

- Não quero que pareça que estou extraindo algo; eu realmente quero dizer isso - de onde você vem?

- Está fazendo uma sondagem?

- Para falar a verdade...

Eu não sentia vontade de dizer a um estranho o meu endereço pessoal. Já era o suficiente que Jagger me seguisse até a minha casa vindo do Clube do Caixão da última vez que eu visitei Hipsterville. Eu não queria o Olheiras de Cinco Horas aparecendo na minha casa, de passagem ou não.

- Você tem que achar outra pessoa para a sua inspeção.

- Eu nunca vi você aqui antes. Como você descobriu sobre este lugar?

- Um morceguinho me contou.

Ele abriu um sorriso.

- E você? - Perguntei, apenas para ser educada.

- Os círculos na plantação. Então eu soube que havia uma população de nossa espécie aqui.

- Os alienígenas? - Perguntei.

O estranho riu novamente. Fiquei intrigada com a sua resposta, mas eu sabia que se eu pressionasse ele para obter mais informações, ele iria interpretar a nossa conversa como um convite.

- Me deixe te pagar uma bebida, - ele disse, se aproximando.

- Obrigada mesmo assim, eu não estou ficando.

- Você é cautelosa. Eu entendo... Todos nós somos. É por isso que o Clube do Caixão é o mais quente clube subterrâneo. Todos nós podemos ser nós mesmos. A propósito, meu nome é Leopold.

- Uh... eu sou...

Eu senti algo vibrando na minha bolsa. Eu o alcancei- era o meu celular. Salva pelo gongo, ou neste caso vibração. - Tenho que atender essa, - eu disse, saindo do bar. Eu abri meu celular e escapei para baixo de uma entrada no arco de pedra.

- Raven? - Era tia Libby. Eu mal podia ouvi-la. - Como você está?

- Oí, tia Libby, - eu gritei de volta. - Estou bem.

- O que você está fazendo? Eu mal posso te ouvir.

Eu dei uma caminhada através das catacumbas, me pondo a distância da pista de dança barulhenta.

- Eu estou com seu estéreo ligado.

- Você terá que baixá-lo. Não quero que os meus vizinhos reclamem.

- Claro. Vou abaixar isso assim que desligar.

- Você está se divertindo?

- Pode falar mais alto? - Perguntei, segurando minha outra orelha fechada com o meu dedo indicador.

- Você está se divertindo? Eu tenho certeza que você está entediada até as lágrimas.

- Não é tão mal, - eu berrei de volta, continuando a andar.

- Eu queria que você tivesse vindo a aula comigo. Nosso professor veio do Quênia. Ele era realmente incrível.

- Não se preocupe comigo. Estou me divertindo muito, - eu disse a verdade.

- O quê? Eu não posso te ouvir.

- Estou me divertindo, - eu gritei enquanto alguns freqüentadores vestidos com roupas fantasiadas de personagens passavam por mim.

- O final da aula será daqui a pouco. Eu te vejo em breve.

- Leve o tempo que quiser, Tia Libby.

- O quê?

- Você não precisa ter pressa por minha causa.

- Não posso ouvi-la. Iremos conversar quando eu chegar em casa. Até breve. - Ela desligou antes que eu tivesse uma chance de adiar sua partida.

Era imperativo que eu fosse para casa de Tia Libby.

Deixei meu celular na minha bolsa e percebi que tinha perdido meu senso de direção. A pista de dança do Calabouço era para a direita ou a esquerda? Eu tinha uma chance de cinquenta por cinquenta de fazer a escolha certa. Simples lâmpadas acesas iluminavam o caminho através do túnel de pedra, e mais algumas catacumbas surgiam. Eu tinha estado tão

focada na minha conversa com tia Libby que eu não tinha feito nenhuma nota mental de direção. Eu precisava de uma trilha de migalhas de pão.

Eu notei alguns crânios revestindo o túnel como uma borda de uma cozinha. Eu não me lembrava de tê-las visto quando eu estava falando ao telefone, mas mais uma vez, eu não estava olhando.

O túnel era fracamente iluminado e limitado. As paredes de pedra se inclinavam sobre mim enquanto eu passava indecisa.

Ouvi algumas vozes e risos provenientes do final, então eu as segui. Cautelosamente penetrei através das catacumbas, tentando não escorregar no terreno irregular. O sinuoso túnel terminava em uma pequena sala. O ABRIGO.

Uma dúzia de clubsters de costas para mim, estavam ouvindo o que eu pensei que poderia ser um palco para cômicos. Eu estava curiosa em saber o porquê deles escolherem escutar ao em vez de se aglomerar na pista de dança.

Mas aquilo não era um comediante comum vestindo jeans azuis. Ele usava um blusão preto com capuz puxado sobre a sua cabeça, ocultando seu rosto mortalmente pálido, e ele não estava fazendo a platéia rir.

- O Calabouço deverá ter uma nova direção. Porque se esconder na obscuridade, quando há muito mais que podemos fazer? - Ele desafiou. Resplandecendo no foco de um único holofote havia uma chave de ouro pendurada em uma corrente preta ao redor do seu pescoço como um passe para entrar nos bastidores em um concerto rock.

- Eu concordo. Porque negar quem nós somos? - Uma garota perguntou, uma cobra enrolada em torno do pescoço como uma pele de marta.

- É por isso que este clube é tão importante, por isso podemos ser nós mesmos, - outro começou.

- Mas o Calabouço é um lugar seguro e secreto que podemos ter para nós.

- Não é a hora de nós nos tornarmos conhecidos? - A cobra sussurrante argumentou, acariciando o réptil. - Muitos de nós estão se tornando frustrados permanecendo escondidos.

- Mas muitos outros se sentem mais seguros entre nós, - um clubster admitiu.

- Nós não nos damos bem com estranhos, - disse outro.

- Talvez seja a hora de tentarmos, - uma garota na primeira fila disse.

- Então nós podemos ser como eles e perder a nossa identidade? - Perguntou outro.

A tensão cresceu de ambos os lados. O orador levantou suas mãos para cima. - Se acalmem. Nós precisamos estar todos unidos.

Um cara próximo a mim me perguntou: - O que você acha?

Todos de uma vez do grupo olharam direto para mim. A cobra, ainda enrolada em sua dona, sibilou.

- Acho que é hora de eu voltar para a pista de dança!

Eu sai furtivamente pelo meu caminho de volta para o túnel uma vez mortal. Meus olhos não tiveram a oportunidade de se ajustarem à escuridão e tropecei em um par de garotas. Fiquei tensa, mas eu estava muito cansada para briga de bar.

- Me desculpe, - eu disse. - Vocês conhecem o caminho de volta para a pista de dança?

As garotas, ao contrário das viciadas em Prada na escola de Dullsville, não tinham comparação. Em vez disso eu senti um carinho e simpatia emanando delas.

As duas meninas pareciam ser da minha idade. Uma vestia um espartilho azul índigo, enquanto a outra usava um vestido de boneca com meias de renda prata até a coxa e botas de cano longo. Sua maquiagem vampírica de cor roxa acentuava dramaticamente suas características Draculineas. Uma tinha um longo cabelo encaracolado ruivo e a outra um cabelo negro liso como uma lâmina.

- Siga-me, - a menina vestida com espartilho nos direcionou, unindo nossos braços.

- Eu sou Onyx, e esta é Scarlet. Qual é seu nome? - Ela mostrou um sorriso deslumbrante, revelando uma pequena jóia de ônix preta embutido em uma de suas presas.

- Uau, onde você conseguiu isso? - Eu comecei. - Eles parecem tão reais.

Ela mostrou suas presas novamente. - E é. Podemos perfeitamente por em suas também.

Fiquei surpreendida. Onyx estava se referindo a jóia, enquanto eu estava me referindo as presas dela.

- Como vocês encontram seu caminho ao redor do clube? - eu perguntei.

- Levou uma eternidade, - respondeu Scarlet.

Antes que eu soubesse disso, eu estava seguramente no centro do clube, duas novas amigas em rebocagem.

- Muito obrigada, - eu disse. - Agora eu vou pelo meu caminho.

Suas expressões vivas ficaram pálidas.

- Você não quer dançar?

Aqui estava eu andando com as duas garotas mais legais que eu jamais havia conhecido - quando eu tinha sido excluída por panelinhas por toda a minha vida. Era emocionante ser imediatamente aceita como eu mesma. E eu não sabia quando eu ia ter uma oportunidade de vir para o Calabouço novamente.

- Ok, uma música! - Eu cedi.

Nós nos sacudimos ao redor e rimos como se tivéssemos sido melhores amigas desde a infância. Eu imaginei que vida teria sido para mim se Scarlet e Onyx tivessem crescido em Dullsville. Não teríamos dormido durante o dia, pintado nossas unhas na luz da lua, e fofocado no cemitério.

Nós dançamos demais, eu pensei que minhas tatuagens falsas iam escorrer. A temática vampiro era levada ao extremo no Calabouço. Os clubsters ficavam tão juntos como se bebendo a alma um do outro. Os lábios ávidos dos rapazes estavam pousados sobre os pescoços vertiginosos das garotas, não estava claro quando um clubster começava e outro terminava.

Eu estava embriagada pela música, sentindo o perigo do clube, e a minha aceitação por Scarlet e Onyx. Então eu percebi as horas. - Eu realmente tenho que ir.

- Já? Mas podemos dançar até o amanhecer, - Scarlet ofereceu, jogando seu sedutor cabelo ruivo espesso e encaracolado para fora do ombro dela.

- Não posso. Eu tenho de encontrar alguém.

- Ele é maravilhoso? - Onyx pediu.

- Ele é como nós? - Scarlet incitou.

Eu estava muito envergonhada para dizer que eu ia me reunir com minha tia.

- Vou te dar o meu número. - Scarlet abriu a minha bolsa, tirou meu celular, e digitou um número de dez dígitos. - Ligue quando quiser, exceto durante o dia. Meus pais odeiam ser acordados.

Ela me abraçou apertado, do mesmo modo que Onyx.

Eu odiava ter que sair. Além de estar com o Alexander, eu estava tendo o melhor momento da minha vida. Eu estava relutante em deixar a minha descoberta do Calabouço para trás.

Quando eu sai da pista de dança eu reparei que minha bota tinha desamarrado. Eu manquei de lado, evitando que qualquer clubsters viessem a tropeçar nos meus longos cadarços. Eu botei minha bota em cima de uma cadeira e me inclinei sobre o arco de passagem para apoio quando eu senti o olhar penetrante de alguém. Enterrada nas sombras de um pequeno salão na caverna, Eu mal podia ver a silhueta de uma pessoa sentada sozinha.

Curiosa, me aproximei a frente. A uma distância segura, eu perscrutei através da escuridão. Um candelabro empoleirado em cima da mesa iluminava suavemente a pessoa. Primeiro eu vi as botas de motociclista, cruzadas nos tornozelos repousando sobre o chão de terra, em seguida, calças apertadas de couro preto, como celofane. Eu podia ver as mangas de sua jaqueta de motoqueiro, suas correntes, e seus braços descansavam dobrados. Eu andei um pouquinho para mais perto e me inclinei sobre uma réstia de luz. Cabelos púrpura caídos sobre os óculos escuros. Ele parecia estar olhando direto para mim. Demorou um pouco, mas eu quebrei o seu olhar que nos ligava e recuei para a segurança das sombras, ou era o que eu esperava.

Porque o cara da motocicleta estava me observando? E sentado sozinho como se ele estivesse esperando chamar a atenção?

Senti-me estranhamente atraída por ele. Seu olhar era magnético.

Vários clubsters parecendo brutos se aproximaram dele, mas ao invés de cumprimentá-lo como os garotos batiam no braço ou batiam nas mãos, todos eles acenaram com a cabeça e entraram na pequena sala, sentaram-se à mesa em torno dele, e esperaram que ele começasse a falar.

Desesperadamente eu queria ouvir sua conversa secreta e daria o braço pelo quem ou o que era sobre este motoqueiro.

- Ele não tem a menor idéia sobre com o que os vampiros realmente precisam, - um clubster disse ao motoqueiro.

- Acho que é hora de nós fazermos alguma coisa, - outro disse.

- Antes ele arruíne nossos planos, - um terceiro acrescentou.

O motoqueiro de cabelo violeta se inclinou, fora do alcance da voz.

Os cautelosos caras estavam escutando ele tão atentamente, eu podia dizer que eles estavam tão envolvidos quanto eu estava. Se o motoqueiro era o líder desses clubsters bárbaros, eu só podia imaginar que tinha encontrado alguém duas vezes mais perigoso do que Jagger e Valentine.

Eu senti meu coração correr novamente por todo o meu corpo quando eu percebi que meu celular estava vibrando. Tia Libby de novo. Todo mundo, exceto o motoqueiro, virou-se e me encarou. Mas o motoqueiro estrela do rock permaneceu parado. Era como se ele soubesse que eu tinha estado ali de pé o tempo todo.

Eu rapidamente fui para o arco de passagem que conduzia de volta à pista de dança quando todos de uma só vez estavam de pé diante de mim, bloqueando meu caminho.

Eu tomei fôlego e olhei para cima. Seus cabelos violeta flutuaram, sedutoramente, sobre os seus Ray-Bans. Seu severo e hipnótico olhar perfurava através das lentes escuras. Havia algo de poderoso sobre o misterioso estranho. Ele cheirava a *Obsessão* e elevava-se acima de mim em suas botas grossas de motociclista.

- Como você entrou? - Ele perguntou em um pesado sotaque romeno.

- Você é o dono do clube?

- Não, mas eu poderia. - Sua jaqueta de couro estalou enquanto ele dobrava seus braços. - Eu não vi você antes. - Sua cabeça rebaixou e ele parecia que estava verificando o meu pescoço. - Eu suspeito que você não pertence.

Eu brinquei com os meus brincos, cobrindo o meu suave, livre de mordidas pescoço com minha palma. Eu me senti um pouco intimidada por ele, mas isso não me impediu de falar novamente.

- Como você sabe? - Eu desafiei.

Seus óculos e cabelo lançavam uma sombra sobre o seu rosto, tornando ele difícil de se ler. Eu não estava certa se ele se quebrou em um sorriso. Por sua linguagem corporal, eu sabia que ele estava sério. - É melhor que você vá embora. Ser um membro do nosso clube vem com um alto preço. Mas talvez eu possa explicar mais sobre isso com uma bebida.

- Não, obrigada. Eu já tenho um namorado.

- Então ele é um cara de sorte, - ele me elogiou. - Meu nome é Phoenix Slater, - ele disse, estendendo a mão e pegando a minha. - E você é?

- Saindo, - eu disse, puxando a minha mão pra longe.

Eu tinha feito a metade do caminho para a porta do Calabouço quando ele deslizou seu braço em torno do mim. Furiosa, girei em torno, mas eu não estava preparada para quem eu agora ia confrontar. Me encarando de volta estavam um metálico olho verde e um gelado olho azul. Jagger Maxwell.

Eu ofeguei. Haviam alguns poucos meses desde que eu tinha visto o nêmesis de Alexander tão próximo e em pessoa.

Jagger parecia exatamente o mesmo - cabelo branco com pontas vermelhas, como se elas tivessem sido mergulhadas em sangue. Três anéis prata furando sua orelha esquerda, e uma tatuagem em seu braço onde se lia POSSUÍDO. Ele estava segurando um capuz preto.

Ele se aproximou de mim como uma aranha em uma mosca.

- O que você está fazendo aqui? - Eu perguntei de volta.

- O que *você* está fazendo aqui? - Ele exigiu, chegando mais perto.

- Eu pensei que você estava na Romênia.

- Eu pensei que você estava nos braços da Alexander.

- Eu vim aqui para ver...

- Sim? - Ele olhou para os meus lábios intensamente, esperando por minha resposta.

- Minha tia.

- Sua tia pertence a este clube, - ele questionou, brincando comigo. - O que ela é, quarentona? Cinquenta? Não vejo ninguém dançando com uma prostituta. (*n/t: walker pode significar prostituta, caminhador, pedestre, pessoa que não passou pela adolescência, mas como é o Jagger falando...)

- Ela não está aqui, idiota, - eu disse. - Ela mora na cidade, mas é melhor você...

- Não tenho nenhum interesse em sua tia. Você, porém... - Ele inalou profundamente, como se ele estivesse respirando em mim, então lambeu seus pálidos lábios mortais. - Estou curioso do por que você aqui. Este clube é só para membros. Mas, uma vez que você participa, a filiação dura uma eternidade. A não ser que...

- A não ser o quê?

- A não ser que você já tomou parte.

Antes eu tivesse a chance de parar ele, ele colocou suas mãos frias contra meu queixo e virou minha cabeça de um lado para o outro, inspecionando o meu pescoço.

- Me larga!

- Eu acho que não. Você realmente não deveria estar aqui. Este não é um lugar para sua espécie.

- Eu não tenho uma espécie.

- Que pena. Não era isso o que você sempre sonhava? - Ele olhou dentro dos meus olhos e traçou a linha do pescoço em meu vestido com sua unha preta. Ele lambeu seus lábios e sua mostrou suas presas.

Phoenix se colocou entre nós. Ele e Jagger se olharam nos olhos antes que Jagger se afastasse.

Dezenas de clubsters se reuniram em torno, metade ao lado de Jagger, e outros acompanhando Phoenix, como se esperando por uma luta mortal.

Eu não sabia qual lado escolher. Ainda que eu soubesse que Jagger era abominável, pelo menos eu tinha uma idéia de com quem eu estava lidando. Mas à medida que crescia a tensão entre os dois, eu sabia que era melhor sair.

Eu fugi e me escondi atrás de uma cortina preta a poucos metros de distância. Quando eu tomei meu fôlego, eu perscrutei por uma fenda no tecido.

Eu não tinha certeza qual tipo de clube eu havia tropeçado, mas eu tive uma idéia. Drinks cheios de sangue, presas reluzindo, um clube onde a filiação era pela eternidade. Havia apenas uma única maneira de ter certeza.

Eu procurei em minha bolsa e puxei o compacto de Ruby. Eu o angulei atrás de mim. Eu dei uma respirada profunda e olhei através do reflexo do espelho. Eu congelei. O grupo do clube e a pista de dança estavam vazias.

Eu apenas entrei no verdadeiro Clube do Caixão.

5 - As Catacumbas

Depois que eu vooi passando pelo Dragão, que estava observando os membros, eu corri pela íngreme escadaria acima e para fora da entrada principal do Clube do Caixão. Eu ouvi o som de um motor de motocicleta atrás de mim quando eu me arranquei rua abaixo para encontrar tia Libby do lado de fora do velho Town Folk Music Center, segurando um grande cilindro africano sob seu braço, muito surpreendida em me ver.

Eu cai no futon da tia Libby, mas o sono não me pegou imediatamente. No meio da noite, eu ouvi uma motocicleta passar abaixo da rua. Eu me sentei e perscrutei por fora do pálido acortinado azul da janela. Não havia nenhum sinal de Phoenix ou de nenhum outro motoqueiro de Harley. Eu caí de volta no colchão, mas ainda estava fortemente atingida pelos acontecimentos da noite rodando em volta da minha mente.

Justo quando eu pensava que tinha visto tudo, ou sabia tudo que um mortal poderia saber sobre o submundo, eu tinha tropeçado em outra aventura sobrenatural. Eu pensei que minha vida tinha se tornado especial o bastante quando eu descobri a identidade de vampiro de Alexander. Então eu encontrei Jagger, Luna, e Valentine e seus modos sedentos de sangue. Quem poderia imaginar, vivendo e crescendo em Dullsville (onde o maior evento era a festa anual da primavera), que um dia, não somente estes eventos aconteceriam comigo, mas eu encontraria um clube onde os vampiros me aceitariam como um deles próprios.

Uma coisa tinha sido passar um tempo com Luna e encontrar com Jagger em Dullsville. Esta noite foi como nada que eu havia experimentado antes. Em vez de ir ao shopping com Becky, eu tinha dançado com vampiros. Imergido no mundo deles versus encontrar um pouco do meu, eu consegui ver como o submundo era. Sem a ameaça dos mortais, eles eram livres para serem eles mesmos. Flertando, bebendo, e festejando como qualquer outro clubster em um clube alternativo, exceto por uma coisa - a clientela era imortais vampiros sugadores de sangue.

Eu revivi os eventos da noite em minha mente. Eu queria saber o porquê de Jagger ter permanecido em Hipsterville. Dessa vez não era melhor ir para a Romênia com Luna e Valentine? E quem era este Phoenix? Por que eu estava, junto com um grupo de truculentos vampiros, tão indecisa por ele? Ele era mais perigoso do que Jagger? E o que era que sua gangue estava pedindo para ele fazer?

A pior coisa sobre minhas novas descobertas era que eu não era capaz de dizer a Alexander coisa alguma. Nada sobre Primus e Poison ou minha visita ao Clube do Caixão. E mais que tudo, eu não poderia expressar uma palavra sobre minha entrada no Calabouço, conhecido Onyx e Scarlet, ou o meu encontro com Jagger e Phoenix.

Este escuro e mortal submundo era exatamente o porquê de Alexander ter deixado a Romênia em primeiro lugar. Ele era um excluído em um mundo carnívoro em que havia nascido. Se ele soubesse que bem debaixo do seu nariz havia um clube privado de vampiros, ele poderia se sentir mais solitário.

Talvez Alexander já soubesse sobre os círculos na plantação e o clube subterrâneo.

Talvez esta era a razão para ele e Jameson estarem permanecendo em Hipsterville - para ver se alguma coisa iria acontecer. Mas então por que ele estaria sendo tão reservado e não me diria?

Talvez eu que tinha que ser mais franca. Dizer tudo a ele - de Jagger a Phoenix. Mas então eu ia arriscar envolver Alexander com o Calabouço, atrasando ainda mais seu retorno a Dullsville. Por hora, era melhor eu ia deixar as coisas como estavam.

O bracelete de plástico em meu braço seria uma denúncia mortal a Alexander sobre a minha esgueirada no clube. Eu odiava manter um segredo dele, mas eu tinha que pensar completamente nas coisas antes de tomar a decisão correta.

Se eu tirasse o bracelete, eu não teria uma chance de voltar lá dentro. Eu me levantei e agarrei minha mala de viagem e apanhei uma pequena sacola de viagem do Black Catz.

Dentro dela estava uma munhequeira da Hello Batty. Eu a deslizei e enterrei o bracelete de plástico com segurança para baixo.

Eu imaginei a mim mesma de volta a mansão, Alexander me segurando em seus braços enquanto nós descansávamos escondidos em seu caixão em seu quarto no sótão monstruosamente grande. Nada do mundo exterior ou do submundo poderia nos distrair do amor que nós compartilhávamos juntos.

6 - Calabouço dos sonhos.

Eu não tinha nem certeza de que horas poderiam ser; Eu só sabia que estava de volta ao Calabouço. As catacumbas estavam cheias de vampiros - escondendo-se, saciando-se, libidinando-se, esnobando-se - escondidos atrás de arcadas e em visão total. De repente eu estava rodeada por uma gangue de vampiros clubsters. A pista de dança estava convertida em um algum tipo de batismo medieval. Um caixão coberto estava no centro da pista suja de dança incluindo candelabros de seis pés de altura. Na mesma direção, dois clubsters estavam segurando uma espécie de trono em forma de mão para reis vampiros. Os clubsters começaram a gritar - Sangue novo, sangue novo.

- O que está acontecendo? - eu perguntei. Eu finalmente encontrei Onyx e Scarlet na multidão dos vampiros que estavam gritando.

- Estamos fazendo a iniciação a um novo membro - Onyx revelou excitada.

Meu estomago deu uma cambalhota. Eu não estava pronta para testemunhar alguém ir para debaixo 'da presa'.

- Quem? - eu perguntei.

Scarlet riu. - Você!

A multidão veio para cima de mim e de repente todos os clubsters estavam me passando por suas mão por cima das suas cabeças como de eu fosse a Rainha do Mosh Pit.

Os clubsters continuavam a gritar "Sangue novo, sangue novo."

Eu fiz meu melhor para lutar contra o mar de unhas pretas e vermelhas-sangue das mãos da multidão, mas dois punhos e dois pés com botas de combate não eram o suficiente contra a força da multidão de vampiros famintos.

- Eu não estou pronta ainda! - Eu gritei. - Eu estou esperando pelo Alexander!

Antes mesmo que eu soubesse, eles me baixaram no caixão e seguraram meus braços, vampiros de olhos vermelhos gritavam "Sangue novo, sangue novo" ao meu redor.

- Sai fora! - eu gritei, mas os clubsters seguravam prendendo meus braços e minhas pernas muito forte. Eu notei dois rostos familiares na multidão ao meu redor - Primus e Poison.

- Primus! Poison! - eu chamei eles. - Digam a eles que eu não estou pronta ainda para me juntar a eles!

- Nós te dissemos que o Clube do Caixão tinha mudado - Primus disse.

- Você deveria ter ficado conosco, mas ao invés você foi curiosa e abriu a porta do Calabouço - Poison disse. - Agora nós somos membros também! - Ela sorriu reluzindo suas presas pra mim.

Um par de membros com capas levantaram dos seus tronos e se aproximaram de mim. O que estava sorrindo pegou um cálice com uma mão e com a outra mergulhou seus dedos dentro dela, como se fosse pra testar a temperatura. Então ele chuvejou o líquido quente no meu pescoço, marcando-me com um X de sangue.

- Não - eu gritei. - Tira isso de mim!

O vampiro tirou seu capuz. Tudo o que eu vi foi cabelos brancos e olhos vermelhos. Era Jagger.

Eu me virei pra longe. Lá na muito atrás da multidão olhando diretamente para mim estava Alexander. Eu senti o desapontamento dele por me encontrar aqui no Clube do Caixão. Eu alcancei para fora, mas ele virou-se de costas e desapareceu na multidão.

O outro membro encapuzado aproximou-se de mim. Uma fêmea de presa de ouro abaixou seu capuz e eu vi que ela tinha cabelo picotado roxo que batia nos ombros saindo do capuz.

Phoenix me deu um sorriso ameaçador, suas presas tão afiadas como facas. Ele se inclinou em sobre mim e mergulhou seus dentes em meu pescoço.

- Não! - eu tentei gritar, mas estava sem voz.

Eu acordei com um suspiro assustado, numa piscina de suor, minhas mão ao redor do meio pescoço.

Figuras multicoloridas da Grateful Dead dançavam sobre o manto da clareira. Um tambor africano estava encima de uma pedra antiga. Luz brilhou através da janela enquanto o sol começou a subir ao longo das árvores. Eu estava fora do ar, mas eu suspirava com alívio. Estava salva trancada no apartamento da minha tia, deitada no futon da sala de estar, debaixo da tela de proteção do sol. Eu apertei a almofada nos meus olhos e tentei desesperadamente cair no sono e sonhar com o único vampiro em que eu confiava, Alexander Sterling.

Esta tarde, eu estava arrumando a mesa da Tia Libby de enfermagem com uma xícara de café quando ouvi o empurrão das chaves da porta de fora da minha tia.

Tia Libby entrou e trazia com ela o blazer da Lares Felizes e alguns sacos de compras.

- Eu ia perguntar o que você quer fazer hoje - disse ela enquanto ela me ajudava a levá-los para a cozinha - mas o dia está quase terminado. Então, o que faremos hoje a noite?

- Bem...

- Eu tenho certeza que você ainda está cansada de ontem, por isso, se quiser ficar no...

Quando Alexander e eu estávamos na mansão jantando ontem, ele prometeu-me que ele ia me levar para o Clube do Caixão esta noite. Eu não queria largar tia Libby, e eu ainda estava pirada com o meu pesadelo cheio de vampiros no Calabouço de ontem, eu ainda estava morrendo para ver Alexander e cumprir o meu sonho de dançar juntos no Clube do Caixão.

No entanto, a minha tia foi a realização da minha resposta, e "Eu já tenho planos" não era o que ela estava esperando ouvir. Aqui estava eu, ficando em sua casa, comendo sua comida, e eu tinha-me tornado tão egoísta que eu estava fazendo planos sem ela.

- O que quer que você queira fazer - eu finalmente disse. - A noite é sua.

Mas em vez de responder, tia Libby continuou a descarregar as compras.

- Podemos ver um filme - eu sugeri. - Ir a um clube de jazz. Ver algumas lojas.

Ainda assim, a minha tia não estava tão animada como eu pensei que ela iria ficar com a minha idéia.

- Ou se você tiver mais alguma coisa...

- Eu tenho uma outra coisa - disse ela ansiosamente.

- Então nós podemos fazer isso.

- É um encontro.

- Um encontro? Com Devon?

Ela balançou a cabeça tristemente. - Sou uma péssima tia - disse ela. - Devon me chamou na hora do almoço hoje. Ele me convidou pra sair esta noite e antes que eu tivesse percebido eu tinha dito 'sim'.

- Tudo bem.

- Não, foi a coisa errada a fazer. Vou ligar e cancelar - disse ela, pegando seu telefone sem fio no balcão da cozinha.

- Nem pense nisso - disse, pegando-o primeiro.

- Então você tem que vir.

- Você está brincando? Em seu primeiro encontro? Até eu sei que seria um desastre.

- Por favor, eu não posso te deixar para trás novamente. Alguém de dezesseis anos não pode querer ficar sozinha no apartamento de sua tia sozinha. Eu sei que é por isso que você saiu ontem à noite e apareceu na minha aula, porque estava entediada.

Mas alguém de dezesseis anos também não quer ir no primeiro encontro de sua tia com o seu novo namorado, eu pensei, mas não podia dizer.

- Não vou ficar entediada hoje. Eu prometo. Tenho a leitura obrigatória de verão pra ler, então podia começar logo.

Ela levantou a sua sobrancelha. - Está ficando mais parecida com o seu pai do que eu imaginava.

- Ou, pelo menos, Billy Boy.

7 - Dançando com a Morte.

Alexander e eu chegamos ao Clube do Caixão para encontrar a moto de Phoenix já estacionado no local VIP. - Wow, aquela moto é maneira - Alexander disse quando nós passamos por ela. - O que você acha?

- Acho que maneira, mas não é nem metade maneira do que você é - eu respondi, apertando a mão dele enquanto nós continuamos a andar na fila.

Eu imaginei Phoenix andando para o clube como se fosse da realeza, enquanto o meu namorado e eu ficávamos na parte de trás da linha.

Mas, realmente, onde mais sobre a Terra que eu preferiria estar? Alexander estava ao meu lado, e logo eu veria o meu desejo se tornar verdade. Seria uma noite para recordar.

Ainda assim, eu não podia fazer nada além de deixar a minha mente vadiar. Alexander, afinal das contas, era um vampiro. Ele poderia a chave e a filiação eterna de ser membro do Calabouço com apenas um chacoalhar de presas. No entanto, se eu dissesse a Alexander que eu já tinha estado ali, sem ele, ele ia ficar furioso. E ele saberia se eu tinha estado no clube subterrâneo e que tinha visto Jagger. No que diz respeito ao que Alexander sabia, Jagger havia retornado para a Romênia e, provavelmente, Jagger também achava que Alexander estava de volta em Dullsville. Não era o dever divulgar as suas localizações. Eu já tinha causado problemas suficientes a Alexander no passado - eu tinha levado Jagger de Hipsterville direto a Alexander. Seria difícil, mas eu tinha que manter meus lábios pretos fechados.

Alexander e eu orgulhosamente entramos no Clube do Caixão, lado a lado, como se fôssemos estrelas entrando em uma festa. Nós estávamos tão acostumados a nos sentir deslocados, eu finalmente me senti bem em entrar em um lugar cheio de pessoas que pareciam com nós.

Eu me sentia eufórica por estar abaixo dos manequins sem vida e com o meu próprio namorado vampiro. A multidão e a música estavam estourando até mesmo mais do que estavam na noite anterior. Desta vez, os clubsters não tão centrados em si. Na verdade, as meninas ficavam dando em cima do meu namorado! Primeiro achei que era divertido, como se eu tivesse chegado nos braços de uma estrela do rock. Mas depois de alguns minutos de piscadelas, olhadas-de-rado-de-olho, minissaias justas, micro vestidos das meninas, eu estava ficando com ciúmes. Será que elas não sabiam que eu estava de pé ao lado dele? Uns caras também me olharam, mas todas as meninas por onde passamos olhavam para Alexander como se ele fosse o Criss Angel.

Finalmente ele me chamou para ir ao bar. - Você não percebeu?

- Percebeu o quê? - Ele perguntou ingenuamente.

- As meninas?

- Que meninas?

- Olááá! Você estava preocupado com o fato de me trazer a um bar enquanto eu é que tinha que ficar preocupada com o fato de te trazer aqui.

- Eu não sei do que você está falando - disse ele sério.

- As meninas estão praticamente babando em você!

Alexander corou, então riu suavemente.

- Bem, existe apenas uma garota com quem eu quero estar e ela está bem aqui. - disse ele.

A barman, uma mulher robusta, que parecia ter sido bartender desde que a cerveja foi inventada, nos perguntou o que queríamos beber.

Alexander e eu nos contentamos com Guilhotinas não alcoólicas.

Alexander parecia celestial contra o plano de fundo de lápides de néon, seus olhos levemente cintilando nos meus. Ele parecia tão feliz como eu nunca o tinha visto, como se ele não quisesse estar em qualquer lugar do mundo, a não ser junto neste clube. Seus braços estavam ao meu redor protetoramente, os nossos dedos entrelaçados. Mas eu senti uma angústia de solidão por Alexander. Ele passou muito tempo em seu quarto-sótão, sozinho, seja em Dullsville ou Hipsterville, sua única companhia de tempo-integral, era o seu arrepiante mordomo. Eu estava animada por fazer parte da vida noturna de Alexander esta noite.

Claro, eu não podia dizer, mas me perguntava o que estava acontecendo no Calabouço.

Novos membros estavam sendo levados? De onde eles eram? Phoenix e Jagger estavam mostrando as caras? Eu estava morrendo para compartilhar o clube do submundo com Alexander, mas uma cultura cheia de vampiros sanguinários por sangue era exatamente o que ele tinha deixado pra trás na Romênia. Ele estava muito mais feliz em um ambiente onde mortais fingindo ser vampiros, do que vampiros fingindo ser mortais. E mesmo que eu quisesse, eu não tinha certeza se eu seria capaz de descobrir o segredo da porta em forma de caixão.

- Você parece distraída. - comentou Alexander.

- Eu estava só pensando em você, na verdade.

- Bem, você não tem que pensar em mim. Estou bem aqui. - Ele se inclinou um pouco mais e me deu um beijo prendendo meus lábios, que me enviou calafrios até minhas botas.

Ele colocou as nossas bebidas no bar, agarrou a minha mão, e me levou a pista de dança.

Pelas próximas horas, nós dançamos, pulamos, e nos esprememos, todos esquecendo por um instante a diferença entre os mortais e os imortais. Enquanto o DJ dava uma pausa entre o fim de uma música e o começo de outra, eu parava para retomar fôlego. Alongando meu pescoço, eu vi alguém sentado perto do balcão, na galeria, sentado em um sofá com forma de caixão. O candelabro antes dele iluminava seus fantasmagóricos cabelos brancos com as pontas pintadas de vermelho-sangue.

Eu peguei Alexander pelo braço e arrastei ele para outra extremidade da pista de dança, escondido da vista da galeria. Eu não queria que Jagger derramasse os feijões para Alexander que eu estive no Calabouço. (N/T: to spill the beans to - para derramar os feijões para - expressão usada por britânicos que quer dizer contar, escarrar, entregar, fofocar, ser X9... vocês entenderam!) Eu queria dizer eu mesma para Alexander.

- Porque você fez isso?

- Eu pensei que seria divertido se nós ficássemos aconchegados por aqui.

- Mas tá lotado aqui atrás, é difícil respirar. Porque não vamos até ali e relaxamos. - sugeriu ele, apontando para sofás do lado da pista de dança.

- Tudo bem...

- Você parece um pouco cansada. Tudo bem se pararmos um pouco.

Ele me puxou para debaixo da vista da galeria.

Alexander estava indo para a parte principal da pista de dança, com plena vista da galeria.

- Não - eu disse, arrastando ele com esforço de volta.
- O que há de errado?
- Quero me sentar.
- Mas os bancos estão ali.

Alexander me olhou com olhos curiosos e confusos. Se eu lhe dissesse que Jagger ainda estava na cidade, ele ia ficar em Hipsterville ainda mais. Eu estaria forçando-o a permanecer na cidade indefinidamente, talvez mais do que o que estava misteriosamente prendendo-o aqui, em primeiro lugar.

- Venha - disse ele. - Vamos lá.

Mas eu estava mais preocupada com a segurança de Alexander. Mesmo que ele e Jagger tivessem se reconciliado, eu não estava certa sobre como Jagger iria reagir a nossa presença no clube. - Eu vi... - Eu comecei. - Quero dizer, eu acho que eu vi...

- Viu o quê?
- Eu vi Jagger!

Alexander parou. - Aqui, no clube?

Eu tentei explicar. - Quando eu visitei Hipsterville alguns meses atrás, eu primeiro encontrei Jagger na galeria quando pensei que Romeo estava me levando a você. É onde Jagger está agora.

- O que ele está fazendo lá em cima? - Alexander perguntou.

- Eu tinha medo que se eu te contasse que Jagger estava acima de nós na galeria, você nunca mais voltaria a Dullsville. Mas se ele te viu dançando aqui quando ele pensa que você saiu da cidade, não sei o que iria acontecer.

Alexander me levou para trás debaixo da galeria e inclinou-se contra um dos pilares.

- Tudo bem - ele disse, escovando meu cabelo grudento afastando meu rosto. - Eu vou voltar para Dullsville quer Jagger esteja aqui ou na Romênia.

Eu iluminei. - Sério?

- Você tem a minha palavra.

Eu o puxei para mim, meus dedos apertando sua camisa, e o beijei com todas as minhas forças. Eu olhei em seus olhos escuros. Talvez seja hora de contar a Alexander sobre o verdadeiro Clube do Caixão. - Eu tenho algo a dizer.

- Eu também. Eu prefiro que Jagger não saiba que estou aqui.
- Mesmo depois de tudo que você fez para a família dele. O mínimo que ele poderia fazer é te pagar uma bebida. Eu realmente preciso de...
- Não vamos tentar a sorte. É melhor que ele pense que eu estou de volta em Dullsville.
- Uh... ok.
- Agora, o que é que você ia me dizer?
- É hora de outra dança.

8 - Interior Gótico

Depois de Alexander me dar um beijo boa noite do lado de fora do apartamento de Tia Libby, ele admitiu que tinha planos prioritários com Jameson e que não poderia se encontrar comigo na noite seguinte. Fiquei desapontada, mas desde que eu não tinha dado a Alexander qualquer aviso da minha chegada em Hipsterville, tentei ser madura. Embora eu estivesse totalmente deprimida com o meu namorado, eu teria uma noite livre, eu não tinha passado nenhum tempo com tia Libby. Nós tínhamos por obrigação ter algum laço familiar.

No dia seguinte, como sempre, eu me levantei tarde. Felizmente para mim, Tia Libby não era uma pessoa madrugadora, também. Na hora eu acordei e arrastei a mim mesma por baixo e para fora do limite aconchegante do meu acolchoado, eu encontrei a minha tia vestindo um robe de quimono de comprimento nos joelhos, bebendo chá de ervas, e ouvindo a NPR. (National Public Radio)

- É depois de duas, - eu disse, olhando seu relógio do fogão. Eu estava chocada por eu ter dormindo tanto e mais ainda surpresa com o fato de minha tia ainda não estar vestida.

- Bem, ontem você teve um dia particularmente longo. E eu optei por ter um dia preguiçoso, também.

Tia Libby derramou café em uma xícara para mim e me fez um sanduíche vegetariano.

- Eu tenho o lugar perfeito para levá-la hoje à noite, - ela disse, colocando um prato na minha frente.

- Você não tem um encontro hoje a noite com a Devon? - Eu esmiucei.

- Não até amanhã à noite. E eu disse a ele que você estaria indo comigo.

- Não em sua vida!

- Desculpe, mas ele estará levando nós duas a Feira de Arte do Verão.

- Bom, você tem vinte e quatro horas para me convencer que essa é uma boa idéia, - eu disse entre as mordidas. - Então o que nós vamos fazer?

- Há um clube aqui na cidade que tem uma noite para adolescentes das nove até às onze.

Eu rolei meus olhos. Eu imaginei um Queijos do Chuck E com uma bola de discoteca.

- Ele é chamado de Clube do Caixão, - exclamou minha tia.

- Desculpe?

- Ela tem seu nome escrito por ele todo. Não quero dizer a parte do caixão, é claro. Mas é muito gótico e acho que você irá gostar dele.

- Eu adoraria ir!

- Sou um pouco velha para estar andando por lá, mas hei, porque não?

É por isso que Tia Libby era tão especial, ela não se importava com o que as pessoas pensavam. Desde que eu era uma garotinha, a minha tia marchava pelo seu próprio tambor, africano ou não.

- Portanto nós temos algumas horas para encontrar algo apropriado para eu vestir, - minha tia declarou. - Eu não tenho nada mais escuro do que amarelo.

Seja lá o que minha tia Libby fazia, quer tivesse batucado tão forte até ganhar calos ou atuado tanto que tenha perdido sua voz, ela se esforçava 110 por cento. Sair para uma casa noturna com sua sobrinha de dezesseis anos de idade, não era exceção.

- Para onde nós vamos? - Eu perguntei enquanto nós saltávamos para dentro de seu carro. - Hot Gothics?

Tia Libby soltou uma gargalhada alta. - Eu tenho que achar algo que eu possa vestir certo?

Alguns minutos mais tarde, estávamos nos dirigindo para dentro de um lotado estacionamento de cascalho e subindo as escadas de uma escola elementar vazia, que era agora a casa de Teatro dos Atores do Povoado.

Junto com a chave do carro, a chave do correio, a chave do prédio, e a chave da porta, a minha tia possuía a chave do Teatro do Atores do Povoado. Demorou-lhe um ou dois minutos para descobrir qual era a chave para abrir a porta de entrada, mas ela finalmente encontrou.

Nós passeamos pelo corredor principal, passando pelos pôsteres dos Atores do Povoado em West Side Story, A Noviça Rebelde, e Pacífico do Sul, um escritório vazio do gerente, e uma lanchonete.

Nós passamos por um bebedouro de tamanho pequeno, que ainda tinha um banquinho de madeira colocado antes dele, e paramos em frente a uma porta marcada "3." O que antes era uma sala de aula durante dez anos agora tinha um aviso acima dela onde se lia TRAJES DE ÉPOCA.

O quadro negro e os armários ainda estavam em seus lugares, mas a mesa do professor e das crianças haviam sido removidas, talvez vendidas em um leilão ou enviadas para a nova escola primária. Dezenas de caixas rotuladas, BROCHES, CHAPÉUS, CACHECÓIS, assentados no chão em frente da sala de aula, enquanto prateleiras dos trajes empoeirados estavam alinhadas em colunas onde uma vez pertenciam às mesas dos estudantes.

A sala estava preenchida com a combinação de cheiros de loja de roupas e livros didáticos.

Tia Libby e eu andamos sobre as caixas e pegamos nosso caminho através das roupas usadas com o único propósito de botar para fora o interior gótico de minha tia.

- Isto é tão incrível, - eu disse quando eu comecei a procurar em um rack de roupas. - Eu não conheço ninguém que faria isso por mim.

- Você está brincando? Eu vivo para estas coisas. - Minha tia gritou enquanto ela analisava através de um rack de vestidos. - Essa é uma das razões pelas quais eu amo atuar. Eu posso sempre vestir um estilo diferente do que aquilo que normalmente eu vestiria. Eu tenho estado presa nesta aparência a décadas.

- Eu não poderia imaginar você de nenhum outro modo. O jeito como você se veste é quem você é. É mais do que pedrarias e pulseiras. Você não faz isso para ser como outra pessoa qualquer, ou para se ajustar.

- Eu desisti de tentar me ajustar a alguns anos atrás, - minha tia disse com uma gargalhada.

- Isso é o que minha mãe não entende sobre o meu batom e roupas escuras. Eu não uso tatuagens para ela ficar maluca, eu uso elas porque eu tenho de fazer isto. Isso sou eu.

Tia Libby pausou.

- Minha mãe nunca entendeu o meu estilo interior, também, - ela confessou. - Isso é o que é, realmente, - ela disse sabiamente. - Não é sobre designers ou rótulos, mas sobre própria expressão. É atitude.

Eu sorri tanto por dentro quanto por fora. Tia Libby e eu nos vestíamos de forma diferente, tão diferentemente quanto o dia e a noite, mas compartilhávamos os mesmos valores.

- Levei anos para descobrir quem eu era, - ela disse. - Mas, na verdade, eu sempre soube quem eu era, desde que eu tinha sua idade. Era só o fato de tantas pessoas ao meu redor me alertarem para ser como elas e me atormentarem quando eu não era. Seu pai cresceu e se misturou de um jeito legal com seu negócio. Mas eu sempre mantive minhas contas hippies, discos do Pink Floyd, e idéias centro-esquerda. Eu eventualmente encontrei pessoas que recusaram o jeito que eu sou.

- Por isso é tão legal e significativo para mim, que você possa mudar sua imagem para uma noite na cidade juntas.

- Bem, agora vamos ser mais parecidas do que nunca. - Minha tia sorriu.

- Aqui o espartilho preto, - eu disse, tirando uma fantasia do rack.

- Eu usei esse em Sonhos de Uma Noite de Verão quando eu atuava como Helena, - a minha tia disse efusivamente. - Eu não pude respirar durante uma semana.

- Que tal isso? - Ela perguntou, modelando um chapéu de bruxa provavelmente vindo de uma alta produção do Mago de Oz.

- Eu acho que pode ser um pouco demais, - eu ofereci.

Tia Libby encontrou um puritano vestido preto de colarinho alto. - Nós usavam estes em As Bruxas de Salém (N/T:The Crucible no original). Se eu subisse ele uns poucos centímetros... poderia ficar bastante fabuloso.

- Eu acho que ficaria medonho, - eu elogiei ela.

Caixas de papelão escritas HOMENS, MULHERES, e CRIANÇAS alinhadas nas paredes debaixo das janelas.

Eu removi uma caixa do topo de uma pilha marcada MULHERES, e investiguei através dela. A caixa estava cheia de tudo desde botas de cowboy a sapatos de sapateado, de galochas a stiletos.

- Veja um Mary Jane. Com um par de meias pretas e com o vestido das Bruxas de Salém, você vai se parecer como...

- Uma Wednesday Addams crescida, - minha tia disse meio animadamente.

- Perfeito! - Eu declarei entusiasmadamente.

Agora era a vez do Extreme Dream Makeover de Raven Madison. (*programa americano que muda totalmente o aspecto do participante). O mais próximo que eu havia chegado de ser uma consultora de moda ou de maquiagem foi quando eu apliquei blush rosa em Becky, quando ela estava se preparando para um encontro com Matt.

Se alguma vez eu tivesse mostrado meu próprio programa de estilo, eu rasgaria o estilo suburbano - desafiaria o armário do participante, jogando fora qualquer coisa pastel, floral, ou pedras bordadas e substituindo por tons vermelho sangue, nuances ácidas e negros mórbidos.

Hoje foi diferente de qualquer coisa que eu tinha experimentado quando fazia consultoria em Becky. Desde o topete ruivo da cabeça dela até a ponta dos dedos dos pés pintados de verde limão, eu tinha de transformar a minha tia de hippona para uma dama da noite.

Enquanto uma mão estava encharcada em água de lavanda, eu pintava as unhas de sua outra mão de preto morcego.

- Então me conte tudo sobre o seu encontro! - Eu incitei ela como uma profissional cosmetologista.

Tia Libby deu risadinhas como se fôssemos melhores amigas enquanto ela descrevia seu jantar com Devon.

- Ele é diferente de qualquer outro homem que eu já conheci. Ele é muito paciente e intenso. Ele ouve tudo o que eu digo.

- Você tem uma foto dele?

- Nós só tivemos um encontro. Além disso, ele não gosta de ter sua foto tirada.

Curioso, eu pensei. Enquanto as unhas de tia Libby estavam secando, eu diluí seu ardente rubor e sua face beijada pelo sol aplicando um suave, pó branco pálido. Eu desenhei seu forte delineador para um ponto e espalhei sombra de olhos caixão preto em suas pálpebras. Eu reapliquei seu rímel e finalizei com batom dois-tons vermelho vampiro.

Eu a envolvi com uma gargantilha de rendas com um broche de cicuta, balançantes brincos cor de rosa, um grosso bracelete preto. Então eu passei o zíper nela dentro do recentemente abanhado vestido Bruxas de Salém.

Eu rapidamente tirei da mala minhas roupas de clube noturno e senti que eu gastei mais tempo me preparando no quarto da minha tia do que andando de ônibus para Hipsterville.

- Acho que estou derretendo aqui fora, - ela chamou, batendo na porta do quarto. - Rápido, eu quero ver como eu estou também.

Eu espalhei meu cabelo e abri a porta.

- Uau! Pegue um monte de você! - Ela exclamou.

Eu girei como uma modelo na frente dela, usando um mini vestido preto um corpete preto justo, saia retalhada, meia calça arrastão cor de meia-noite e botas monstro Demonia de couro preto e afiveladas. Eu me senti confiante em meu corpo e roupas. Eu tinha passado por uma vampira no Calabouço e uma jovem adulta no clube do Caixão e eu estava somente sendo eu mesma. Aquilo era eletrizante porque eu que tinha a oportunidade de retornar como eu mesma - ainda mais com minha tia Libby.

Só que ela não pensava assim. - Perto de você eu pareço que poderia ser sua avó!

- Sai dessa! Nos nós parecemos como irmãs.

- Desde que você me dê acessórios como esses, eu vou sair com você para onde quer que você queira. Onde é o próximo, no cemitério?

- Agora, você está pronta para ver a si mesma? - eu perguntei.

- Depois de uma hora...

- Rufem os tambores, por favor... - eu comecei, e apresentei ela em frente ao seu espelho do tamanho do quarto.

Quando a minha tia viu sua imagem refletida, ela não se reconheceu. Ela respirou com dificuldade como se ela tivesse apenas visto um fantasma.

- Você está linda, não acha? - Eu transmiti.

- Bem... isso é certamente diferente do que estou acostumada.

- Eu fiz com que você se parecesse comigo, - eu disse com admiração.

Aqui houve silêncio mortal. Então, como se ela achasse que fosse magoar os meus sentimentos, ela disse, - Ninguém pode parecer como você, Raven. Você é única e bela.

- Posso por um tom mais baixo.

- Não se atreva. - Ela agarrou um espelho de mão e afofou seu cabelo. - Essa cor é muito emagrecedora. - Ela contraiu seus lábios vermelho vampiro como uma mórbida Marilyn Monroe. - Preto é o melhor amigo de uma garota.

9 - Noite dos Zumbis

(*N/T: Ghouls são os chamados zumbis. Pessoas que tem todo seu sangue sugado por vampiros, morrem e ressuscitam se alimentando de corpos de cadáveres. Podem ser orcs (Crônicas de Nárnia). Canibais, bestas (mitologia iraniana). Optei por "zumbi" ok?)

- Olha essa fila! - Tia Libby guinchou quando chegávamos ao Clube do Caixão. - É tão longa quanto uma estréia em Nova York! Eu não vou - me siga.

Tia Libby seguiu em frente direto para a entrada e até a um porteiro desconhecido.

- Desculpe-me, meu nome é Libby Madison. Estou com os atores do Povoado e...

- Libby? - O porteiro perguntou ceticamente.

Minha tia encarou ele. - Jake? - Ela perguntou, subitamente reconhecendo ele. - O que você está fazendo trabalhando aqui?

- É apenas por meio período enquanto eu vou para a escola, - ele disse, pegando os cinco dólares de taxa de admissão para a noite adolescente da garota na fila. - Eu quase não a reconheci.

- Bem, eu estou indo a um clube noturno hoje a noite. Eu pareço bem?

Jake sorriu e carimbou um de catorze anos de idade, que tinha mais piercings do que eu tinha. O selo quase não coube em sua minúscula mão.

- Raven, este é Jake, - a minha tia começou com orgulho. - Jake, esta é a minha sobrinha, Raven. Jake interpretou Lenny em uma produção dos Atores do Povoado o "Of Mice and Men".

- Prazer em conhecê-lo. - Ele carimbou um morcego sobre cada uma de nossas mãos.

- Não precisamos de pulseiras? - eu perguntei.

- Esta noite não. O bar estará sem bebidas até as onze.

- Como você sabe sobre as pulseiras? - Minha tia sussurrou.

- Uh... eu vi em um filme.

Jake saltou de seu banquinho e, tal como um office-boy em um hotel de cinco estrelas, gentilmente abriu as portas em forma de caixão.

Minha tia e eu desfilamos através das portas como se fossemos da realeza.

- Quando eu crescer, tia Libby, eu quero ser como você! - Eu exclamei.

Minha tia levou um momento para absorver o Clube do Caixão com suas sepulturas em néon.

- Eu amei! - Ela deixou escapar.

Eu, porém, fiquei surpreendida. O astral do clube tinha mudado completamente da noite anterior que eu o tinha visitado. Era como uma enigmática doce festa de dezesseis anos.

Nenhuma quantidade de pó branco ou batom cinza cemitério poderia esconder as espinhas, braquetes (metalzinho dos aparelhos ortodônticos), e chicletes colados nos adolescentes correndo furiosamente por todo o clube. Claro, alguns adolescentes estavam dançando a macabra música ou experimentando uma paleta de moda mais escura, mas era mais parecido como uma chance de ficar longe da mamãe e do papai e brincar de se vestir para a noite.

Tia Libby não podia ter sido menos cuidadosa, mesmo que ela conhecesse. Ela estava absorvendo sua atmosfera como um bronzeado viciado desfruta o sol.

- Este clube é incrível! - ela disse. - Eu não percebi que haviam tantos de vocês.

- Nem eu, - eu disse.
- Quem é que está cantando? - Ela perguntou, agitando-se com a música.
- Os Esqueletos.
- Eu vou ter que pegar esse álbum, - ela disse. - Quero dizer baixá-lo. Tanto faz.

Enquanto nós andávamos nos adiantando pelo no clube, eu notei um grupo de góticos mais velhos dançando e festejando. Eles, como eu, parecia olhar o grupo mais jovem com desdém. Talvez eu devesse ter sido mais compreensiva.

- Eu quero saciar a minha sede, - minha tia disse quando ela avistou as teias de aranha nas garrafas do bar.

- Claro. Meu convite, - Eu ofereci.
- Absolutamente não.

A mesma mulher da última noite esperava por nós.

- Ei, eu não te vi antes?

- Ah... não.

- Juro que eu vi você aqui na noite passada.

- Receio que não.

- Você estava aqui com seu namorado. Ele é alto e realmente gostoso.

- Não éramos nós.

- Infelizmente ela estava em casa, - minha tia confessou. - Eu tive ela trancada a noite toda.

- Bem, você deve ser mais um desses rostos.

- Minha sobrinha? Ela é tão original quanto eles são.

Minha tia leu os virgens drinks especiais, gravados em uma lápide ao lado da caixa registradora.

- Gostaríamos de dois Asilos Insanos, por favor. Sem álcool.

- Isso é tudo o que estamos servindo esta noite. Nós não fazemos muito no bar na noite adolescente.

- Bem, nós vamos nos lembrar disso quando nós deixarmos uma gorjeta, - minha tia disse. - Eu era uma garçonete por mais tempo do que eu possa te dizer. Eu entendo completamente.

Tia Libby tinha um jeito de falar com qualquer um como se fosse um amigo.

Só então eu localizei Romeo na minha visão periférica.

Ele veio pegar algumas cerejas do recipiente plástico de condimentos na minha frente.

Eu desviei, escondendo a cara fuçando à toa na minha bolsa.

- Ele é bonitinho, - minha tia disse, me cutucando.

- Tia Libby! - eu disse.

- Não seja tímida. Mas o que eu estou dizendo para você? Você tem um namorado. A propósito, quando eu vou conhecer esse Alexander Sterling?

- Shhh!

- O que. Eu disse alguma coisa errada?

Romeo parou em frente a nós. Ele apontou o dedo para mim, como se tentasse lembrar do meu nome.

- Eu não te vi...?

- Você está confundido ela com outra pessoa, - tia Libby disse. - Vamos lá, vamos dançar.

E com isso nós acabamos com as nossas bebidas e fomos para a pista de dança.

Fiquei surpresa com o fato de tia Libby dançasse tão bem como ela dançou. Mas, afinal, ela era uma atriz e passou a maior parte de sua vida no palco. Eu tenho certeza que ela tinha sapateado, rodopiado, e jitterbug dança americana do estilo rock dos anos 50 do seu jeito através das várias peças em sua carreira. A pista de dança do Clube do Caixão era apenas uma extensão da performance artística da minha tia e ela estava dançando como se ela estivesse dançando para uma platéia de milhares.

Tia Libby estava esgotada antes de mim e perguntou se nós poderíamos fazer uma pausa. Nós sentamos por uns momentos sobre os sofás em forma de caixão, pegando nosso fôlego, em seguida, indo para o mini-mercado das pulgas, do outro lado do clube. Tia Libby estava no céu artístico. Ela não sabia qual vendedor ou leitor ela ia primeiro.

- Vamos comprar para você algumas bijuterias. - Tia Libby cobriu-se com as fileiras de anéis, pingentes, pulseiras feitas de liga de estanho, cristais e pedrarias.

- Você não tem de me comprar nada.

- Mas eu quero... Eu sou sua tia. Tudo aqui é feito à mão. Escolha algo que você gosta.

Uma pulseira pegou meu olhar. Ela era uma fina pulseira com pedrarias com um amuleto - uma pequena garrafa de poção do amor.

Eu a coloquei em meu braço, junto com a escondida pulseira de plástico do clube, e eu dei a minha tia um enorme "obrigada" apertado.

Então uma coisa pegou seu olhar. - Cartas de Tarot! - Ela exclamou. - Vamos ler nossas cartas.

- Parece uma grande idéia. Você vai primeiro.

Quando minha tia se sentou, eu percebi que esta era a minha oportunidade de revisitar o clube subterrâneo. Odiava largar ela, principalmente depois de ela apenas me comprar um presente especial, mas só seria por alguns minutos, não mais tempo do que ir a um abarrotado banheiro e voltar. Eu sabia que se eu precisasse ver o clube novamente, esta era a minha única chance. A porta secreta estava escondida em algum lugar nas proximidades, e tinha que investigar o afastado clube. Ia levar apenas alguns minutos, e antes que minha tia terminasse com vendo seu futuro e suas vidas passadas, eu já teria retornado.

- Eu tenho que ir para a sala dos zumbis. Não se preocupe se eu for por alguns minutos. Estas bebidas foram direito através de mim.

Tia Libby não se incomodou. Ela já tinha começado a falar com a mulher espiritualmente dotada como se ela fosse sua terapeuta a muito tempo.

Tentei refazer meus passos na noite que tinha tropeçado na entrada escondida. Eu estava indo para a sala dos zumbis quando eu comecei a me distrair com o nevoeiro de gelo-seco. Eu parei próxima ao bar, fechei os olhos, e girei ao redor, tentando me desorientar. Então me empurrei através dos adolescentes indo para a sala dos zumbis. Quando eu descobri que estava indo na direção oposta, eu percebi que eu estava no alvo. Eu vi uma parede obscurecida pelas sombras. Eu deslizei minha mão ao longo dela, serpenteando a madeira para a porta secreta, quando eu encontrei o que parecia ser um armário vassoura. Na mosca.

Virei a maçaneta da porta em forma de caixão pequeno e empurrei com todas as minhas forças. Quando se abriu para um corredor escuro, eu sabia que tinha encontrado o meu caminho. Eu rapidamente segui o corredor estreito e me apressei para baixo na escada mergulhante. Quando cheguei na tampa do caixão escrito FIM DA LINHA Eu tentei empurrá-la para abrir.

É claro, eu encontrei ela trancada.

Eu não tinha outra escolha. Eu bati.

Eu bati e bati, mas ninguém respondeu. Eu andei por um momento, esperando que em breve alguém descesse a escada. Mas depois de passados alguns minutos e eu continuei sozinha, e fiquei inquieta.

Eu imaginei Onyx e Scarlet se acabando na pista de dança, bebendo bebidas sangrentas e fofocando sobre suas atividades noturnas. Minhas novas amigas vampiras, Onyx e Scarlet. Porque eu não tinha pensado nelas antes?

Peguei meu celular da minha bolsa. Eu percorri através de lista de amigos até que ele marcasse Scarlet, então eu pressionei o botão de Enviar.

Eu esperei por um momento para o telefone se conectar. Ali havia tanto concreto e pedras me rodeando, era impossível obter um sinal. Corri de volta para cima da escada e apertou o botão Enviar novamente. Trim... Trim... Trim...

- Vamos lá Scarlet, - eu disse para mim mesma. - Atenda. - Eu tinha certeza que ela não seria capaz de ouvir o telefone acima da música do clube. Eu estava apenas a uma tampa de caixão de distância para estar de volta ao clube de vampiros dos meus sonhos.

- Alô? - uma voz de garota respondeu.

- Scarlet? - Perguntei excitadamente.

- Sim?

- É a Raven.

- Raven. O que houve?

- Eu estou do lado de fora da porta do Calabouço. Esqueci minha chave.

- Eu vou estar aí em um segundo.

Alguns momentos depois, a porta rangeu aberta e Onyx e Scarlet estavam de pé atrás do parecendo medieval Dragão.

Cada garota me pegou pela mão e me levou através da fenda na cortina, passando pelo bar abarrotado, e saindo para a pista de dança.

Estranhamente, o já perigoso e sobrenatural clube subterrâneo agora fervia com tensão. Os clubsters que uma vez pareciam sedutores e convidativos agora se olhavam um ao outro ceticamente, sussurrando em reuniões privadas.

Onyx e Scarlet, no entanto, pareciam inalteradas. Scarlet colocou a chave-mestra nas minhas mãos e fechou os meus dedos.

- Desse jeito você nunca ficará trancada lá fora, - ela disse.

- Mas...

- Não há necessidade de argumentar - nós estamos aqui o tempo todo.

- E quando não estamos aqui, nós estamos juntas, - Onyx acrescentou.

Depositei minha nova possessão ganha em minha bolsa antes que elas mudassem de idéia.

- Nós estávamos esperando que você viesse, - Onyx disse, levando-me para o bar. - Quer um refresco? Hoje é compre um e ganhe outro de graça.

- Não, obrigada, - eu disse.

Minha fantasia era ser um vampiro - viver uma vida imortal, ser seduzida pela noite, para amar Alexander pela eternidade. O que eu não tinha visualizado era estar engolindo uma taça cheia com sangue, como se aquilo fosse chocolate ao leite.

- Não posso ficar muito esta noite, mas eu quis aparecer e dizer um oi.

- Estamos tão felizes por você ter feito isso, - Scarlet disse. - Tanta coisa está acontecendo. - Braço com braço, nós ziguezagueamos através das catacumbas. Eu tentei lembrar qual caminho que estávamos tomando para ir fazendo notas mentais dos pontos de referência nos túneis. Passamos uma garota sendo agarrada com paixão, encostada contra um túmulo, seu par beijando ela em seu pescoço. Algumas dezenas de crânios alinhados nas paredes. Um grupo de clubsters estavam deitados em alguns dos túmulos escavados. Então eu estava distraída quando Onyx começou a me fazer perguntas.

- Como foi seu encontro na noite passada? - Ela sondou.

- Uh... ótimo.

Passamos por uma enigmática figura ocultando-se nas sombras. Algumas poucas velas revestiam o chão de uma alcova adjacente próxima da pessoa misteriosa e lançava uma partícula de luz sobre um par de botas de motoqueiro.

Eu olhei para trás enquanto continuávamos a andar mais à frente. A figura permaneceu escondida nas sombras.

Nos inclinamos por debaixo de um arco e entramos em uma baixa sala de descanso chamada Câmara de Tortura. Uma cadeira elétrica, uma roda de tortura, e uma paliçada (*N/T: peça de madeira que segura as mãos e a cabeça de um condenado estavam proeminente exibidas lá). Uma enorme plataforma circular em madeira com meia dúzia de mesas sobre ela, girava bem lentamente. Um bar independente, do tamanho que se encontrava em uma recepção de casamento, estava fora ao lado. Nós nos sentamos na única mesa desocupada.

- Por que você não traz seu namorado aqui? - Scarlet perguntou.

- Não tenho certeza se ele ia gostar desse clube.

- Ele é um mortal? - Onyx indagou.

As duas garotas esperaram excitadas pela minha resposta. Mas era eu quem estava ansiosamente aguardando pelas palavras que voariam pelos meus lábios. - Não, meu namorado não é um mortal. Ele é um vampiro, - eu disse. Era a primeira vez que eu admitia que o meu namorado era imortal (exceto uma vez para Becky e ela pensou que estava tentando fazê-la rir). Eu senti como se um fardo tivesse sido levantado dos meus ombros, e aquilo era hilário. - Meu namorado é um vampiro, - eu repeti orgulhosamente.

- Então você tem que trazê-lo aqui, - Onyx sugeriu. - O principal ponto desse clube é para nós termos um lugar que podemos chamar de nosso.

- E isso pode mudar, - Scarlet disse discretamente.

- Por quê? - Perguntei.

- Ouvimos rumores de que alguém está planejando assumir o clube.

-Uma pessoa - que eu tinha visto tendo reuniões secretas - pulou à mente. Eu me lembrei de Phoenix conversando com seus companheiros. Ele era magneticamente sedutor e

misteriosamente perigoso. Eu podia ver seus seguidores obedecendo cada um de seus comandos.

- Phoenix... - eu disse em um sussurro.

- O que? - Scarlet perguntou. - Não posso te ouvir sob essa música.

Eu senti os cabelos das pontas de meu pescoço se levantando. Eu olhei de volta e Phoenix estava sentado na cadeira elétrica, encarando direto para mim.

Meu coração se afundou no meu estômago. Embora eu estivesse cercada por duas amigáveis vampiras, eu estava mortalmente com medo de quem estava atrás de mim.

- Não importa, - eu disse. Mesmo que ele estivesse fora do alcance da voz a música do clube estava pulsando mais rápido do que meu coração disparando, eu sentia que ele podia ouvir cada palavra.

- O clube tem sido um grande ponto de encontro, - Scarlet começou.

- A principal razão do clube existir é apenas que poderemos ser nós mesmos pacificamente, - Onyx disse.

- Há muitos de nós que não querem uma nova direção. O clube está sendo dividido, - Scarlet admitiu, sacudindo sua cabeça.

Eu tinha que saber mais. Eu me inclinei para as meninas tão perto quanto eu poderia.

- Qual é a história dele? - Eu sussurrei para Onyx.

- História de quem? - Ela se aproximou depressa.

- O quê? - Scarlet perguntou, jogando seus voluptuosos cachos sobre o ombro dela. - Não consigo te ouvir.

- Ela está interessada em algum cara, - Onyx disse.

- Eu pensei que você tinha um namorado, - Scarlet acrescentou.

Onyx cutucou sua melhor amiga e, em seguida, me perguntou com avidez, - Qual deles?

Eu coloquei meu dedo indicador sobre meus lábios. Em meu mais suave sussurro eu comecei, - Não estou interessada... eu quero dizer eu estou... mas não desse jeito. Não olhe agora... mas o cara trás de mim, sentado na cadeira elétrica...

Onyx deu sua melhor checada nele sem ser muito evidente, mas Scarlet olhou em direção à paliçada. - Quem, ele? Aquele é o barman.

Eu sacudi minha cabeça. - Não, não ele.

- Não, ela quer dizer lá, - Onyx corrigiu. - Mas não tem ninguém sentado ou perto da cadeira elétrica.

Eu girei ao redor. A cadeira elétrica estava vazia.

- Quem era que te interessou? - Scarlet perguntou.

- Uh... ninguém realmente.

- Fala pra gente, - Onyx espreitou.

- O cara motoqueiro com cabelo roxo, - eu confessei.

- Ele faz seu tipo, hein? - Onyx continuou. - Gostoso, misterioso e perigoso?

- Não, eu tenho um namorado. É apenas porque parece que ele está sempre escondido nas sombras e me observando.

- Eu não peguei nenhuma fofoca sobre ele ainda. Mas eu ficaria longe, - Scarlet alertou.

- Yeah, ele sempre está se reunindo com uns tipos realmente estranhos, - Onyx confirmou. - Talvez ele seja quem...

O barman aproximou de nossa mesa com uma bandeja com três martinis vermelhos.

- Nós não pedimos isso, - Scarlet disse.

- São de dois caras que estão sentados no canto, - declarou o garçom.

Os dois caras que tinham me deixado entrar no Calabouço algumas noites atrás levantaram suas taças para nós.

- Dois caras para três garotas? Que detestável, - Scarlet comentou.

- Não faz mal. Eu tenho um namorado, - eu disse.

- Mas esse é o ponto, - ela acusou. - Eles não sabem disso.

- Eu ouvi dizer que se você aceita uma bebida de um estranho, então é um convite à sua mesa, - eu sussurrei para as meninas. - Obrigada de qualquer maneira, - disse ao barman, declinando o Martini.

- Eu nunca recusaria uma bebida grátis, - Onyx disse. As duas meninas riram e prazerosamente aceitaram os drinks sangrentos.

Mas eu não estava interessada em coisas gratuitas. Eu queria informações sobre o funcionamento interno do clube.

- Então, o clube vai fechar? - Eu perguntei.

- Esperamos que não! - Onyx começou, chegando mais perto. - Nós conhecemos pessoas tão incríveis aqui.

- E onde mais nós poderíamos ficar e ser nós mesmos? Uma cafeteria?

- Eles certamente não vendem café com leite com AB negativo. - Ambas as meninas riram.

Scarlet disse de perto. - Você conhece Jagger Maxwell?

Eu concordei. - Ele é lendário. O que sobre ele?

- Desde que ele abriu este clube há alguns meses atrás, ele criou um refúgio seguro para sermos nós mesmos e festejarmos, - Scarlet disse em um sussurro.

- Ele mesmo deu a todos os membros de fora da cidade um lugar para aterrissar aqui, - disse Onyx.

- Mas agora isso não é bom o suficiente para alguns, - Scarlet acrescentou. - Assim o rumor é que Jagger tem um outro plano.

- Ele não quer que nós sejamos um segredo, - Onyx disse.

- Mas isso vai acabar com todo o propósito do Calabouço, - Scarlet continuou.

- Sermos visíveis, mas apenas para nós imortais.

- Jagger e seu grupo acha que a verdadeira natureza de um vampiro é espreitar entre os mortais.

- Só que muitos de nós acredita justamente o oposto. É melhor nos mantermos nosso puro sangue e separado dos mortais.

- Se nós revelarmos nossa verdadeira identidade, - advertiu Scarlet, - então nós obviamente representaremos uma grande ameaça para os mortais como eles são para nós.

- Jagger é uma potência em viagem. Ele não está feliz o bastante sendo o líder do Calabouço. Ele não tem os nossos melhores interesses em mente. Ele tem os seus próprios.

- O que você acha? Que tipo de vampiro você é? - Onyx perguntou com convicção.

Fiquei surpreendida. Duas vampiressas, uma piscando um ônix em sua presa, estavam me perguntando que tipo de vampiro eu era? Eu certamente não poderia dizer que eu não era de nenhum tipo - e de fato, não um vampiro de jeito nenhum.

- Devemos permanecer em segredo e puros, - eu respondi enfaticamente. - No final das contas, os mortais realmente irão nos aceitar como nós somos? Acho que é melhor nós mantemos a verdade para nós mesmos, para nós não perdermos a nossa identidade. Nós somos o que somos por uma razão. Nós não nos encaixamos dentro do seu mundo, então por que tentar?

Eu estava falando tanto sobre vampiros quanto eu estava sobre mim mesma.

As meninas sorriram em acordo.

Nós sentimos que alguém estava escutando a nossa conversa. Nós olhamos para cima e os dois rapazes estavam em pé atrás de nós.

- Viu, - eu disse através de um falso sorriso.

- Vocês se importam se nós nos sentarmos? - o loiro perguntou.

- Claro que não, - Scarlet disse.

Foi quando eu vislumbrei um bagunçado cabelo roxo escuro na câmara cruzada à nossa.

- Uh... estou me sentindo tonta, - eu admiti, referindo-me ao chão giratório. - Volto já.

Era a minha chance de espionar Phoenix. Eu escapei pelo corredor e me escondi nas sombras ao lado de seu salão.

Phoenix, junto com um bando de rapazes com aparência ameaçadora, estavam suspensos em torno da mesa de pedra. Phoenix era bastante popular. Quando ele não estava se escondendo nas sombras, ele estava cercado pelos membros do clube. - Jagger não sabe o verdadeiro significado de ser um vampiro, - um disse.

- É hora de ele descer, - acrescentou o outro.

- E você é o cara que tem que tomar posse, - disse o primeiro para Phoenix.

- Sim, - todos eles disseram em uníssono.

- Amanhã à noite, então, - uma voz declarou.

- Eu vou me encontrar com ele no círculo da plantação. Isso será feito. - Phoenix terminou.

Eu me inclinei para trás tanto quanto eu pude para dentro das sombras quando Phoenix deixou a câmara e os ameaçadores clubsters o seguiram.

Phoenix estava a planejando uma revolta dos seus próprios. O que aconteceria se ele liderasse o clube vampiro? Ele era o tipo de vampiro que achava que era necessário estar entre os mortais? Se ele estava planejando se encontrar com Jagger em aberto, ele estava certamente se arriscando se expor a si mesmo.

Eu senti uma vibração na minha bolsa. Eu puxei o meu celular. Era tia Libby.

- Raven? Onde você está? - Ela perguntou, a voz dela preocupada. - Eu chequei a sala de zumbis e você não estava lá.

- Eu peguei a curva errada. Eu estou a poucos metros da pista de dança, - eu disse verdadeiramente, só não era a mesma pista de dança que ela estava pensando.

- Eu acabei com a minha leitura. Ela falou em casamento nas cartas.

- Vou te encontrar no cabine de cartas de tarô.

Eu desliguei. Se a leitora de cartas de tarô fosse verdadeiramente psíquica, ela deveria ter informado a minha tia o meu verdadeiro paradeiro. Felizmente seus poderes eram realmente bons apenas para tomar o dinheiro das outras pessoas.

Voltei para encontrar as garotas imersas em uma aconchegante conversa com os caras dos martinis.

- Onde você foi? - Onyx disse.

- Eu dei uma volta. Até mesmo um fantasma pode ficar perdido nestes túmulos. - O loiro sorriu. Uma pequena gota de sangue pingou do canto de sua boca. Onyx limpou com seu guardanapo de martini.

- Eu realmente tenho que ir.

- Tão rápido? - Scarlet perguntou.

- Sim, eu tenho que voltar.

- Você terá de se juntarem a nós amanhã, - Onyx disse, entrelaçada com o cara ruivo.

- Yeah, você tem que se juntar a nós, - ele repetiu.

Eu sai em busca do encontro com tia Libby. Mais uma vez, eu estava perdida nas tumbas. Eu não lembrava qual caminho Onyx, Scarlet e eu tínhamos entrado ou quão longe nós andamos. Não consegui encontrar os crânios incrustados, ou o clubsters descansando nas sepulturas escavadas. E ali haviam dezenas de garotas no labirinto de túneis com caras pendurados em seus pescoços.

Eu entrei em uma alcova cheia de jogadores brincando de Medieval Morticians, outros membros tinham corridas com viúva negra, e ainda outros jogando Giro da Garrafa Sangrenta. Todos eram becos sem saída.

Eu estava tão perdida que eu estava pronta para gritar. Eu tinha que voltar para a tia Libby antes que ela ficasse preocupada e chamasse a polícia, ou pior, os meus pais. No fim de uma catacumba, eu descobri uma porta. Eu esperava que fosse ao exterior do clube e que me levasse de volta através da entrada principal. Não havia uma maçaneta em lugar nenhum para ser encontrada. Na escuridão, eu deslizei minha mão ao longo da madeira lisa até que eu descobri um trinco. Eu o apertei e a deslizei abrindo. A porta não saía para uma passagem, mas antes para o apartamento de alguém, um loft com dezenas de candelabros medievais. Por um momento eu pausei. Alguma coisa parecia familiar sobre ele, e então eu percebi que eu tinha estado aqui antes.

Era o apartamento de Jagger.

Eu sorratamente entrei, imaginando que informações eu poderia ter desse ameaçador vampiro.

O metálico cinza da porta principal no lado oposto estava aberta acima. Um aquário, vazio de água, mas cheia com pedras e uma tarântula mortal, mantinha-se próxima ao aquecedor, como eu me lembrava.

Em um canto distante do loft descansava um caixão, adornado com adesivos de bandas góticas, rodeado por sujeira.

Eu notei um pedaço de estaca de madeira com lama e capim, um carretel de corda, e várias placas compridas - similares ao que eu vi em um programa de TV sobre como fazer um caseiro círculo na plantação.

Senti alguém hesitando à porta atrás de mim. Eu me virei lentamente.

Era Phoenix. Seus óculos escuros arremessavam uma sombra sobre seu rosto pálido, o que tornava difícil ver a sua expressão.

- O que é que você está procurando? - Ele perguntou em seu pesado sotaque romeno.

Me senti alarmada. Eu sabia que eu supostamente estava bisbilhotando ao redor do apartamento de Jagger, ou o Calabouço, tanto faz. Phoenix parecia estar me observando, sempre em segundo plano, aparecendo inesperadamente em um cobertor de escuridão. O meu não conhecimento de suas motivações faziam ele especialmente intrigante e suspeito.

- Você não deveria estar bisbilhotando. Eu posso escoltá-la para fora.

- Isso não será necessário, - Eu ouvi alguém dizer vindo do outro lado da sala. Jagger estava parado na entrada principal do apartamento. - Raven é uma velha amiga. E eu conheço o namorado dela por uma eternidade.

Ambos os vampiros estavam bloqueando as saídas, uma delas levava de volta ao clube e outra levava a um corredor. (Eu lembrava de ter descido um corredor vagamente iluminado na primeira vez que eu visitei o apartamento de Jagger.) A sala era sem janelas e não havia outras saídas. Eu não tinha como escapar.

Eu não sabia qual vampiro eu ficava ao lado. Eu não era rápida o suficiente para escapar por eles ou forte o suficiente para arrasar através deles. Qualquer um poderia facilmente rasgar a minha carne com uma única mordida.

Eu fiz uma coisa que eu nunca pensei que eu iria fazer. Eu corri e me escondi atrás de Jagger Maxwell.

Eu escolhi a companhia de um nefasto, mas familiar Jagger do que o estranho estrangeiro coberto de couro.

- Ela tem bom gosto, - ele disse descaradamente a Phoenix. E com isso Jagger fechou a porta de seu apartamento para Phoenix.

Eu não tenho certeza do por que Jagger estava sendo legal comigo. Talvez ele sentisse que ele tinha uma obrigação para com Alexander uma vez que ele retornou o seu irmão com segurança para ele. Mas ultimamente Jagger estava indigno de confiança. Era só uma questão de tempo antes de Jagger mostrar suas presas ou verbalmente me ameaçasse enquanto eu fui perseguida por ele no corredor parcialmente iluminado até o elevador de carga. Mas ao invés de me desafiar, Jagger calmamente me levou através do corredor desolado, sem incidentes, como um cavaleiro guardando a sua rainha. Eu estava chocada.

Ele estava honrando a sua trégua com Alexander. Aparentemente sua reconciliação foi tão significativa para ele quanto tinha sido para o meu namorado. Eu estava quase decepcionada quando eu cheguei dentro do elevador, sozinha, sem ter sido confrontada. Acho que eu tinha feito a escolha certa depois de tudo. Ainda de pé no corredor, Jagger começou a fechar a porta instável. Quando ela rangeu fechada, algo mergulhou para baixo e flutuou tão perto da minha cabeça, eu tive que me desviar.

Quando me recuperei, eu notei um morcego pendurado de cabeça para baixo no teto. Seus redondos olhos negros estavam olhando direto para mim.

Uma única lâmpada iluminava o elevador como um filme B de horror. Eu rapidamente pressionei um botão marcado "C.C."

Jagger me olhou de volta com seus fascinantes olhos desiguais.

- Espero que tenha gostado de sua visita. Nunca se sabe. Você pode querer se juntar eternamente, - ele disse com um sorriso perverso.

O elevador rangeu enquanto ele lentamente subiu das profundezas do Calabouço para o nível do clube e então, aterrisou na parada.

Eu rapidamente abri a pesada porta do elevador e avistei a entrada para o interior do Clube do Caixão. Fiz o meu caminho para dentro justo quanto um morcego sobrevoou acima da minha cabeça.

Seguramente de volta ao apartamento de Tia Libby, me sentei em cima do futon dela e escrevi no meu diário, a luz da rua lançando um luz sobre o meu edredom. Minha tia tinha dormido rápido, mas eu senti que como se tivesse engolido um extra grande chocolate e caramelo café com leite.

Eu tinha tantos dilemas rondando em minha mente. Eu não tinha certeza do por que eu era puxada em direção a Phoenix, tal como era por Trevor e Jagger. Não era da mesma maneira que eu tinha sido atraída para Alexander, mas Phoenix despertava a minha curiosidade, e eu estava intrigada por saber por que é que ele estava igualmente ligado a mim. Eu também estava preocupada com a situação do clube. Se Phoenix assumisse, o que poderia significar para minhas novas amigas? As garotas poderiam ter um lugar seguro para toda a eternidade - seguro e livre das possíveis perseguições dos mortais. Com Jagger no cargo, significaria que Hipsterville teria conhecida a presença de vampiros? Me aborrecia que Jagger tivesse tanta fome de poder que iria ariscar o bem estar de sua própria espécie. Suas ações iam contra tudo o que Alexander acreditava. Alexander queria se misturar no mundo mortal como mortal, enquanto Jagger queria ser temido por outros, ganhar popularidade e notoriedade. Eu compreendia que Jagger ansiava ser conhecido.

Não era da minha natureza permanecer escondida nas sombras - mas havia uma grande diferença - eu não era um vampiro. Eu não era um perigo para ninguém. E desde que eu estava começando a me envolver em uma comunidade de vampiros, na vida que eu sempre tinha sonhado, eu tinha que saber se esse novo mundo era diferente do mundo que eu já pertencia. O Calabouço estava sendo puxado em duas direções, como qualquer outra comunidade mortal. Mortais e imortais podiam não ser tão diferentes depois de tudo.

Mas eu tinha de admitir, o mundo imortal era intoxicante para mim. Tinha toda a tensão do mundo mortal, com a ponta da escuridão que eu tanto desejava. Embora eu não pudesse completamente deixar esse sonho que eu tive a algumas noites atrás. Neste ponto, eu tinha o melhor dos dois mundos. Eu não tinha que tomar uma decisão de me tornar algo diferente do que eu já era. Mesmo que eu estivesse sob falsos pretextos, eu fui aceita no Calabouço como eu mesma. Se isso mudasse, eu não estava certa se o submundo seria afinal tão sedutor.

Todos em Hipsterville estava dormindo exceto aqueles clubsters no Calabouço, bebendo e dançando, e um solitário vampiro, Alexander Sterling. Eu sentia falta dele e odiava ser incapaz de estar a seu lado durante suas longas noites. Eu desejava que Alexander me abraçasse seguramente nas mornas noites de ar, debaixo do luar nas lápides em um cemitério afastado, inconscientes dos problemas dos vampiros do submundo. Eu sonhei com um tempo antes que eu soubesse sobre o Calabouço, Jagger, ou Phoenix.

Não era o suficiente lidar com as experiências e tribulações de namorar um vampiro?

Eu tinha uma missão quando o por do sol começasse, ver Alexander. Mas, mais uma vez, minha curiosidade me levava para fora do meu caminho e direto para um labirinto de perigo.

Eu estava aprendendo muito mais sobre o mundo complicado de Alexander - sem ele.

10 - Pintura Perfeita.

O Festival de Arte de Hipsterville, de acordo com a tia Libby, foi um evento que apresentava artesãos regionais que datavam desde à fundação da cidade. Tinha muita coisa pra fazer. Cinco blocos da Rua Principal, com as suas típicas boutiques e cafés, foram isolados, permitindo que usuários e vendedores andassem livremente na rua sem medo de serem atropelados por um antigo Accord com adesivos de DAVE MATTHEWS, SALVE A FLORESTA CHUVOSA, e adesivos de PETA autocolantes. Vendedores viajavam de estados vizinhos para vender seus originais biscoitos artesanais. Barracas azuis e vermelhas estavam alinhadas nas ruas, apresentando e vendendo de tudo, desde cerâmica a bolsas. O ar fresco do início da noite cheirava deliciosamente a fatias de bife, churrasco, grelhados e milho na espiga. As crianças se divertiam com pinturas de rosto enquanto os adultos se inscreviam nos sorteios para ganhar prêmios de microondas até um novo carro.

No lado norte do festival, uma banda de jazz tocava em uma fonte com uma estátua do fundador da cidade. Tanto idosos como jovens Hipstervillianos relaxavam nas cadeiras, com a música ao vivo e batendo os pés no ritmo da música.

Normalmente, tia Libby era conhecida por aparecer tarde nos eventos, jantares ou reuniões. Esta noite, ela estava tão animada para ver o seu novo namorado, ela estava banhada, vestida, maquiada, e pronta uma hora antes do nosso encontro - na fonte logo após o pôr do sol. Eu não estava excitada só porque eu ia encontrar Alexander, eu estava indo a um encontro duplo de casais com adultos. Tia Libby e eu esperamos ansiosamente com a banda de jazz os nossos namorados chegarem.

- Eu não posso esperar para que você possa conhecer Alexander, - eu disse a minha tia.

- Eu também, - ela disse, dando-me um familiar abraço. - Estou ansiosa para ver o que você acha do Devon. Quero a tua opinião honesta. Eu não tenho sido a maior juiz de caráter na minha vida. No entanto, eu acho que ele é um caso sério.

Tia Libby mantinha uma batida rítmica agitando seu quadril, ela fluía no seu vestido floral e nos seus brincos que balançavam. Se eu estivesse com minha mãe, eu teria ficado horrorizada. Mas eu estava animada por ver a minha tia com seu espírito livre e feliz, e me encontrei me balançando de um lado para o outro impaciente. O sol ainda parecia estar sobre a torre do sino a distância.

- Eu me pergunto se eu pulasse para cima e para baixo, se faria com que o sol descesse mais rápido - eu disse à minha tia.

Dei uma olhada na multidão, festa, cheia de hipsters, cabeças de granola, góticos.

Casais de todas as idades, formas e tamanhos estavam em todos os lugares. Crianças correndo, segurando balões, ou a sendo empurrados em seus carrinhos estavam de divertindo na festa.

Eu olhei por entre a multidão eclética, imaginando se Alexander apareceria na luz do sol em vez do luar. Vi vários casais aconchegados, de mãos dadas, desejando que pudessem ser Alexander e eu.

Antes que eu soubesse, o crepúsculo tinha ultrapassado a Rua Principal. Os postes com luz a gás iluminavam a rua como se estivéssemos no século XIX, Londres. Eu comentei com a tia Libby como éramos sortudas que os dias chuvosos e as nuvens tinham desaparecido durante a noite do festival.

Um belo homem com dois espetos de algodão doce (uma rosa pastel, o outro azul bebe) apareceu no meio da multidão e se aproximou de nós. Minha tia estava ajudando uma criança reformular seu balão animal e não tinha notado um homem de pé do nosso lado.

- Você deve ser Raven, - disse ele. As orelhas da tia Libby se levantaram e ela se virou para nós.

- Devon! - Minha tia chamou, e devolveu o animal ao menino.

Devon era um cavalheiro vistoso com cabelo começando a ficar grisalho. Ele tinha os olhos com piercings e usava jeans de marca, sandálias Bjorn, e um casaco esportivo, e um brinco dourado. Ele parecia esguio e em forma, como se ele passasse a maior parte do seu dia jogando com os Wild Oats.

Minha tia, poderosa e independente, parecia frágil e inocente na presença de Devon. Ela parecia estar muito afim dele, assim como um membro desavisado ia a uma palestra de um hipnotizador.

Então eu comecei a questionar... não, ele não podia ser... O feitiço que ele mantinha sobre a minha tia - era amor ou algo mais do submundo? Afinal, Hipsterville estava enfrentando uma crescente população de vampiros. E ele era anormalmente pálido para um tipo terrestre e só gostava de mostrar-se depois do pôr-do-sol.

Alguém tocou no meu ombro.

Eu virei e vi meu Nosferatu favorito.

- Alexander! - Eu enlacei meus braços em volta dele e lhe dei um aperto forte.

Eu queria que Alexander me inclinasse para trás e pressione a sua boca cheia de presas no meu pescoço, mas em vez disso ele me deu um rápido beijo na bochecha, uma adequada visualização de afeto na frente da minha tia e seu namorado.

- Eu gostaria que vocês conhecessem Alexander. Esta é a minha tia Libby e Devon. - Eu estava tão orgulhosa de mostrar-lo para a minha tia. Ela nunca tinha me conhecido com um namorado, já que eu nunca tive um. Eu de repente me senti crescendo.

- Ele é tão adorável! - Tia Libby esguichou como se Alexander não estivesse de pé em frente dela.

- Você é ainda mais bonita pessoalmente, - Alexander gentilmente a elogiou.

Os dois homens apertaram as mãos e eu os observei de perto. Eu tinha as minhas suspeitas sobre Devon, e me perguntei se eu podia sentir alguma coisa na sua interação. Mas não havia nada incomum em seu apresentação.

Nós quatro passeamos pelo festival. Minha tia e eu dividimos nosso algodão doce com nossos namorados. Alexander e eu andamos de mãos dadas enquanto tia Libby viajava em cada palavra de Devon. Nós entrávamos e saíamos das barracas, apontando para tudo e qualquer coisa que nos chamasse a atenção.

Duas garotas, uma vestindo um vestido longo com espartilho, e a outra em uma camisa do My Chemical Romance, andando e fofocando, entraram numa barraca a nossa frente. Eram Scarlet e Onyx.

Deixei Alexander na barraca de cerâmica, me aproximei das garotas, e toquei-as no ombro.

Simultaneamente elas viraram na minha direção. Percebi que não tinha uma explicação para Alexander ou tia Libby sobre como eu sabia quem eram essas duas garotas góticas. Por um momento Onyx e Scarlet me deram um grande abraço, e eu teria que explicar de onde

nos conhecemos. Elas obviamente não eram de Dullsville High. Elas não eram parentes afastadas. E explicar-lhes que eu as conheci em um clube vampiro não ia ajudar.

Mas quando os nossos olhos se encontraram, suas expressões pareciam vagas.

- Já nos conhecemos? - Scarlet perguntou.

Meu coração caiu. Eu senti o mesmo sentimento que tive quando eu tinha cinco anos e estava na escola tentei jogar Carimba com as outras crianças e eles pegaram a bola de mim e correu para dentro. Pelas duas últimas noites eu festejei com estas garotas, e estávamos instantaneamente coladas como se fossemos velhas amigas. Eu tinha claramente cometido um erro. Em seguida isso me bateu. Elas estavam receosas sobre eu revelando a sua identidade.

- Eu pensei que você fosse outra pessoa, - eu disse consciente, mas ainda triste.

- Isso sempre nos acontece - disse Scarlet.

As meninas olharam Alexander, que agora vinha até mim.

Onyx me deu uma rápida piscadela antes que se virasse e andasse para longe.

- Quem era? - Alexander perguntou, agarrando a minha mão.

- Acho que a vi no Clube do Caixão, - eu disse a verdade.

- Falando nisso, o que você fez na noite passada? - ele perguntou.

- Bem, você nunca vai acreditar.

- Você foi ao Clube do Caixão! - Ele exclamou.

- Como você sabe? - Eu perguntei, perplexa.

Ele apontou para o morcego desbotado na minha mão.

- Ah, isso... - eu disse.

- Raven, eu lhe pedi para não ir. Não quero aparecer como um namorado super-protetor, mas... Prometa me que não vai voltar.

- Não é tão sinistro como parece, - eu defendi. - Fui com a tia Libby. Na verdade, foi idéia dela.

Alexander parecia surpreso ainda aliviado.

- Eu ouvi alguém dizer 'o Clube do Caixão'? - A minha tia, a poucos metros de distância de nós, girando e orgulhosamente exibido unhas pretas. - Tivemos a melhor noite de todas! Nós bebemos Asilos Insanos. Me senti, pelo menos, dez anos mais jovem.

Alexander sorriu. Eu poderia dizer que ele estava imaginando minha tia tentando evocar fantasmas no bar.

- Talvez devêssemos ir, - minha tia sugeriu a Devon. - Você foi?

Esperei desesperadamente pela resposta de Devon. Embora ele estivesse com a idade superior a soma das idades médias dos clubsters de lá, eu não teria me surpreendido se ele já tivesse ido.

Fiquei intrigada para ouvir sua resposta.

- Era supostamente para ter um clube interior no subterrâneo. Um verdadeiro clube de encontro de vampiros. - Ele riu.

Alexander, e eu olhamos um para o outro.

- Nós não vimos quando estávamos lá, - admitiu a minha tia. - Parece divertido.

- É apenas algo que eu ouvi, - disse ele a mim.

Como Devon sabia sobre o lugar de encontro dos vampiros? Eu só podia entender que ele deve ter visitado ele próprio.

Nós continuamos e passamos por uma cabine de vidro com ornamentos e números.

- Alcançamos vocês depois, - eu disse para minha tia e puxei Alexander para dentro.

Alexander estudou o minúsculo artesanato de vidro em forma de um elefante.

- Tenho fortes suspeitas sobre Devon, - Eu sussurrei.

- O que você suspeita? - ele perguntou, entretido pela tocha flamejante.

- Que ele seja um... - então virei o rosto dele para o meu e disse sem palavras a palavra *vampiro*.

Alexander riu e voltou para assistir a pequena mala esculpida em vidro.

- É possível, - eu persisti.

- Sim, é.

- Viu? Então você acredita em mim! Devon não gosta que tirem fotos suas, e diz a tia Libby que os olhos dele são hipnóticos. Ele não apareceu até depois do pôr do sol, e agora ele está falando de clubes vampiros.

- E daí que ele seja?

- Então temos que avisá-la.

Então de uma vez Alexander não estava mais interessado na escultura - Você não quer que sua tia namore um vampiro? - Seus olhos de meia-noite não podiam esconder a tristeza dentro dele. Eu estava fazendo Alexander se sentir a terrível sensação que eu mesma senti quando Scarlet não me reconheceu, ou quando meus colegas me rejeitaram. Afinal, Alexander era um vampiro, e eu acabei de dizer a ele que eu não queria a minha própria tia namorando alguém da sua espécie.

- Eu não queria dizer... - Eu disse, alcançando ele.

- Mas disse, - ele disse rapidamente.

- Não, não era isso o que eu queria dizer. - Então eu percebi que eu tinha dito isso. Meus olhos encheram-se de lágrimas.

Alexander me levou para longe da multidão, entre as duas cabines. Ele nos afastou de uma poça de Coca-Cola enquanto eu desesperadamente me lançava sobre ele.

Ele limpou uma gota que tinha escorrido pela minha bochecha.

- Eu não queria ofender você. - Eu comecei. - Eu nunca...

- Eu sei, - ele disse, em seguida, continuou, em uma voz suave. - Raven, você tem razão para estar preocupada. Não é como namorar alguém de outra religião, classe ou zona de conforto. Vampiros, por natureza, são mortais para mortais. É o que eu tenho tentado te dizer desde que nos conhecemos.

- É por isso que eu disse o que eu disse. Mas você não é assim. Então, talvez Devon não seja, também.

- Primeiro de tudo, não sabemos o que Devon é ou não.

- Se ele for e for como você, então seria fantástico!

- Ou ele pode ser como Jagger. É por isso que eu me sinto muito protetor a você. Está entendendo?

- Mas Alexander, há vampiros que são apenas como você.

- O que você quer dizer?

Eu estava pronta para contar tudo a Alexander sobre o clube subterrâneo quando tia Libby interrompeu. - Você tem que ver esta pintura, - disse ela, agarrando o meu braço. - Você não vai acreditar!

Implacavelmente ela arrastou-me através da multidão, até que finalmente parou em uma barraca em frente à casa-de-fogos.

Em uma mesa, ao lado de uma pintura de um vaso cheio de flores, estava uma imagem de mim. No meu vestido preto escarlate com uma faixa, vestindo luvas de rendas, e segurando uma sombrinha preta, eu estava fora da mansão. Três morcegos pairavam em torno de mim, um com olhos verdes, um menor com olhos azuis, e um com um azul e um verde. Até atrás de mim na janela do sótão, a cortina foi levemente puxado para trás e a figura de uma silhueta estava olhando para mim.

No canto da pintura tinha um grande laço azul.

- Isso parece exatamente como você! - Tia Libby comentou.

Devon examinou-a, depois a mim. - É, certamente parece.

- Essa sou eu! - Eu exclamei.

- Quem pintou isto? - Tia Libby perguntou ao voluntário do festival. - Temos de encontrar essa pessoa.

- Não havia nenhuma informação sobre o artista. Normalmente eles anexam uma imagem, website, ou biografia. Mas o artista deve ter preferido anonimato.

- Parece perfeito, como uma fotografia, - minha tia observou.

- Estamos recebendo ofertas e pedidos de comprá-lo todos os dias.

- Você não pode vendê-la, - minha tia começou - enquanto não descobrir mais sobre isso.

- Ele fez uma boa semelhança com você, - comentou o voluntário. - Você conhece algum artista?

Devon, minha tia, e os voluntários pesquisaram a pintura por uma assinatura. Eu estava com medo enquanto Alexander se aproximava.

- Aqui está! - Exclamou minha tia, como ela tivesse acabado de achar um ovo da na caçada da Páscoa. No canto, embutido em uma teia de aranha, estava o nome 'Sterling'.

- Sterling... é você... - a minha tia anunciou a Alexander.

Devon e o voluntário viraram-se para Alexander.

- Esta é a razão pela qual você ainda está na cidade? - perguntei a Alexander.

- Jameson insistiu pra eu entrar, - disse ele autoconsciente.

- Essa é minha sobrinha, - minha tia declarou orgulhosamente. - E o namorado dela é o artista.

- É com certeza um prazer conhecê-lo, - disse o voluntário, como se ele estivesse conhecendo uma celebridade. - Aqui está o meu cartão. Sei que o superintendente de uma galeria estava interessado nesta peça. Se tiver outros, eu tenho certeza que ele adoraria ver eles, também.

- Esta é a razão pela qual você fica muito tempo em Hipsterville. Você estava se preparando para mostrar o seu trabalho artístico nesta feira.

Alexandre não respondeu.

- Por que você não me disse? - Eu perguntei, apertando a mão dele.

- Tenho certeza de que há um monte de coisas que você não me disse, - disse ele, apontando para o morcego selado na minha mão.

Algumas horas depois, a Festa Anual de Arte estava chegando ao fim. Vendedores de embalagem estavam arrumando suas coisas e as barracas estavam sendo desmontadas. Nós quatro nós sentamos na borda da fonte, nossa barriga cheia de comida e os nossos pés cansado de andar.

Tia Libby e Devon perambulavam para a saída do Festival a poucos metros de distância para dizer boa noite, enquanto eu e Alexander ficamos na fonte fazendo carinhos um no outro.

- Eu vou te pegar amanhã à noite, - Alexander disse, seu braço sobre meu ombro. - E eu tenho uma surpresa para você.

- Eu não posso esperar. Eu vou estar contando os minutos!

Seu rosto iluminado como a lua brilhante acima dele.

Alexander se inclinou em mim e me deu um beijo bem lento. Seus lábios tinham gosto de Coca e maçã-caramelada.

Ele me olhava da fonte enquanto eu chegava a minha tia e seu namorado, que agora estavam de mãos dadas e perdendo-se no olhar um do outro. A qualquer minuto, Devon poderia se inclinar sobre ela e afundar suas presas em seu pescoço - se ele tivesse alguma. Mas se ele fosse fazer isso, ele realmente faria na frente de toda a cidade?

Conhecendo minha tia Libby, uma despreocupada transcendental velha alma, ela podia querer se tornar um vampiro. Sorte a minha, eu teria que visitar a minha tia no submundo, enquanto eu permanecia uma rejeitada mortal em Dullsville.

- Foi ótimo conhecer você, Raven, - Devon disse quando eu finalmente cheguei até eles.

- Obrigada pelo algodão doce, - eu respondi. - Espero te ver em breve.

Eu me afastei, o novo casal teria um momento particular antes da sua partida. Mais importante, eu tinha que confirmar a verdadeira identidade de Devon.

Eu tirei o meu compacto da minha bolsa, abri, e o angulei atrás de mim. Respirei fundo quando a minha tia me tocou no ombro. Quando eu olhei para o reflexo, Devon já tinha desaparecido.

Tia Libby e eu passamos horas enrolando até a meia-noite nos nossos pijamas no futon, como se estivéssemos em uma festa do pijama, rodeadas por essências de lavanda de rosas votivas e incenso e falando incessantemente sobre os nossos lindos namorados.

A minha tia estava tonta enquanto repetia cada pensamento feminista e sentimentos que ela tinha.

- Então, onde será seu casamento? - Eu perguntei enquanto bebericávamos chá de camomila.

- Acho que é cedo e mais pra escolher lugares. - ela disse com uma risada. - Mas eu sempre quis casar fora.

Então, eu joguei verde para poder comer maduro. - O quão longe você iria pra mostrar seu amor por ele?

- Como se mudar? - Ela perguntou.

Isso não era o que eu tinha em mente. - Claro, - disse, jogando junto.

Ela encolheu seus ombros. - Eu teria que trabalhar?

- Uh... não, - eu respondi. Minha tia estava ficando ainda mais longe do meu ponto de questão.

- Eu teria tempo integral se eu quisesse atuar? - ela perguntou sério.

- Se é isso o que você quer.

- Então eu tenho que dizer sim!

- Bem, isso não parece muito um sacrifício, - eu disse. Eu pensei por um instante, e então meus olhos capturaram a TV. Isso me fez lembrar do local da reportagem sobre os círculos nas plantações que eu vi no outro dia. - E se ele fosse de outro planeta?

- Como um alienígena? - Ela perguntou, então sorriu.

- Sim, - eu disse. - Será que você ainda iria?

Tia Libby parou, realmente contemplando a minha pergunta. Eu estava começando a ficar cansada enquanto eu esperava por sua resposta.

- O planeta é ambientalmente correto? - Ela perguntou.

- Isso é só uma brincadeira! Tia Libby.

- Quero dar respostas verdadeiras.

- O planeta é ambientalmente correto e é ilegal comer carne.

- Então eu tenho que dizer, 'eu estou lá'.

- Agora, - eu disse, a criando expectativas para o meu ponto - E se ele fosse um vampiro? Você deixaria ele transformar você?

Ela parou. - Claro, porque não?

- É isso? Sem pensar? Sem perguntas sobre o submundo? Você terá que beber sangue e dormir em um caixão.

- Você me disse para não analisá-lo. Além disso, é só um jogo, lembra? Agora a sua vez, - ela disse, virando a mesa para mim. - O quão longe você iria para provar seu amor por Alexander? Se mudaria?

- Pra fora de Dullsville? Numa batida de coração. Além disso, minha mãe não me pentelharia pra eu limpar o meu quarto.

- Se mudaria para um outro planeta por ele?

- Claro, - eu comecei. - Então, eu realmente não teria de limpar o meu quarto. Minhas roupas estariam flutuando no espaço e eu nunca teria que buscá-las.

Nós duas rachamos de rir. (N/T: noooooooooossa, não sabia que existia essa expressão lá tbm, legal né?! ^^ *cracked up*)

Então minha tia ficou séria. - Se ele fosse um vampiro que você deixaria ele transformar você?

A verdade era que Alexander *era* um vampiro. Esta questão foi a mais difícil de responder por que pensava nisso todos os dias. Não havia nenhuma dúvida que eu gostaria de estar ligada a Alexander por toda a eternidade. Mas eu queria tudo o que passasse com ela? Se Alexander já rejeitou o mundo onde eu vivia, como é que vivemos juntos?

- Bem, você deixaria? - Minha tia pressionou.

Eu coloquei a minha caneca de chá sobre a mesa de café junto o incenso que queimava. - Isto era supostamente pra ser sobre você e Devon! - Eu disse. Eu sentei de volta, de pernas cruzadas. - Você já foi na casa dele?

- Ainda não. Ele diz que não é muito bem organizado.

Hmmm, eu pensei. Ele poderia estar escondendo o fato de que ele dorme em um caixão.

- Ele é carnívoro?

- Acabei de lembrar... - Ela se levantou e voltou com sua bolsa e pescando alguma coisa dentro dela. - Você perguntou se eu tinha uma foto de Devon, - disse ela, puxando uma câmera digital.

Ela apertou alguns botões na parte de trás. - Eu tirei essa hoje, - disse ela, e me mostrou a imagem do visor. Era uma foto de Devon, sorrindo generosamente, fora do vidro da barraca de artesanatos de vidro. - Gostaria de ter tirado mais, mas ele detesta tirar fotos.

Fiquei surpresa. Eu tinha estado tão completamente empenhada em provar que Devon era um vampiro, que eu tinha deixado qualquer outra conclusão a margem.

- Aqui está você em segundo plano, - disse ela, apontando. Eu parecia estar falando sozinha.

- Engraçado, Alexander foi cortado. Ele estava de pé perto de você.

Tia Libby apagou todas as velas, me deu um abraço apertado de boa-noite, e foi para a cama.

Agora que estava confirmado que Devon era um homem normal, eu seria capaz de dormir sossegada, conhecendo a sorte da minha tia, a pior coisa que poderia acontecer e ela era ter um coração partido.

11 - O Círculo na plantação

No dia seguinte minha tia Libby insistiu que eu mantivesse meu encontro com Alexander, não apenas porque "ele era tão lindo", como ela disse, mas porque ela estava atrasada em seu exercício de ioga. Enquanto minha tia estivesse esticando seu corpo e mente. Eu iria passar a noite colada em Alexander. Mas eu ainda tinha séculos antes do pôr do sol e eu poderia ficar no apartamento de Tia Libby ou ir para a livraria de Hipsterville. Eu não escolhi nenhuma e optei por uma pequena aventura.

Há alguns quilômetros de distância no outro lado da cidade situava um misterioso círculo na plantação que precisava ser investigado. Phoenix estaria confrontando Jagger lá no por do sol e eu poderia ter uma pitada da sua conversa e estar de volta a tempo para meu encontro com Alexander.

Afinal, eu estava intrigada pelo círculo na plantação e tinha que saber quem ou o quê estava fazendo eles. Eles eram realmente sinais para vampiros? Porque Jagger tinha todos os materiais de fraude em seu apartamento? Eu imaginei o que o círculo pareceria visto de perto.

De acordo com as direções que eu peguei online, o mesmo ônibus número sete que eu tinha pego anteriormente para a mansão fazia o seu caminho ainda mais longe através da cidade e parava a uma milha de distância da fazenda do Sr. Sears.

O RBI - Raven Bureau de Investigação - estava de volta ao negócio e na caçada. Apenas em caso de uma situação perigosa à frente, eu preparei o alho em pó, bastão, e uma lanterna escondidas debaixo da pia da tia Libby.

Dullsville tinha sua quota de grafiteiros, vândalos, e transgressores, mas nada tão excitante nisso tudo quanto - invasão alienígena. Além disso, se aliens viajassem a um milhão de anos-luz da terra, eu tinha certeza que eles ficariam decepcionados por se achar chegando na maçante cidade de Dullsville, U.S.A, Hipsterville, ou por outro lado, poderiam fazer um grande pit stop parada para abastecer no caminho de Nova Iorque ou Paris.

Mas se minhas presunções estivessem corretas e o garoto na TV tivesse visto morcegos pairando, o cara no bar do Calabouço estaria falando a verdade, a bagunça de Jagger era realmente indícios, os círculos na plantação teriam as marcas de um vampiro.

Talvez o fazendeiro estivesse vendendo bilhetes para seu quintal de nove acres. Eu meio que esperava que o número sete tivesse se transformado em um ônibus de turismo. Mas não havia nada incomum sobre o número sete ou seus passageiros, e quando o ônibus guinou na parada, eu fui a única a desembarcar.

As instruções que eu tinha estavam apontando para a uma única estrada de terra que separava deliciosas árvores em um lado de hectares de trigo no outro.

Eu estava no meio do nada, o sol já estava começando a descer pela casa da fazenda.

Quando eu explorei a mansão ou o solar, havia pelo menos outras casas dentro do som de um grito.

Eu estava tão disposta quanto eu estava apavorada enquanto eu me apressava, ao longo da estrada de terra solitária.

Ali estava um excelente local para um alien ou inesperado sinal vampiro. Não havia nada em torno de milhas.

De uma só vez, eu senti alguém ou algo atrás de mim. Eu segurei a lanterna com uma mão e o bastão com a outra, o alho em pó a centímetros na minha bolsa. Eu estava confiante que podia falar por mim mesma numa situação se eu fosse confrontada pelo fazendeiro, ou um de seus vizinhos, mas eu podia ver de antemão que era uma possibilidade remota.

Talvez eu estivesse imaginando coisas. Afinal de contas, eu cresci assistindo Colheita Maldita e O Massacre da Serra Elétrica. (*original: Children of the Corn e The Texas Chainsaw Massacre.)

A fazenda de Sears parecia jovial pela TV, no entanto. De qualquer maneira, eu ainda estava preparada para um encontro e fui dizendo para mim mesma suavemente para manter a calma.

Um cachorro latiu a distância, e eu vi uma garotinha correr da casa da fazenda e trazer o animal para dentro.

Havia apenas uma cerca que cercava a casa e outra que corria ao lado do campo de trigo. Talvez por isso que era tão fácil para alguns garotos se lançarem em uma brincadeira à meia-noite.

Decidi ficar longe da casa e da Fazenda do Sears onde não poderia sair um disparo.

Poucos minutos depois, eu estava longe o suficiente para subir ao longo da cerca e enterrar a mim mesma nas fileiras de trigo. Os arredores eram realmente muito bonitos. Não havia cidade ou luzes da cidade, e as estrelas eram tão visíveis e vibrantes eu não tinha certeza de que elas eram reais.

Eu estava indo a frente através dos caules quando vi o que eu pensava ser corvos voando sobre um espantalho colocado a alguns metros à frente. Enquanto eu me aproximava do pedaço recheado de homem, eu percebi que as criaturas voando eram morcegos. Eu penetrei mais perto, até eles desaparecerem.

Foi então que percebi que a mais alguns metros à frente de mim, no meio do campo de trigo, um círculo tão grande quanto a minha casa estava amassado no chão.

O círculo era ainda mais emocionante do que quanto eu vi pela TV. Era difícil entender a gigantesca circunferência. Eu não podia imaginar Jagger realmente fazendo aquilo sozinho.

Por um momento eu imaginei se na verdade aquilo tinha sido feito por outra coisa do que vampiros ou humanos.

Eu realmente fiquei surpresa quando me lembrei da curiosa reação do fazendeiro na TV. Eu teria ficado furiosa. Quem ou o quê tinha destruído boa parte do seu trigo.

Segui o círculo por algum tempo, escaneando e sondando a terra por alguma coisa incomum. Eu não era cientista da NASA, mas eu poderia dizer que não havia nenhuma rocha ou formas de vida que eu não tinha visto antes.

Aquilo estava ficando difícil de se inspecionar no escuro, então eu decidi ligar minha lanterna quando eu ouvi vozes vindo do lado oposto do campo. Eu tinha certeza de que o fazendeiro Sears tinha me visto metendo o nariz por ali. Eu desliguei minha lanterna, voltei atrás e corri pelas colunas de caules.

Eu estava pronta para tirar meu rabo de lá e acabar com minha aventura no círculo da plantação quando eu olhei de volta para ver o fazendeiro. Eu peguei um vislumbre de cabelos brancos. Eu imediatamente parei e coloquei minha cabeça entre os caules.

Jagger e dois caras troncudos com tatuagens e vestidos com camuflagem estavam examinando o círculo.

Eu não me movi.

- Tem tido cobertura televisiva, - Jagger disse. - Tem sido em todos os jornais. Isto é bom.

- Eu pensei que você queria que o clube fosse um segredo, - o membro mais alto da sua turma disse.

- Para os mortais, idiota. Não para nós. Esse é o porquê de nós estarmos aqui para ter certeza que continua intacto. - Jagger disse, esmagando o trigo levantado. - Os vampiros têm utilizado os círculos nas plantações durante séculos para sinalizar outros vampiros sobre áreas onde há uma presença do submundo. Mas mortais não podem decifrar nossa genialidade, portanto eles pensam que isto esta sendo feito por extraterrestres. É muito melhor para ambos os mundos.

- Mas estamos atraindo outros que podem trazer problemas para nós, - o de cabeça raspada confessou, seguindo atrás.

- Ninguém vai dar problema enquanto eu estiver no comando. - Jagger argumentou.

- Há outros que não querem seguir o seu plano, - disse seu truculento comparsa. - Nem todo mundo deseja que você esteja no cargo, Jagger.

Chocado, Jagger girou e confrontou seu partidário careca. - Desculpe?

- É verdade, - o mais alto disse, defendendo seu amigo. - Nós ouvimos rumores. Há outros que pensam que o clube deve permanecer apenas como um clube. Nada mais. A gente só queria que você soubesse.

- Quem se atrever a me prejudicar terá de lidar não só comigo, mas com uma gangue de vampiros sanguinários.

Só então uma cabeça roxa apareceu atrás de Jagger e seu bando. Eles estavam tão surpresos quanto eu estava.

- Eu não ouvi a sua moto. - Jagger disse, espantado.

- O que vocês caras estão fazendo aqui? - Phoenix perguntou.

- Eu é que deveria estar perguntando isso a você. Nós estamos expandindo nosso clube- meu clube. E talvez seja a hora de nós revogarmos sua filiação.

- Você não pode. Pode? - Phoenix desafiou. - Eu tenho filiação eterna. Eu pensei que era isso que você queria quando você começou o Calabouço.

- Eu queria, mas nos meus termos. Agora saia do nosso caminho, nós temos um trabalho a fazer.

Phoenix parou antes dele. - Nós não precisamos de mais membros. - Phoenix argüiu. - É hora de você e seu grupo pararem de fazer estes círculos. Já há muitos da nossa espécie na cidade. Se você continuar aumentando nosso tamanho, nós aumentaremos nossas chances...

- De infiltrar na cidade? - Jagger perguntou com um sorriso sinistro.

- De sermos expulsos da cidade, - Phoenix disse firmemente.

- Você não se importa com a direção do clube. Você só se importa em controlar o tamanho dele. E então quem sabe o que você vai fazer com isso?

- É hora de um novo líder quando o antigo esta enfraquecendo seus seguidores. Você esta convidando vampiros para esta cidade com o único propósito de tomá-la.

- É hora de ser parte desta cidade. Eu estou cansado de me esconder. Agora que eu tenho uma forte filiação, nós seremos capazes de vaguear livremente entre os mortais. Temos o direito de sermos conhecidos, e esta decisão não é sua.

- Nem sua, - Phoenix disse, seus braços cruzados. - Você criou um ótimo clube- um lugar para os vampiros ficarem em segredo e serem eles mesmos, sem uma ameaça para eles ou para nós. Ambos os mundos podem viver pacificamente. Mas você deixou o seu ego ir além. E agora você está planejando destruir tudo o que você criou.

- Eu estou planejando uma expansão.

- Não enquanto eu estiver por perto.

- Você não percebeu que você está em desvantagem? E que quando nós tivermos mais membros, você não terá chance? - A gangue de Jagger rodeou ele.

- Ninguém vai apoiar você, - Phoenix desafiou. - Eu vou tirar você

- Então porque você não faz isso aqui? Agora? - Os assassinos de Jagger fecharam seu círculo.

- É muito fácil, - Phoenix disse provocando. - Eu quero fazer isso onde todos podem ver você cair.

Havia alguma coisa tão impetuosa e poderosa em Phoenix. Embora ele estivesse sozinho ante Jagger e seus dois vampiros musculosos, ele ainda não era ameaçado.

Eles fecharam mais perto.

- Nem pense nisso, - Phoenix disse implacável. - Ou nós vamos terminar todo esse problema aqui.

Jagger ficou quieto por um momento- então ele afastou sua gangue. - Isso não é o fim para mim. Você pode falar alto aqui, no meio de um campo, mas eu tenho um clube atrás de mim.

Com isso, Jagger e seus comparsas desapareceram dentro da escuridão.

Phoenix permaneceu no local. Eu mal podia respirar. Se ele não recuava na companhia de três assustadores vampiros, o que uma mera mortal como eu poderia fazer?

Ele andou pelos caules - apenas a alguns pés de distância de onde eu estava escondida. Eu não movi um músculo ou exalei.

Eu fechei meus olhos. A qualquer momento ele iria me achar. Eu finalmente abri os olhos. Phoenix não estava em lugar nenhum a vista. Ele desapareceu.

Eu esperei por um momento, para ter certeza de que a área estava limpa. Corri de volta através do campo, pulei a cerca, e segui pela solitária estrada de terra.

Eu acenei meus braços e gritei freneticamente quanto o número sete afastava-se pela estrada ao lado. Um passageiro me viu e avisou ao motorista.

Quando o ônibus parou eu cai em um assento vazio no final, ouvi o som de uma moto passando e correndo pela estrada.

12 - Encontro com um vampiro

Eu saltei do número sete na parada da tia Libby, limpei minha botas sujas, e removi os embaraçados pedaços de trigo emaranhados no meu cabelo e roupas. Recordei o encontro no círculo na plantação em minha mente. Eu não podia acreditar que tinha estado tão errada quanto a Phoenix - Eu tinha pensado que o motoqueiro de cabelo roxo seria de longe muito mais misterioso e ameaçador para ser ainda mais perigoso do que o nêmesis de Alexander.

Debaixo de toda a sua valentia, ele queria que o clube permanecesse secreto, e quando ele tinha percebido outros planos para ele, ele começou um plano por conta própria. Tinha julgado mal Phoenix, como estudantes de Dullsville High sempre tinha me julgado mal.

Pareceu uma eternidade antes que eu detectasse o Mercedes preto descendo pela rua alinhada de árvores. Alexander abriu a porta do carro para mim e eu corri para o lado dele.

Após um rápido beijo e uma buzina de uma minivan esperando atrás de nós, eu subi no carro e nós partimos.

- Para onde você está me levando? - Eu perguntei enquanto nós atravessávamos a cidade até uma longa e sinuosa colina.

- Não fomos capazes de passar o tempo explorando cidade, então eu pensei em te levar aonde poderíamos, - Alexander disse.

Alexander continuou conduzindo pela estrada sinuosa, que era tão íngreme que às vezes parecia como se estivéssemos andando em um ângulo reto. Assentada no topo da colina uma torre com um sino que apontava para os céus. Ele se afastou das rachaduras cobertas no terreno, evitando vários buracos, e estacionou.

- Este é o sino da torre que eu vi quando tia Libby e eu estávamos esperando por você no festival de arte!

O sino da torre pintado de branco era um histórico marco datado por volta de 1800. Era simples no seu design com um ponto de observação e um relógio funcionando. A pintura estava descascando e o telhado estava em ruínas. Um superdimensionado sinal, colocado em um antigo poço a poucos metros de distância, pedia desculpas aos visitantes pela inconveniência da restauração em curso.

Alexander e eu nos arrastamos pela calçada rachada, andamos ao longo das chapas de plástico e pregos descartados. Uma madeira, encravada na porta da frente, a mantinha ligeiramente entreaberta.

De volta a companhia de Alexander, o Submundo, Dullsville e o Calabouço eram memórias distantes.

Uma vez dentro, nós subimos três lances de escada que levava a porta do sino na torre.

Eu segurei a mão de Alexander e segui ele através da porta e uma aparentemente interminável escada em espiral. Quando finalmente chegamos ao topo, nós estávamos tão acima da cidade, que eu pensei que poderia chegar a tocar as estrelas.

Um enorme sino de cobre pendurado em uma armação de uma viga de ferro. Eu toquei o sino enferrujado, que estava encharcado e manchado. Não havia uma corda ou um carrilhão à vista. O sino devia pesar um quarto de tonelada, e mesmo que eu malhasse regularmente, eu não seria capaz de tocá-lo.

- E se o sino tocar automaticamente? - Eu perguntei a Alexander. - Vai ser ensurdecedor.

- Não este antigo, - ele disse, batendo sua mão contra ele. - Ele não toca a anos. Veja.

Ele me mostrou um ninho de pássaros e teias de aranha no tresses* de metal fundido. (*vou dever esta palavra, mas é uma peça de metal entrelaçado, e pesquisando apenas encontrei a palavra cacho ou trança. Mas existe essa peça em carros também, não sei o nome próprio dela, sorry...)

Alexander me direcionou em torno do sino. Esperando por nós estava um candelabro aceso, velas e um conjunto preto de toalhas de renda antes da arcada. Sua mochila parecia cheia de guloseimas.

- Está bonito! - Abracei ele com toda a minha força. Eu segurei a mão de Alexander como apoio enquanto eu me movia a uma distância segura para a arcada e olhei. Eu passei várias noites enterrada debaixo das mais baixas profundezas de Hipsterville. Esta noite eu passei para o ponto mais alto.

Era de tirar o fôlego. As estrelas amarelas enchiam o céu noturno e cintilavam como se elas piscassem para nós. Nós tínhamos uma visão panorâmica de Hipsterville. A cidade parecia uma amostra em miniatura em uma pequena janela de visor, do tipo com pequenas luzes, árvore e carros.

Eu me inclinei em Alexander, meu braço envolvendo sua cintura e os seus ao redor dos meus ombros, enquanto nós olhávamos para a pitoresca noite.

- Eu acho que vejo o apartamento de tia Libby, - eu disse, apontando para um grupo de casas na cidade.

- Eu acho que posso ver dentro de sua janela, - ele disse, me provocando. - ainda não tenho esse tipo de visão.

- Bom, eu acho que é o seu apartamento.

- Mas sua tia Libby vive naquela parte da cidade. - Ele disse, acenando para uma área de casas a alguns quilômetros de distância.

Eu não tinha senso de direção.

- Bom, eu sei que é lá na rua principal. E tem o parque, a estação de trem e o museu de arte, - eu disse orgulhosamente gesticulando para os óbvios lugares de interesse.

- Eu já te disse que você é a mais linda guia turística que eu já vi? - Ele me segurou e me girou em volta de mim e me deu um apaixonado beijo. Quando ele me colocou no chão, não só a torre do sino estava girando, mas a cidade também.

Eu me agarrei nele até que eu ficasse estável.

- Eu queria trazer você a um lugar onde nós pudéssemos explorar toda a cidade juntos em uma única noite. - Alexander observou.

- Isso é perfeito! - Eu concordei.

Nós desempacotamos nosso jantar, especialmente preparado por Jameson. Alexander dilascerava seu sanduíche de bife grelhado e engolia sua bebida vermelha enquanto eu picava pedaços de pão francês. Eu estava tão distraída com a bela da noite, o ar fresco e meu lindo namorado que eu tinha pouco apetite.

Eu me maravilhei com a forma que Alexander desfrutava a sua comida.

- Talvez eu cozinhe para você algum dia, - eu ofereci.

- Sério? Você sabe como?

- Eu sou ótima com macarrão com queijo e bife frito. Ou eu posso te preparar uma tigela de cereal.

Alexander ficou radiante. - Eu posso pegar você para isso.

Então eu descansei minha cabeça em seu colo enquanto ele sorvia sua garrafa de líquido espesso.

- Quando nós terminamos e limpamos tudo, nós descansamos contra a arcada, a uma distância segura, mas com visão total da cidade.

Eu me sentei para trás, extasiada, olhando Alexander contra as luzes cintilantes da cidade.

Cada vez que Alexander me levava a um encontro, era mais espetacular do que o anterior. Ele gastava tanto tempo pensando sobre e preparando os nossos encontros quanto ele fazia criando uma de suas pinturas. Meu coração subia como um foguete com o toque de sua mão, ou um sublime beijo. Ao mesmo tempo, eu ficava aliviada sabendo que não havia lugar na terra que preferisse ficar do que ao seu lado.

- Eu tenho uma coisa para você, - ele disse, cavando dentro da mochila.

Eu imaginei ele me presenteando com um pequeno porta-jóias, talvez uma anel ou algo maior, como um buquê de rosas pretas mortas.

Ao invés disso ele me entregou um pacote liso, do tamanho de um envelope, cuidadosamente embrulhado em um laço preto.

Eu rasguei o papel do pacote com selvagem antecipação pelo conteúdo. Era uma passagem de ônibus para Dullsville.

- Você não está animada? - ele perguntou, radiante como o brilho das estrelas acima de nós.

- Claro...

Ele pareceu desapontado com minha reação. - Eu pensei que era isso que você queria. Jameson e eu já começamos a fazer as malas.

- É... mas vocês ainda estão aqui. Tia Libby. E o...

- O, o que?

- Ummm... o... verão. Liberdade.

- Nós vamos passar o verão em casa. Juntos.

- Você está certo. Esse é o melhor presente. - eu disse, dando a ele um beijo.

Quando eu finalmente recebi a novidade que estava esperando escutar desde que Alexander deixou Dullsville, eu não estava tão contente quanto eu imaginava. Alexander não podia retornar para Dullsville agora, quanto o Calabouço estava no limiar da agitação.

Eu estava começando a ficar com tia Libby, e eu estava louca para dançar e fofocar até o amanhecer com Scarlet e Ônix. E eu estava desesperada para saber o que iria acontecer com Jagger e Phoenix. Eu não estava pronta para o fim.

Alexander estava pronto para partir. Não havia nenhum jeito de eu adiar a partida. Ou talvez houvesse um único jeito... eu tinha que jogar a carta do Clube do Caixão.

Se eu falasse a Alexander sobre o Calabouço, ele seria forçado a me ter lhe mostrando ele e atrasar nossa partida. Eu estava segura de que pelo menos, mais alguns dias, ou melhor noites, nós inspecionaríamos o clube subterrâneo. Talvez fosse a hora de eu dizer tudo a ele.

- Ouvi dizer que Devon tinha razão, - eu disse de repente. - Há um vampiro clube aqui!

- É só um boato. Você acredita em fofocas? - Ele desafiou.

- E se for verdade? Você não acha que devemos ficar e verificar?

Alexander colocou sua mão na minha. - Nossa visita aqui acabou. Ambos conseguimos o que nós queríamos. Valentine está fora de Dullsville e em segurança na Romênia. E você e eu estamos juntos.

- Mas...

- Vamos desfrutar de nossa última noite aqui, - ele disse. Ele dando certeza de que nós teríamos, também colocando seus lábios rosa em meus pretos.

Quando Alexander brincando mordiscou o meu pescoço, aquilo me fez pensar em mais uma coisa.

Eu empurrei de volta.

- O que há de errado?

Eu pausei. A noite, a vista, e Alexander estavam todos maravilhosos. Eu estava nos braços de um legítimo vampiro - um a quem eu amava e que me amava de volta. Eu também passei vários dias cercada por outros vampiros. Eu conheci novos amigos, como Onix e Scarlet, e me foi dada uma visão de seu mundo. Não era medonho ou mortal depois de tudo.

Me perguntava se vários dias eram de fato o suficientes para mim quando eu poderia estar vivendo nele por toda a eternidade.

E se eu fosse ser mudada, qual momento romântico e lugar seria para ser feito. Mas realmente... eu estava pronta?

- Nada de errado, - eu finalmente respondi. - Eu estava só imaginando.

- Sobre o que?

- Sobre mim...me tornando como você.

Ele empurrou de volta e pareceu sofrer.

- Eu estou apenas dizendo. Você esta aqui, eu estou aqui, a lua está cheia.

- Realmente. E isso é fácil para você? - Ele pressionou ceticamente.

- Eu acho que você pensa que eu não sou capaz de lidar com isso.

- Você tem uma visão romântica do meu mundo. Provavelmente como eu tenho do seu.

- Mas eu sei mais sobre o seu mundo do que você pensa.

- Eu não sou um vampiro típico...

- Eu já sei disso. Desde o momento em que eu te conheci.

Alexander era um sonho, seu rosto emoldurado contra o luar faiscante.

Ele estava certo. Eu estava tão concentrada em estar vivendo em outro mundo, eu não estava apreciando o que nós tínhamos juntos.

Eu sorri e cai em seus braços.

- Quando você me mudar, - eu comecei, - nós vamos ter uma cerimônia de pacto? Nós vamos convidar amigos? Ou você apenas me abraçará, em uma noite perfeita como está?

- Bom, tudo o que eu preciso fazer começa aqui. - Ele segurou meus dedos e beijou eles, então traçou seu caminho de minha mão ao antebraço. Minha carne arrepiava enquanto ele continuava a beijar acima de meu braço e a parte detrás de meu pescoço. - Então inclinando no...

Subitamente os olhos de Alexander ficaram vermelhos e ele olhou para longe. - É hora de ir, - ele disse.

- Já? Mas nós apenas começamos aqui.

- Nós estamos aqui há horas. Está ficando tarde, - ele disse.

- Eu não queria dizer para...

Mas Alexander já havia jogado a sua mochila em seus ombros e segurado minha mão.

- Eu tenho um monte de coisas para fazer antes de partir.

- Eu posso te ajudar a empacotar? - Eu perguntei, ficando em pé nas pontas dos pés como uma criança.

- Isso não será necessário. Jameson é muito organizado.

Eu não estava pronta para nós nos separarmos e não havia nada que eu pudesse dizer para fazê-lo mudar de idéia. Antes que eu soubesse nós estávamos parados do lado de fora do apartamento de tia Libby.

- Então quando eu te ver da próxima vez, - Alexander começou. - você estará do lado de fora do portão da mansão, como na pintura.

- Eu estarei.

Alexander beijou-me longamente. - Eu estou feliz por você ter vindo me visitar.

Eu me senti como se eu precisasse de uma alavanca para me erguer me afastando. Meu coração começou a afundar enquanto ele me deixava ir.

Eu segurei o bilhete de ônibus em minha mão. Eu tinha conseguido tudo pelo que eu tinha vindo - me reunir com Alexander e finalmente saber que ele estava retornando para Dullsville.

- Obrigada novamente pelo meu presente. - Eu disse.

Alexander esperou por mim para que eu estivesse em segurança no apartamento de minha tia. Uma vez dentro, eu tentei recolocar o chaveiro em minha bolsa. Algo brilhou, uma longa, antiquada, chave dourada. Era a chave do Calabouço.

O tempo todo que Alexander esteve em Hipsterville, ele esteve pintando uma imagem minha do lado de fora da mansão. Durante nossa separação, ele esteve pensando em mim vivendo em Dullsville tanto quanto eu estava sonhando com ele em minha visita.

E agora, enquanto eu segurava a chave mestre em minha mão, eu estava pensando sobre mais um lugar - um vazio túmulo alcançando vampiros dançando profundamente abaixo do novo clube de Hipsterville.

Alexander estava certo. Era hora de deixar Hipsterville. Mas se, de fato, eu embarcasse para uma Dullsville - sem a promessa de ver ou visitar um verdadeiro clube vampiro novamente, eu tinha que ver o Calabouço pela última vez.

13 - O Calabouço

A Schwinn azul marinho (*N/T: marca americana de bicicleta) de quinze anos de Tia Libby não era a sexy Harley Night Rod. Os pneus estavam baixos sem ar, o guidon estava faltando uma capa de borracha do punho, e a roda traseira rangia a cada volta.

Eu pedalei através de Hipsterville e desci pela rua principal, guiando ao redor do lixo descartado que sobrou do Festival. Eu tranquei a Schwinn em uma grade para bicicletas do lado de fora da biblioteca, no bloco sul do clube vampiro.

Eu estava andando à pé pela calçada quando ouvi uma moto zunindo através de uma passagem. Eu segui o som, que parecia estar vindo detrás dos edifícios. Eu perambulei pelo caminho para uma iluminada passagem fora do Clube do Caixão, onde eu localizei um carro fúnebre estacionado ao lado de uma lixeira. O carro era familiar - um clássico Cadillac preto com uma ponteira com morcego prateado adornando, pneus pretos com faixas brancas, caveira e ossos cruzados sobre o painel traseiro esquerdo, e um esqueleto pendurado sobre o espelho retrovisor. A licença da placa era do condado de Hipsterville e na placa lia-se: EU MORDO. Era Jagger.

Depois da enorme lata de lixo, eu vislumbrei um motoqueiro com um capacete negro estacionando sua moto no beco. Eu me aproximei tão silenciosamente e mais rapidamente do que um pai coruja. Quando o motociclista retirou seu capacete, ele girou ao redor. As sombras bloqueavam ele, mas eu aparecia em plena vista.

Mesmo nas sombras, eu poderia dizer que ele parecia surpreso com a minha chegada.

Phoenix caminhou em minha direção, seriamente preocupado. - Pode haver problemas no interior do bar hoje à noite, - ele alertou.

- Problema? Esse é o meu nome do meio.

- Estou falando sério. - Ele colocou a sua mão firme no meu ombro. - Eu francamente sugiro que você vá para casa.

Ele me olhou de modo penetrante, meditando atrás de seus óculos escuros, seu cabelo roxo escuro flutuou sedutoramente sobre eles.

Tive a sensação de que se eu ficasse, poderia haver mais problemas fora do clube.

Eu concordei com relutância.

Phoenix deslizou para o Clube do Caixão através da entrada atrás do beco. Eu estava surpresa de ele não ter estacionado no espaço VIP, e andado para o clube como um príncipe coberto de couro. Talvez fosse haver uma luta dentro do clube hoje à noite e ele precisasse fazer uma fuga rápida. Eu fiquei para trás dele, e quando a porta começou a se fechar eu prendi o meu pé dentro da soleira. A porta era pesada enquanto esmagava a minha bota. Eu vacilei para dentro.

Eu vi a cabeleira roxa sacudindo a poucos metros à frente de mim antes que elas desaparecessem através de uma porta. Eu manquei para a escuridão, fazendo o meu melhor para prosseguir, mas mantendo uma distância segura eu podia passar despercebida.

E de repente eu estava descendo uma escada íngreme e de pé em frente a uma porta de calabouço pintada com spray as palavras FIM DA LINHA.

Eu descobri a minha pulseira do Clube do Caixão, vasculhei minha bolsa pela minha solução, ansiosamente e desajeitada pela chave mestre. Um montante igual de medo e

excitação corriam através das minhas veias. A chave abalou meu lado inseguro, mas me controlei depois de algumas tentativas de acertá-la na fechadura e girá-la rapidamente.

A porta rangeu aberta.

Dragão me examinou enquanto eu me movia passando por ele e escorregava através da fenda na cortina.

O Calabouço estava espetacularmente animado. Clubsters estavam conversando, dançando, o depositando de volta suas taças, e se divertindo como se poderia ser sua última vez no clube. As diabólicas e decadentes câmaras das catacumbas estavam cheias de presas de dentes góticos, punks, e emos. Talvez fosse a última vez que eu veria Scarlet e Onyx, se elas me perdoassem por reconhecê-las enquanto elas estavam passando sem ser notadas no mundo mortal.

Mas enquanto eu me espremia através da multidão, um humor ainda mais sombrio começou a lavar o clube como o sangue escorrendo.

Eu localizei membros em camisetas brancas com a negra palavra POSSÚIDO, em homenagem a tatuagem do Jagger, tendo reuniões privadas, sussurrando, e transmitindo mensagens.

- Raven! - Eu ouvi uma voz familiar de garota me chamar. Era Onyx. Seu cabelo estava penteado com longas maria chiquinhas (pigtails), com laços de teia de aranha. Ela e Scarlet correram até mim.

- Estou tão triste por nós fingirmos não te conhecer no Festival de arte, - Scarlet desculpou.

- Será que algum dia irá nos perdoar? - Onyx pediu.

- Temos de manter um perfil baixo, quando estamos no mundo mortal, - disse Scarlet.

- Eu também, mas às vezes eu esqueço, - eu disse.

- Eu não poderia admitir que tínhamos nos conhecido aqui, - disse Onyx.

- Eu entendo, - eu respondi. - O que eu estava pensando?

Mas eu me sentia triste. Há muito que eu não me encaixava em Dullsville, eu ainda era eu - 24 horas por dia, 7 dias na semana. Eu realmente não sabia o que significava esconder parte de mim - ou tudo de mim - dos outros, como Onyx, Scarlet, Jagger, e Alexander faziam em uma base diária. Enquanto Alexander tinha sucesso no isolamento e Jagger com seu ego ameaçador, todos eles eram realmente isolados. Eu percebi mais do que nunca que, para muitos dos vampiros como Scarlet e Onyx, este clube era a sua única salvação.

- Há tanta coisa acontecendo, - disse Scarlet, sua voz repleta de preocupação.

- Você não sente a tensão? - Onyx perguntou. - O clube está prestes a explodir!

- Eu sei - há algo que eu tenho que dizer há vocês... - eu comecei.

- Alguma coisa vai acontecer hoje à noite, - Scarlet interrompeu.

- E isso vai ser mais tarde esta noite, se você precisar dormir aqui, - Onyx ofereceu.

- Vocês dormem no clube? - Eu me perguntei em voz alta.

- Scar não, - Onyx começou. - Ela mora na cidade. Mas eu fico aqui quando eu visito. Isso é o que há de tão legal sobre o clube e o porquê de nós estarmos esperando que não mude.

- Gostaria de ver o meu canto de dormir? - Onyx perguntou orgulhosamente. - Nós podemos te contar mais lá...

- Sim, - eu declarei entusiasmadamente.

Eu estava curiosa para ver que tipo de quarto para dormir Jagger havia criado para os membros do clube serem atraídos para Hipsterville.

Mais uma vez, eu fui guiada através das tortuosas e estreitas catacumbas, passando por câmaras, sepulturas sagradas, e túmulos. Tudo parecia familiar, e, ao mesmo tempo eu sabia que eu nunca tinha descido por estes túneis antes. Nós finalmente paramos em frente a uma porta corrediça de metal cinza. Onyx abriu a porta. Nunca na minha vida eu tinha imaginado tal habitação de vampiro.

O quarto sem janelas era do tamanho de um armazém. Aquilo era um sonho de diretor funerária que tornou realidade. Um caixão após o outro descansavam sobre a sujeira chão, perfeitamente alinhados, dez caixões lado a lado. Mas o que era ainda mais macabro eram os caixões suspensos por cima deles, pendurados no teto por fios de aço, como obscuras espreguiçadeiras.

Com uma batida, o portal se fechou atrás de nós.

Eu esperei que as tampas dos caixões pulassem abertas e faiscantes presas de vampiros para gritar, "Surpresa!" Mas não aconteceu nada. Devo ter aparecido invulgarmente pálida porque Scarlet colocou suas mãos com unhas pintadas de vermelho sangue no meu ombro.

- Não se assuste, - ela me tranquilizou. - É só uma porta de saída de incêndio.

- Deixa eu te mostrar o meu caixão, - disse Onyx animadamente.

Eu não tinha certeza de como os seus proprietários poderiam dizer qual deles era, porque todos eles pareciam idênticos. Nós andamos através das camas vampiros para a frente da sala.

- Este é o meu, - ela disse, tocando no canto superior.

De um lado estava uma pedra de ônix preto, delineado em branco. Ela levantou a tampa do caixão. No interior haviam lençóis xadrez em vermelho e preto, um edredon, uma travesseiro combinando, um iPod preto, um feio boneco de morcego preto gelo. (*http://images.vinylpulse.com/vp_pics/super7/halloween_ice-bat/ugly_dollsxSuper7_b.jpg fotinho da criaturinha)

Ela fechou a tampa casualmente, como se aquilo fosse um case de guitarra de tamanho real.

Quando eu imaginei me tornar um vampiro, eu nunca imaginei isso - dormir entre estranhos como em um albergue da juventude para mortos vivos, apenas pela possibilidade de acordar, dançar, e estar com outros vampiros. Era esta a vida que eu estaria levando se eu me juntasse ao Submundo? Para manter para sempre uma identidade escondida, ou arriscar tudo para ser conhecida em torno mortais?

Era a hora de eu dizer a Onyx e Scarlet sobre o círculo na plantação e o que eu havia ouvido.

- Nós estávamos enganadas, eu estava enganada. Sobre Phoenix. Ele não quer expor o clube. Ele quer que a gente permaneça em paz.

- Você está brincando, - disse Onyx com descrédito.

Os olhos vermelhos de Scarlet cresceram com raiva. - Então tinha sido Jagger... o tempo todo

- Sim! Ele e Phoenix se confrontaram no círculo da plantação. Jagger tem convidado vampiros para cá com o pretexto de um clube seguro para se encontrar, mas o tempo todo ele estava planejando reunir membros suficientes para retomar a cidade.

- Ele enganou todos nós o tempo todo! - Scarlet exclamou.

- Temos que fazer algo antes que ele arruíne o clube, e a nós! - Onyx ordenou.

O portal se abriu. Era o namorado loiro de Scarlet e ele parecia muito preocupado. - Aí está você! - Ele foi ao encontro de Scarlet. - Alguma coisa está acontecendo... - Ele parou quando ele me viu. - Eu temo que vamos perder o clube.

Antes que ele tivesse chance de explicar, ele agarrou a mão de Scarlet, que por sua vez pegou a de Onyx. Onyx agarrou a minha, sua suave palma transpirava. Eu fiquei ainda mais ansiosa, o que poderia fazer uma vampiressa nervosa?

Nós entramos no labirinto escuro e estreito das catacumbas. Era como uma casa mal assombrada de Halloween, apenas os voluntários clientes eram vampiros na vida real. Presas à mostra, compleições cadavéricas, vampiros com lábios azuis, todos vestindo camisetas brancas, saíam pelas arcadas enquanto passávamos com pressa através delas. Eles nos ameaçavam, lambendo os lábios, olhos vermelhos com raiva, aproximando de nós e tentando segurar alguma coisa, de nossas camisas às nossas saias. Partes das catacumbas eram tão curvadas que eu fiquei com medo de ficarmos separados. Outras voltas eram tão escuras que a única coisa que eu sentia era a mão de Onyx e minhas botas batendo no irregular chão sujo.

Quando uma simples lâmpada eventualmente iluminou nosso caminho, eu vi que não era a mão de Onyx que eu estava segurando mais. Quando olhei para cima, deixei sair um horrível grito. Um vampiro de olhos vermelhos estava prendendo minha mão, suas unhas eram longas como facas. Antes eu pudesse dar nele um rápido golpe de karatê ou bater com o pé em seus tênis xadrez, Onyx pegou o rosto dele, seus olhos brilhantes com fúria, e me puxou para longe dele.

Alguém pulou para fora das sombras, bloqueando meu caminho. - Vote em Jagger se você sabe o que é bom para você.

Eu tinha conseguido saltar em redor dele quando outro vampiro, olhando para baixo da passagem em arco, advertiu, - Jagger possui a única linhagem que vale a pena seguir.

Onyx apertou minha mão e eu recebi um enorme puxão, me lançando em direção a nosso espaço. Nós todos deslizamos e desembarcamos com segurança em uma câmara onde um místico nevoeiro permeava o ar e uma fila de membros esperava, seus destinos incerto.

Gostaríamos de estar fora das catacumbas.

Na câmara descansava um pódio quadrangular dentro de uma cortina de veludo vermelho. Um a um, os membros entraram nas cabines como se fossem votar em uma eleição nacional.

- Assine, - ordenou um vampiro, orientando-nos para uma folha de papel corrido percorrendo uma longa mesa de carvalho.

Onyx pegou uma pena mergulhada em tinta e escreveu o nome dela, tão bonita quanto a caligrafia. Eu rascunhei abaixo Raven Madison.

- O que estamos votando? - Eu perguntei a Onyx.

- A direção do clube.

O cara nos entregou um pedaço de um papel de pergaminho do tamanho de um livro de bolso, um alfinete dentro de um recipiente de plástico, e um algodão embebido em álcool.

- Onde está a caneta? - Perguntei.

- É isso aí, - disse ele com desdém, chacoalhando o recipiente que encaixava o alfinete.

- Eu realmente não tenho certeza... - Eu comecei quando um outro membro me expulsou para um estande logo após Onyx.

Ele fechou a cortina de veludo vermelho em volta de mim. Depositei meu pergaminho no pódio. Dois nomes vampiro diante de mim - JAGGER e PHOENIX - em uma caixa vazia ao lado de cada um. Debaixo do nome de Jagger lia-se EXPANSÃO DO CALABOUÇO. Debaixo da de Phoenix estavam as palavras RESGUARDAR O CALABOUÇO.

Eu esperei um momento pelas instruções, mas ninguém veio. Ao contrário da escola, não havia professores ou instruções impressas, por exemplo, "Preencher completamente o círculo", "Use um lápis número dois", ou "Pressione firmemente."

Eu era um clube vampiro, depois de tudo, só poderia haver uma maneira de votar.

Eu esterilizei meu dedo com uma esfregadela, em seguida, dei um suspiro profundo e piquei minha pele. Eu estava tão nervosa, eu achei que eu fosse sangrar até a morte, mas em vez disso, nem sequer uma gota veio à tona. Com minha outra mão, eu espremi meu dedo com todas as minhas forças. Uma gota de sangue do tamanho de um ponto se formou, em seguida, ela cresceu tão grande quanto uma borracha de lápis. Como se meu dedo fosse uma caneta, eu marquei uma caixa com um sangrento X.

Eu me encontrei com Onyx, Scarlet, e seus respectivos mortais namorados na cadeira elétrica. Nós não desperdiçamos tempo em regressar a pista de dança, agora repleta com preocupados clubsters. Houve menos dança e mais falação, amontoado, e inquietação. O palco estava vazio de grupos de banda ou instrumentos.

Eu não tinha certeza do que era que estávamos esperando exatamente - uma celebração? Uma luta? Afinal, eu estava em um clube vampiro - nós poderíamos estar esperando por um sacrifício.

Alguns minutos mais tarde, Dragão foi ao palco segurando uma pilha de cédulas de pergaminho. Ele embarçosamente foi até ao microfone. Ele obviamente parecia mais confortável confrontando os membros na porta de tampa caixão do que falando em frente a eles.

Ele deslocou para frente e para trás constraidamente e limpou sua garganta. - Os resultados estão aqui, - ele declarou, uma mão em seu camuflado bolso cargo.

A multidão irrompeu em gritos. Os membros de camiseta branca cantavam, "Jagger, Jagger", enquanto outros gritaram, "Phoenix, Phoenix."

Phoenix e Jagger, ladeado por seus grupos, entraram no palco de lados opostos como pugilistas entrando em um ringue.

Jagger jogou seus braços para cima no ar enquanto Phoenix dobrou os braços e hesitou.

Dragão limpou sua garganta novamente. - E agora... o que vocês todos esperavam... O Mestre do Calabouço é...

Todo mundo fez silêncio.

Então Dragão se inclinou para o microfone e gritou, - O Mestre do Calabouço é... Phoenix!

A multidão gritou, embora os membros em camisetas brancas estavam visivelmente desapontados.

Eu agarrei a mão de Scarlet. As garotas gritavam de alegria e nós levantamos os nossos braços e dançamos.

Dragão era duas vezes mais alto e três vezes mais largo do que Jagger.

- É hora de Jagger devolver sua chave mestre, - ele exigiu, e retirou o cordão ao redor do pescoço de Jagger.

Dragão retornou para o microfone. - Este é a única de uma espécie e não pode ser duplicada, - Dragão anunciou. - É a única chave que pode bloquear ou desbloquear definitivamente o clube, dando ao titular o controle total.

Phoenix tomou o microfone para a trovada de aplausos e vivas enquanto Dragão apresentava a ela a brilhante chave dourada.

A multidão gritou novamente quando Phoenix acenou sua aceitação. - Para a nossa própria sobrevivência, - ele começou no seu pesado sotaque romeno, - temos de permanecer anônimos e pacíficos. O Calabouço se tornou um lugar perfeito para sermos nós mesmos. Não temos de ser violentos por sermos vampiros.

A multidão gritou com entusiasmo.

- E o que é mais importante é que não olhemos para uma pessoa como um líder. Enquanto nós nos mantermos em um caminho pacífico, eu renuncio o controle para seus reais líderes - vocês!

Phoenix bateu nas mãos de sua gangue, saiu do palco e desapareceu.

- Isso foi incrível! - Scarlet gritou.

Onyx e Scarlet juntaram suas mãos com a minha e nós pulamos para cima e para baixo, rindo e aplaudindo como um círculo de margaridas tipo de brincadeira com as mãos e braços. As chiquinhas de Onyx e os cachos de Scarlet saltavam como os de meninas em um jardim de infância.

Jagger saltou no palco e pegou o microfone. - Não estejam tão prontos para tomar seu clube dele! - O barulho morreu e finalmente parou. Todo mundo estava confuso com o reaparecimento Jagger.

- Um de nossos membros é uma fraude! - Ele desafiou. - Na verdade, ela não é um membro! Nós somos um clube dos imortais e um de nós é, na verdade, um mortal!

Sussurros rapidamente se espalharam por todo o clube como um incêndio. Eu estava honestamente tão ligada no momento, que eu suspirei junto com Scarlet e Onyx.

- O resultado da votação é nula e sem efeito! - Jagger argumentou. - Phoenix não é o seu vencedor!

- Isso é estranho, - comentou Onyx para mim. - Quem iria querer ser um mortal cercado por vampiros? Será que tem vontade de morrer?

- Eu exijo uma recontagem! - Gritou Jagger.

A gangue de Jagger ficou no palco e analisou a pilha de cédulas, uma por uma.

A multidão estava no limite como se estivessem à espera de uma ordem de execução.

Vários dos apoiantes do Phoenix subiram no palco e cercaram o grupo de Jagger.

- Um destes não é um verdadeiro sangue de vampiro, - disse Jagger, acenando a pilha no ar.

- Aqui está! - um dos auxiliares de Jagger gritou como se ele encontrasse um bilhete de loteria vencedor.

Jagger arrebatou ele de sua mão.

- Este é um sangue mortal! - Ele proclamou. - Eu disse a vocês! Experimente isso por si mesmos!

O confuso grupo de imortais estavam agora falando calmamente entre si.

- Eu sei quem é o mortal! - Declarou Jagger.

A multidão começou a descrentemente olhar ao redor. Ninguém acreditava que a pessoa ao lado delas poderia não ser um dos mortos vivos. Por um momento nem eu. Talvez fosse de alguém que ele estivesse falando.

O medonho grupo olhou para Jagger por uma resposta.

Jagger estava exalando raiva. - O mortal está escondido entre vocês. E ela está de pé ali! - Ele botou para fora, apontando para mim.

Os clubsters ofegaram com descrédito.

Meu estômago caiu. A qualquer momento a multidão dos vampiros iria me agarrar.

Dragão empurrou seu caminho até o microfone. - Isso não importa! - ele disse, segurando minha cédula e o foco do grupo. - Phoenix tem duas vezes mais votos que você.

Seu rosto já branco de fantasma ficou pálido.

- Phoenix venceu justo e honesto! - Dragão proclamou.

A multidão gritou em um rugido ensurdecedor.

Jagger olhou para eles, então para mim, seus olhos azuis e verdes tornando num vermelho furioso. Ele jogou as cédulas e saiu do palco.

Um do seu grupo foi para o microfone. - Ainda temos um mortal entre nós!

- Calma, - disse Dragão, mas os membros vestidos de camiseta branca ficaram mais inquietos.

Todos na multidão viraram para mim, mostrando suas presas.

- Lembre-se do por que vocês votaram em Phoenix, - Dragão dirigiu.

Scarlet e Onyx pareciam desorientadas.

- Estou tão... - eu supliquei.

- Pensei que fosse nossa amiga, - disse Scarlet desapontada.

- Eu era. Eu sou. Só porque eu sou mortal, não significa...

O grupo de Jagger estava se fechando em nossa volta.

- Você mentiu para nós, - argumentou Scarlet.

- Eu menti? Eu nunca disse que eu era um vampiro.

- Ela esta certa, - defendeu Onyx. - Nós gostamos dela porque ela é legal. E isso não mudou. Na verdade, ela é valente. Eu nunca teria saído com os vampiros antes que eu tivesse mudado.

- Eu não queria que..., - eu disse a Scarlet.

Então a disposição de Scarlet suavizou. - Não importa para mim se você é mortal, - ela concordou. - Eu gostei de você porque você é você.

O resto do clube era muito menos indulgente. A gangue de Jagger me rodeava.

- Ela pode revelar tudo ao mundo exterior, - um disse.

- E destruir o nosso anonimato! - Gritou outro.

- Ela tem de tomar uma decisão!

- É melhor mudar agora! - Exigiu um.

- Você deve decidir por toda a eternidade, - um disse sedutoramente. - Você não vai se arrepender disso.

- Só existe um jeito para ser um membro! - Ordenou outro, suas presas de ouro brilhando.

- O nosso jeito é o melhor caminho, - alguém acrescentou.

- Estamos oferecendo a você a chance da imortalidade. Você prefere ser enterrada em um túmulo ou apenas dormir em um?

- Se junte a nós. Nós não mordemos... - um disse com uma gargalhada.

Scarlet fortemente entrelaçou um dos meus braços e Onyx o outro.

- Afastem-se! - Onyx gritou.

As duas garotas me seguraram com uma valiosa posse, mas me senti mais como uma Piñata (*aqueles bonecos em que os mexicanos recheiam com doces, dinheiro e prêmios e as pessoas tem que bater nele para quebrar). Elas não eram páreo para o furioso motim do grupo de Jagger, e levou apenas alguns minutos para o nosso abraço ser quebrado.

Eu fiquei sozinha, cercada por vampiros sanguinários. O resto do clube estava sem se mexer. Mesmo os vampiros bondosos de Phoenix, que queriam nada mais do que um lugar seguro para ficar, estavam agora em conflito. Eu era mais uma ameaça viva ou morta-viva?

Eu sempre fantasiei sobre me tornar um vampiro, meu corpo descansando nos braços de um sedutor vampiro amante. Eu seria a única que poderia sustentar a sua vida eterna.

Sem mim, ele não existiria e ele seria enterrado profundamente dentro de seu caixão até mesmo na hora iluminada pela lua. Nós viveríamos a nossa vida no submundo juntos - envoltos em mistério. Esta é a imagem que eu sempre tinha na minha mente, e quando eu conheci Alexander, eu senti um eterno amor por ele, meu sonho tornando realidade.

Mas, ser seduzido por uma gangue de soldados do Jagger não era o que eu tinha imaginado. Eu estava vivendo o pesadelo que eu tive algumas noites atrás. Eu não estava pronta para dar minha vida mortal por causa da pressão dos membros. Eu esperaria eternamente por Alexander para me transformar - não um bando de submundamente estranhos. Eu iria sempre querer me tornar um vampiro, mas sob o luar durante uma cerimônia de pacto, e não em uma rixa de clube. Meu coração disparou. Eu esperava acordar a qualquer momento, sem fôlego sobre o futon de tia Libby. Mas isso não aconteceu.

- Não toque nela! - Onyx gritou enquanto alguns mal encarados vampiros seguravam ela para trás.

- Então, você estava andando por aqui... - um membro de camiseta branca disse, aproximando-se de mim. - Isso é o que você sempre sonhou?

O grupo de Jagger lentamente se aproximou, flutuando em torno de mim como um bando de abutres.

- Sim! Só que não desta forma.

- Só existe um caminho para se tornar um membro do nosso clube, - um disse enquanto eles apertavam seu círculo.

Eu virei para minhas novas amigas, Onyx e Scarlet. E para todo o clube em que eu tinha sido aceita e queria que eu permanecesse parte dele.

Embora eu estivesse atraída, fascinada, e mesmo seduzida pelo Calabouço, quando eu encarei a decisão, eu estava disposta a dar minha vida para me juntar? A que custo eu precisava ser um membro do verdadeiro Clube do Caixão?

A qualquer momento, como um herói de ação, eu esperei que Alexander fosse romper através da porta do Calabouço.

Mas Alexander não estava em lugar nenhum para ser encontrado. Ele e Jameson estavam ingenuamente fazendo as malas enquanto eu estava perto de me tornar uma vampiressa.

Mesmo Dragão não estava à vista. Eu tinha que me tirar eu mesma dessa bagunça. Só que eu não sabia como. A entrada estava fechada, e não havia como passar pela gangue dos POSSUÍDOS.

- Eu sempre quis ser como vocês. É por isso que estou aqui. O porquê eu vinha as escondidas! - Eu gritei. - Vocês não vêem isso?

- Então se junte à nós! - um disse.

- Você será eternamente grata, - proclamou um outro. Eles me encararam com olhos hipnóticos. Eu fiquei tonta e desloquei meu olhar para longe.

- Não agora, não desta maneira! - Eu chorei.

Dois clubsters com o POSSUIDO nas camisetas brancas agarraram meus pulsos e jogaram meus cabelos para longe do meu ombro.

Eu estava subjulgada. Eu não podia me mexer. Meu coração estava batendo tão forte que pensei que ia explodir a qualquer momento.

- Não vai doer, - eles disseram, lambendo os seus lábios.

- Bem, é mais como uma picada, - um disse, se inclinando para mim.

- Não! Não desse jeito. Eu quero Alexander!

De repente, o som do motor de uma motocicleta arrancando através das catacumbas foi ouvido.

Phoenix surgiu do túnel e guinchou ao parar no canto da pista de dança. Ele violentamente acelerou o motor repetidamente.

Vários membros deram passos para trás, incertos do próximo movimento de Phoenix. Mas o grupo continuou agarrando meus pulsos ainda mais forte.

Phoenix acelerou seu motor novamente. Quando a gangue de Jagger não se moveu, ele sacudiu a cabeça dele.

Ele impulsionou a moto no reverso e voltou ela lentamente, centímetro por centímetro, nunca tirando seus olhos de cima de mim. Ele se apoiou no arco mais distante, cerca de vinte metros de distância de nós, e recuou para dirigir. Meu coração estava latejando mais alto do que o seu ensurdecedor motor. Quando meus captores não me soltaram, Phoenix acelerou o motor pela última vez. Ele arrancou e veio direto para mim.

Eu congelei. Tudo estava acontecendo em câmera lenta. Phoenix em velocidade em minha direção, seu motor rugindo, poeira pulverizando por trás dele. A multidão na pista de dança rapidamente se dispersou. O meu coração deve ter parado e me esqueci de respirar.

Ele continuou correndo direto para mim. Eu tentei desesperadamente fugir das garras da gangue, mas eu não pude enquanto a Night Rod se aproximava. A qualquer segundo eu estaria tendo rastros de moto em meu corpo. Phoenix estava agora a apenas alguns metros de distância e eu ainda não podia me mexer. Fechei os olhos e disse uma rápida oração. No último segundo, o grupo de Jagger me liberou de suas garras e se moveram para os lados.

Eu deixei sair um terrível grito enquanto a motocicleta freava para parar a poucos centímetros de onde eu estava de pé.

Demorou um pouco antes de eu poder inalar novamente. Meu corpo estava mole e minhas pernas como macarrão na manteiga. Phoenix saltou para fora de sua moto e

estendeu sua mão para mim, mas eu recusei. Eu ainda não sabia quem era esse cara. Talvez Phoenix me quisesse como Mestra do Calabouço.

Ele não agarrou a minha mão ou se inclinou para me morder. Ele realmente pareceu muito surpreso.

Dragão surgiu e, junto com um grande grupo de membros do clube, reuniu o grupo de Jagger retirando suas chaves do clube.

Scarlet e Onyx correram para mim. - Está tudo bem. Phoenix te salvou. Ele vai restaurar a ordem para o nosso clube.

A multidão começou gritando "Phoenix, Phoenix", enquanto as duas garotas me ajudaram a sentar na lustrosa moto.

- Ainda tenho a Chave Mestre, - anunciou Phoenix com um polegar para cima para a multidão.

Todos saudaram.

Eu olhei para fora no meio da multidão dos imortais. Eles, como eu, só queriam um lugar para ficar e ser incluídos por causa da mudança.

A música começou a tocar e muitos gritaram, se beijaram, ou começaram a dançar.

Onyx me deu um aperto forte e eu a abracei de volta tão apertado quanto eu pude. - Volte, por favor, - ela disse, piscando a jóia de ônix em sua presa. - Você tem uma vida inteira como sócia.

- Mantenha-se em contato, - disse Scarlet. - Você tem meu número. Apenas lembre-se de ligar depois do pôr do sol. - Meus...

... pais odeiam ser acordados durante o dia, - nós dissemos em uníssono. Então nós duas rimos descontroladamente.

Eu olhei ao redor do Calabouço - a pista de dança, o bar cheio de bebidas com sangue, as sepulturas e túmulos escavados para ser utilizado tanto para a vida quanto para a morte em meu mundo. Eu nunca estive em um verdadeiro ambiente do submundo, e eu não sabia quando ou se eu estaria em um novamente. Eu tinha sido cercada por vampiros de sangue frio que, eu aprendi, surpreendentemente, tinham o coração aquecido. Eu tinha encontrado o clube dos meus sonhos - o único que eu queria realmente pertencer. Phoenix entregou-me o seu capacete e eu o coloquei na minha cabeça. Eu envolvi meus braços ao redor de sua jaqueta de couro e sorri para Scarlet e Onyx, agora na companhia dos seus namorados. Os membros recuaram, embalados com a música, e acenaram.

Phoenix ligou o motor e eu segurei ele o mais que eu podia enquanto ele dirigia através do labirinto de escuridão, e das catacumbas tortuosas para a saída secreta.

Phoenix sentou na sua moto enquanto eu tirava o cadeado da bicicleta da Tia Libby que estava do lado de fora da biblioteca. Eu senti o seu olhar enquanto eu colocava a pesada corrente de metal ao redor do banco da Schwinn.

Phoenix estava inclinado para trás contra sua moto, suas botas de motoqueiro cruzadas em seu tornozelo e sua calça preta de couro abraçando-o como papel celofane. Sua jaqueta de couro estava aberta, revelando uma camiseta preta, e seus braços estavam dobrados. Seu cabelo roxo flutuava sobre seus olhos escuros, e a luz do luar pairava como uma sombra contra o seu rosto pálido. Ele estava me fitando direto para mim - do jeito que ele estava quando eu vi ele iluminado no Calabouço.

Eu não sabia o que dizer. Phoenix tinha salvo a minha vida. E eu não estava certa quando eu ia vê-lo novamente, ou se nunca.

- Não tenho como te agradecer o suficiente, - eu disse de uma distância segura.

- Bem, você pode experimentar, - disse ele timidamente.

Eu sorri e divertidamente virei meus olhos. - Eu te disse, eu tenho namorado.

Por alguma razão eu percebi que não importava para ele quer eu me entregasse aos seus avanços ou não. Eu quase senti que ele preferisse que eu não tivesse feito isso. Ele parecia ser o tipo de cara que estava confortável vivendo nas sombras, enquanto outro cara pegava a garota.

- Eu estava errada sobre você, - eu confessei. - Você era muito mais benevolente do que eu imaginava. Desculpe por ter te julgado mal.

Ele concordou. - Está tudo bem, - ele respondeu. - Eu julguei mal você também.

- Sério? - Perguntei.

- Sim. Você era muito mais problema do que eu imaginava.

Ambos rimos.

Eu sabia que eu deveria me sentir feliz por Phoenix ter me salvado, mas, em vez disso me senti realmente triste sabendo que nunca mais veria meu novo amigo vampiro novamente.

Eu tinha começado a subir na bicicleta de tia Libby da moto quando eu rapidamente desci e a inclinei contra o apoio.

Corri para Phoenix e envolvi meus braços em volta dele, dando-lhe um longo, aperto forte.

Eu devo ter surpreendido ele, pois ele não me abraçou de volta. Então eu senti seus braços cobertos por couro em volta de mim.

Ele me abraçou também, como se fosse pela última vez.

Eu saltei na bicicleta da Tia Libby e corri me afastando, não sem olhar de volta. Quando eu passei pela rua principal e virei a esquina, eu ouvi o familiar som de rugido da moto correndo pela noite.

14 - Segredos Revelados

Enquanto eu pedalava de volta na direção da tia Libby, fui arrebatada por uma avalanche de emoções. Eu vim aqui para Hipsterville por uma razão apenas - reencontrar-me com o meu namorado. No entanto, uma vez que meu desejo foi realizado, desafiou-me a querer mais do que simplesmente me era preciso - retornar ao clube Caixão sem ele.

Mal eu descobri um intoxicante e perigoso mundo subterrâneo de vampiros no Calabouço, eu tinha estado a uma mordida de distancia de pertencer ao Submundo pela eternidade - tudo sem meu amado Alexander.

Depois de me apaixonar por Alexander, eu não queria só me tornar uma vampira - queria me tornar uma com ele.

Mesmo assim, eu imergi em um mundo em que meu próprio namorado se sentia um estranho. Era isso que Alexander queria para mim? Ou para ele próprio?

Eu atravessei a ladeira abaixo repassando a última semana na minha cabeça. Eu pensei que estava sendo interrogativa e madura quando talvez eu estava apenas sendo medrosa.

E se por acaso Alexander descobriu das minhas aventuras no Calabouço, eu queria que ele ouvisse isso da minha própria boca. Eu queria que ele soubesse que se e quando eu me tornasse imortal, ele é que seria que estaria no meu pescoço.

Me sentia como se tivesse traído Alexander. Estava envergonhada e desapontada comigo mesma. Tinha de confessar a Alexander tudo que eu havia feito. Eu tinha que deixá-lo saber que eu estive tão perto de entrar para o seu mundo, mas que sem ele isso significou nada.

Alexander estava certo por me comprar uma passagem para sair da cidade. Ele sempre soube o que era melhor para mim, e eu tinha tomado o caminho errado. Em vez de dobrar na esquina para o apartamento da tia Libby, eu virei a esquerda em direção a Lennox Hill.

Começou a chover.

Eu ia a toda velocidade através das poças crescentes e dirigia por meio da rua ao longo do beco sem saída que a mansão se encontrava.

Eu pedalei até a rodovia e inclinado a Schwinn contra um pequeno portão. Corri pelas pedras irregulares ao longo do caminho e bati contra a porta da frente.

Ninguém respondeu. Tentei olhar pelas janelas. Eu não vi ninguém na sala principal ou na janela do quarto-sótão. Eu corri ao lado da casa e me virei para as portas traseiras. Meus punhos batem à porta, gotas de chuva começavam a cair.

Eu subi em cima de uma caixa e espiei na janela da cozinha. Não havia sinais de louças, pratos, flores, ou algo semelhante ao que tinham. A mansão já vazia parecia totalmente vaga.

Frustrada, eu corri através dos despenteados jardins infestados cheias de plantas daninhas. Tentei ver por além das janelas do quarto-sótão de Alexander, mas do lugar onde eu estava não tinha uma visão muito clara.

Uma coisa havia mudado. Não tinha cortina na janela.

Meu coração se afundou. Eu chutei o canto do banco de madeira.

Eu tinha uma última chance. Eu me apressei para a garagem. O bloqueio havia sido retirado e a porta estava ligeiramente aberta. Quando eu abri a porta da garagem fiquei chocada, a Mercedes tinha ido embora.

Isso significava uma coisa, Alexander e Jameson já tinha saído da casa senhorial.

Eu não seria capaz de cair nos braços de Alexander e dizer-lhe sobre a minha aterradora noite ou explicar que não queria me tornar um membro do real Clube do Caixão sem ele.

Por agora, a minha confissão teria que esperar.

Eu tirei a minha chave-esqueleto do Calabouço do meu chaveiro e coloquei simbolicamente no chão da garagem.

Uma faixa de relâmpago iluminou no céu e eu vi algo na garagem brilhando. Eu avancei para frente na intenção de examiná-lo mais de perto enquanto o trovão caía ao meu redor.

Eu dei um vislumbre de algo por trás de uma cortina escondido nas sombras. Talvez fosse um caixão ou espelhos da casa senhorial. Umas rajadas de vento sopravam e saliências da cortina me revelaram uma brilhante descarga prata.

Eu me aproximar. Puxei a cortina para trás para revelar o que estava escondido. Eu dei um salto para trás em descrença. Moldura cromada. Guidon. Era uma motocicleta.

Que diabos isso está fazendo aqui? Talvez Alexander tivesse comprado uma Night Rod após admirar a moto fora do clube.

Mas eu sentia um calor emanado da motocicleta como se tivesse acabado de ser usada.

Eu respirei fundo e descobri algo doce pairando o ar. Era o cheiro de Obsession. (*N/T: perfume do Alexander).

Senti uma presença familiar atrás de mim. Eu olhei pro chão atrás de mim. A brilhante motocicleta estava bloqueando o meu caminho.

Eu girei e levei um susto.

Alexander estava olhando para mim, os seus olhos de chocolate olhando suavemente para os meus. Ele estava vestindo uma jaqueta de couro e calças de motocicleta e segurando uma peruca roxa e óculos de sol em uma mão.

Eu estava congelada.

Meus olhos foram subindo vagorosamente pela figura dele acima.

- Era você o tempo todo. - Eu enxuguei uma lágrima da minha bochecha. - Foi você que salvou o Clube do Caixão - e eu.

Alexander puxou para fora suas luvas de motocicleta e estendeu as suas mãos, seu anel de aranha quase brilhando.

Ele me puxou para ele e repousou seus braços em torno da minha cintura.

- É por isso que teve que ficar em Hipsterville tanto tempo? - Perguntei. - Não era por causa do Festival de Arte, mas pela a Festa do Calabouço?

Ele balançou a cabeça concordando.

- Mas por que o disfarce? - Perguntei.

- Jagger e eu finalmente tínhamos chegado a uma trégua. Não era importante só para mim- mas para a minha família. Se ele percebesse que eu estava no Calabouço, ele saberia que eu ouviria a sua verdadeira intenção para o clube e eu tentaria sabotar seu plano. Eu sei que parece estranho, mas eu acho confortante saber que Jagger e eu já não somos mais 'inimigos'. Se eu mostrasse a minha cara, eu correria o risco de começar uma outra rixa. Mas alguém precisava detê-lo. E desde que eu não podia, eu tinha que encontrar alguém que pudesse fazer.

Eu olhei para Alexander, percebendo pela primeira vez porque eu tinha ficado tão balançada por Phoenix.

- É hora de voltar pra casa, juntos. - ele respondeu, e me beijou com a intensidade muito misteriosa dos vampiros. Então ele lambeu seus lábios reluzindo suas presas e sorriu. - Pela eternidade.

FIM!!!